



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Instituto de Artes

VALÉRIA ELISABETE RODRIGUES

**IMAGENS E HISTÓRIAS EM ARTE TERAPIA:
Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte.**

São Paulo

2015

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes

VALÉRIA ELISABETE RODRIGUES

IMAGENS E HISTÓRIAS EM ARTE TERAPIA:

Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte.

São Paulo

2015

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

R696i	Rodrigues, Valéria Elisabete, 1965- Imagens e histórias em arte terapia : experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte / Valéria Elisabete Rodrigues. - São Paulo, 2015. 177 f. ; il. color Orientador: Prof^a. Dr^a. Geralda M. F. Silva Dalglish. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. 1. Arte. 2. Arte-terapia. 3. Psicologia. 4. Arquétipo (Psicologia). I. Dalglish, Lalada. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 701.15
-------	---

VALÉRIA ELISABETE RODRIGUES

IMAGENS E HISTÓRIAS EM ARTE TERAPIA:

Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais. Área de concentração: Processos e procedimentos Artísticos.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Geralda M. F. Silva Dalglish (Lalada)

São Paulo

2015

VALÉRIA ELISABETE RODRIGUES

IMAGENS E HISTÓRIAS EM ARTE TERAPIA:

Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Artes Visuais no Curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, com área de concentração em Processos e Procedimentos Artísticos, pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª Dr^a Geralda M. F. Silva Dalglish (Lalada)

Universidade Estadual Paulista – UNESP - Orientadora

Prof^ª Dr^a Lilian Amaral

Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^a Luiza Christov

Universidade Estadual Paulista – UNESP

São Paulo, ____ de _____ de 2015.

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho contei com o apoio e o carinho de muitas pessoas:

Aos meus colegas do Coletivo ACATE, Zé, Bete, Lino, Ângela, Priscilla, Viviane e Luana.

À Profa. Dra. Lalada Dalglish, grande incentivadora da interface da Arte e Terapias Expressivas dentro da Universidade e orientadora desta pesquisa.

À Agência CAPES, por meio do fundo de pesquisas no Instituto de Artes da UNESP-SP.

À Profa. Dra. Suely Master, coordenadora do Projeto de Extensão ArtInclusiva pelo acolhimento e dedicação.

Aos queridos que passaram como colaboradores, Sheila, Rodrigo, Felipe, Gabi, Beatriz, Gabriela, Natasha, César e Kauê e aos mais que queridos que participaram das oficinas e seus cuidadores, que depositaram no projeto a confiança essencial para que um trabalho possa acontecer e se estabelecer; Aos participantes da Oficina UNATI de cerâmica.

Aos professores do Instituto de Artes: Luiza Christov, Lilian Amaral, Agnus Valente, Kathyia Ayres de Godoy, Norval Baitello Jr, Zé Leonardo e do Prof. Palma.

Aos funcionários do Instituto de Artes: Vera do Laboratório de Cerâmica, Fabio, Ângela, Gedalva, Neuza, Daniel, Veridiana, Silvana, Fabiana, Afonsina, Ricardo, entre outros queridos.

Aos queridos colegas do grupo da pós-graduação do IA e dos Grupos de estudo com Santina Rodrigues e Ajax Perez Salvador: Luciano, Lígia, Bettina, Giselda, Augusto, Telma, Sonia, Eliana, Wlândia, Rosinha e Paulo. Aos meus queridos amigos: Juliana, a melhor amiga que uma bocó pode ter; Eleila, Luciana, Bete, Flávio, Vicente, Marcelo, Paulo, Genial, Marcio, Anchises, Edu, André, Ana (Meu Luxo), Amanda, Kátia, Ana Paula, Jackson, Jojó, Erika, Adri, Mimi, Helena e a Turma Saia do Casulo.

À Sueli dos Santos, pelo poema *Pelo Profundo*

À família mais que querida: Pai, Dirce, Valter, Augusta, André, Tereza, Wagner, Fernanda, Bia, Junior e Marta. Em especial para Rafaela e Wagner meus anjos. Às mulheres da minha vida agora num campo sutil: Mami, Tia Alayde e Vó Rosa;

Aos Deuses e Deusas, deixando rolar.

A arte desperta o inconsciente.

Francisco Brennand

PELO PROFUNDO

Não há formulas
para absorver dores.
Nem retratos que valham
a presença calorosa da existência.

No silêncio,
a dimensão de quem sofre
é adaga pontiaguda
amortecendo a dúvida
do instante em que ser
é ruptura e desabrigo.

Por isso o café forte
e a noite escura
cobrindo as frestas.
Melhor o silêncio do vazio
que a presença equivocada
da superficialidade.

Sueli Santos

RESUMO

IMAGENS E HISTÓRIAS EM ARTE TERAPIA: Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte.

A dissertação descreve a articulação e o processo criativo de experiências em arte terapia fundamentadas pelo método transdisciplinar de abordagem do conhecimento, dialogando com a arte à luz do conceito de hibridismo (Valente, 2008), com a epistemologia da complexidade (Morin, 1998) e com a psicologia arquetípica (Hillman, 2010). Apresenta o histórico da Arte Terapia no Brasil com o intuito de refletir e discutir sobre a promoção da Inclusão Social ou acessibilidade através de experiências artísticas colaborativas. Tem como base o Projeto Piloto do coletivo de artistas – arte terapeutas ACATE - Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas, idealizador da parceria que se estabeleceu entre alunos de especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA - Instituto de Artes UNESP - Universidade Estadual Paulista com graduandos em Artes e docentes da referida Universidade para a implantação do Projeto de Extensão Universitária ArtInclusiva no campus do IA da UNESP, de março de 2011 até março de 2013, além de outras experiências da autora em arte terapia com foco no trabalho com grupos. Visa também promover problematizações e pesquisas por meio da questão central: *A arte terapia pode ter objetivos artísticos?* O presente trabalho justifica-se pelos excelentes resultados alcançados na facilitação do acesso à arte, à educação, à promoção do desenvolvimento humano e pelas transformações psíquicas em todos os envolvidos. A proposta revelou-se um importante espaço de formação de profissionais e pesquisas contemporâneas, promovendo competências nos colaboradores e na comunidade; uma oferta única e diferenciada por meio da equipe de trabalho e da estrutura que o IA-UNESP disponibiliza e que pelos seus importantes resultados alcançados merece ser documentada para ilustrar ou servir como referência de uma iniciativa transdisciplinar para a produção de um processo e procedimento artístico híbrido.

Palavras-chave: Arte. Arte Terapia. Poéticas Híbridas. Psicologia Arquetípica.

ABSTRACT

IMAGES AND HISTORIES IN ART THERAPY: Experiences on interfaces of psychology, education. and art.

This dissertation describes the articulation and the creative process of experiences in art therapy based on transdisciplinary method of knowledge approach, making connections with art in the light of the concept of hybridity (Valente, 2008), with the epistemology of complexity (Morin, 1998) and with the archetypal psychology (Hillman, 2010). The research presents the history of Art Therapy in Brazil to reflect and discuss about the promotion of Social Inclusion through the art (collaborative experiences). The basis of this work comes from the art group ACATE - Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas, which has been born from a partnership between the students of specialization program in Art Therapy/ Expressive Therapies of UNESP – Universidade Estadual Paulista with art students and professors of the same university to create the University Extension Project ArtInclusiva from 2011 March to 2013 March, besides other experiences of the author with art therapy focusing in group works. It also intends to promote reflections and searches through a central question: *Can art therapy have art goals?* This work is totally justified considering the excellent results in terms of making easily the access to art issues, art education, the promotion of human development and also the psychological changes in all the people involved with the project. The proposal proved to be an important space to train professionals, promoting skills in the people involved with the project; and unique and different proposal with work group and all the facilities available at IA – UNESP. For all this reasons, it deserves to be documented to show or guide transdisciplinary initiatives to create artistic hybrid process or procedure.

Key words: Art. Art Therapy. Hybrid Poetics. Archetypal Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa: Coletivo ACATE foto de divulgação, 2012. Instituto de Artes/UNESP, 2012. Foto: Bete Nóbrega

Figura 1: Hieronymus Bosch. Nau dos Insensatos, sem data definida entre 1500 e 1503. Holanda. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_dos_Loucos_\(Bosch\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_dos_Loucos_(Bosch)) acesso em: 04/03/2014

Figura 2: Livro Vermelho. Foto de Divulgação, 2010. Disponível em: http://tricksterianas.blogspot.com.br/2010/08/lancamento-do-livro-vermelho-em_27.html acesso em: 28/10/2014

Figura 3: Carl Gustav Jung. Ilustrações do Livro Vermelho entre 1914 e 1930. Disponível em: <http://puro.cc/o-indecifavel-mapa-de-uma-viagem-criativa/> acesso em: 28/10/2014

Figura 4: Carl Gustav Jung. sem data e local definido. Disponível em: <https://armonte.wordpress.com/tag/carl-gustav-jung/> acesso em 12/10/2013.

Figura 5: Carl Gustav Jung. Livro Vermelho. Museu Rubin. Nova York, 2009. Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/mundo/noticia/?id=200137> acesso em: 12/10/2013.

Figura 6: Jung: The red book. Divulgação do site oficial da 55ª Bienal de Veneza, disponível em www.labiennale.org/en/mediacenter/photo/55-fl.html. Jung 815x543. jpg. p. – acesso em: 25/10/2013.

Figura 7: James Hillman. Sem data e Local definido. Disponível em: <http://www.springpublications.com/uniformmeditation.html> acesso em: 12/10/2013.

Figura 8: Nise da Silveira e Jung, Exposição Imagens do Inconsciente no II Congresso de Psiquiatria. Zurique. 1957. Foto: Almir Mavignier. Disponível em: <http://mundoarquetipico.blogspot.com.br/2009/11/debate-10-anos-de-morte-de-nise-da.html> acesso em: 12/10/2013.

Figura 9: Osório Cesar. Hospital Juqueri, 1923. Disponível em: http://www.crsp.org.br/porta/comunicaao/jornal_crp/129/frames/fr_memoria.aspx acesso em: 12/10/2013.

Figura 10: Lygia Clark. Sem data e local definido. Disponível em: <http://mulheres-incriveis.blogspot.com.br/2013/01/lygia-clark.html>. acesso em: 12/10/2013.

Figura 11: Instituto de Artes-UNESP. São Paulo, 2015. Foto: Valéria Rodrigues

Figura 12: ArtInclusiva e ACATE. Instituto de Artes-UNESP. São Paulo. 2012. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 13: Coletivo ACATE, foto de divulgação, 2012. Instituto de Artes/UNESP, 2012. Foto: Bete Nóbrega

Figura 14: ArtInclusiva. Oficina Música. Instituto de Artes-UNESP, 2012. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 15: Logomarca ArtInclusiva. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Autoria: Bete Nóbrega.

Figura 16: ArtInclusiva. Oficina Pintura. Instituto de Artes-UNESP, 2012. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 17: ArtInclusiva. Cartaz. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Autoria: Bete Nóbrega.

Figura 18: ArtInclusiva. Cartaz. Instituto de Artes-UNESP, 2012. Autoria: Bete Nóbrega.

Figura 19: ArtInclusiva. Oficina Burnier. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 20: ArtInclusiva. Oficina Desenho. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: José Antonio do Carmo.

Figura 21: ArtInclusiva. Oficina Cerâmica. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 22: ArtInclusiva. Oficina O Atelier Compartilhado de Artes - ACATE. Instituto de Artes-UNESP, 2012. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 23: ArtInclusiva. Oficina Colagem. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: José Antonio do Carmo.

Figura 24: ArtInclusiva. Oficina Dança Circular. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 25: ArtInclusiva. Oficina Stencil art. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 26: ArtInclusiva. Oficina Bonecos. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 27: ArtInclusiva. Oficina Expressão Corporal. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 28: ArtInclusiva. Oficina Circo. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 29: ArtInclusiva. Oficina Circo. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: Valéria Rodrigues.

Figura 30: ArtInclusiva. Equipe de trabalho/2012. Instituto de Artes-UNESP, 2011. Foto: s/autor conhecido.

Figura 31: ArtInclusiva. Cartaz. Instituto de Artes-UNESP, 2012. Autoria: Bete Nóbrega.

Figura 32: Capa do Jornal Diário Oficial. Novembro/2012.

Figura 33: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 34: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Aquecimento. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 35: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Argilas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 36: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Estecas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 37: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Formatividade. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 38: ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Relação dialética. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 39: Oficina Narrativas que o barro promove. Material coletivo. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 40: Oficina Narrativas que o barro promove. Placas colaborativas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 41: Oficina Narrativas que o barro promove. Placas Colaborativas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 42: Oficina Narrativas que o barro promove. Placas colaborativas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 43: Oficina Narrativas que o barro promove. Finalização criatividade. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Alexandre Gomes Vilas Boas.

Figura 44: Oficina Narrativas que o barro promove. Arte terapeutas. Instituto de Artes-UNESP, 2013. Foto: Bete Nóbrega.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AATA – American Art Therapy Association

ACATE – Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas

ATR – Associação Americana de Arteterapia

CAM – Clube de Arte Moderna

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil

CISC – Centro Internacional de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia

DACEFC – Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação

IA – Instituto de Artes

IJEP – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa

ICMS – Imposto Sobre Circulação de Mercadorias

MAM – Museu de Arte Moderna

MASP – Museu de Arte de São Paulo

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PPGARTES- Programa de Pós-Graduação em Artes

PROEX – Pró- Reitoria de Extensão

PUC- Pontifícia Universidade Católica

UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SBPA – Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
0.1 O ser e suas inquietações, um memorial descritivo.....	15
0.2 O objeto de estudo arte terapia	21
CAPÍTULO I – CONCEITOS E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA ARTE TERAPIA	27
1.1 O que é arte terapia, para que serve e como funciona	28
1.2 A formação de arte terapeutas no Brasil.....	33
1.3 Histórico da Arte Terapia e sua relação com os campos da Arte e da Psicologia	36
1.4 O início da Arte terapia nos Estados Unidos	43
1.5. O início da Arte terapia no Brasil.....	46
CAPÍTULO II – FONTES DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO	51
2.1 Jung e Hillman, uma escuta arquetípica	54
2.2 A psicologia Arquetípica do pós-junguiano James Hillman	63
2.3 Nise da Silveira e Almir Mavignier e o Ateliê de pintura de Engenho de Dentro Rio de Janeiro, 1946 - Centro Psiquiátrico Dom Pedro II	68
2.4 Osório Cesar e a Escola Livre de Artes Plásticas	72
2.5 Lygia Clark: Do concretismo à arteterapia.....	75
2.6 O Instituto de Artes da UNESP e seus tesouros	77
CAPÍTULO III - ACATE – ATELIER COMPARTILHADO DE ARTES E TERAPIAS EXPRESSIVAS E A PARCERIA QUE SE ESTABELECEU COM O PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ARTINCLUSIVA/ IA-UNESP	81
3.1 Os arte terapeutas do ACATE – Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas	87
3.2. O que é o projeto ArtInclusiva – IA – UNESP	94
3.3. Projeto ACATE dentro do ArtInclusiva.	96
3.4 Estudo de caso: Métodos e procedimentos do ArtInclusiva – ACATE	102
CAPÍTULO IV – 4. ARTE TERAPIA UMA POÉTICA HÍBRIDA	119
4.1 Oficina narrativas que o Barro promove	121
4.2 Como a argila foi usa com objetivos poéticos	123

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ou a arte terapia como processo e procedimento artístico	131
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
7. APÊNDICE	145
8. ANEXOS	161
Unesp promove projeto de arte inclusiva em São Paulo	174

INTRODUÇÃO

A vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de arte? Por que a lâmpada ou a nossa casa pode ser uma obra de arte e a nossa vida não?

FOUCAULT, 1984.

0.1 O ser e suas inquietações, um memorial descritivo

A arte terapia se apresentou e se configurou como objeto de pesquisa em minha vida, articulando ideias recentes e diálogos com outros saberes adquiridos no caminho percorrido antes de chegar ao IA-Instituto de Artes da UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA em março 2010. Neste trilhar em ressonância com os meus sentidos incluo o “o conhecimento na Alma”, que se apresenta em circunstâncias e eventos marcantes e inspiradores no movimento da vida, animicamente, de forma sutil, pontual ou brutal, confirmando minhas escolhas.

Sempre quis estudar artes, mas o acesso ao sistema artístico na periferia de São Paulo-SP, no bairro onde nasci em 1965 e vivi durante os meus primeiros dezenove anos, se deu apenas em pequenos eventos na escola primária onde contos infantis eram teatralizados em algumas datas comemorativas ou em algumas aulas de colorir desenhos em figuras mimeografadas. No ginásio, apesar de por dois anos ter a disciplina Educação Artística como obrigatória, o acesso aos suportes artísticos e processos criativos foi novamente muito limitado e não havia alternativas educacionais ou culturais disponíveis e acessíveis nas imediações de onde morava. Sobrava tempo então para as brincadeiras e atividades lúdicas entre os amigos da vila e os do interior, porque passávamos muitos meses na casa de nossa avó materna em Tupã-SP, onde a rotina era a exploração dos pomares e brincadeiras de rua, do início ao fim do dia, disfarçando o que hoje se denominaria uma personalidade hiperativa.

Quando chegou a época do segundo grau, optei por uma Escola Técnica em Publicidade, o que me permitiu conhecer outros bairros e estilos de vida, e me juntar ao grupo de teatro e de futebol dos alunos, e assim se passaram três anos. Cresci me sentindo filha do tropicalismo em suas concepções artísticas e políticas. De alma inquieta, a cidade de São Paulo não me bastava, e em 1988 resolvi me aventurar. Durante seis meses vivi em La Paz, capital da Bolívia e de lá viajava para conhecer localidades andinas, ou na região do altiplano,

por caminhos inóspitos e quase intocados apesar da milenar presença humana. Sua cultura e as tradições populares, Deuses, templos e crenças conheci percorrendo paisagens da Cordilheira dos Andes.

Nas alturas daquelas montanhas, contemplando a magnitude da vida, decidi que iria me mudar para Maceió-AL, alimentada por um sonho de infância de viver junto ao mar e à natureza. Aos poucos fui conhecendo pessoas na nova cidade, e em pouco tempo lá estava eu trabalhando como produtora de eventos e locutora-apresentadora do polêmico programa de Rádio FM *Brilho da Cidade*, idealizado por um anarquista, Walmar Buarque. Do Brilho, fui me credenciando para outras emissoras e atividades, exercitando o aprendizado da publicidade e descobrindo um talento para a comunicação de massa e para o trabalho com receptivo e eventos que até então eu desconhecia. Em 1993, após cinco anos entre céu azul, mar, palcos, bastidores e estúdios de rádios, a natureza e o trabalho já não davam mais conta das minhas inquietudes e saudades e resolvi voltar para São Paulo. Trabalhei ainda por um ano e meio no litoral paulista como locutora e apresentadora da emissora Nativa FM e na produção de um programa específico sobre esportes radicais e turismo de aventura, o *Radical Session*.

Do legado como comunicadora e entrevistadora iniciou-se uma longa atuação profissional em estudos qualitativos de pesquisa, e para me especializar em conversar com pessoas sobre variados assuntos, mantendo neutralidade na coleta dos dados, aproximei-me da Psicologia. Durante dezenove anos, prestei serviço em inúmeros estudos sociais e de mercado para empresas líderes de diversas categorias de produtos e serviços, viajando por renomados institutos privados e fundações. Conversar com pessoas, de todas as classes sociais e idades, sobre diferentes temas, em todo o território nacional, descobrindo ao mesmo tempo o Brasil, meu país, nossa gente, nossas diferenças culturais, étnicas, físicas, geográficas, linguísticas me fez amadurecer e renovar meu interesse pelas ações e relações humanas. Mas ainda não tinha encontrado aquilo que seria um divisor de águas em minha vida.

Psicóloga Clínica em 2005, e incomodada com tanta coisa que havia estudado e em que não acreditava, resolvi não clinicar num primeiro momento e me liberar por um tempo para outros saberes. Foi assim que encontrei Carl Gustav Jung¹ no início de 2005, ao visitar a

¹ Carl Gustav Jung, psiquiatra fundador da Psicologia Analítica. Foi também um estudioso das culturas e dedicava-se a sua autoanálise por meio de uma vasta produção plástica, em desenhos, pinturas, esculturas e ainda no jardim e construção de uma casa afastada da cidade. Considerado por Freud o príncipe herdeiro da

exposição Brasil: Antes, no CCBB- Centro Cultural Banco do Brasil- São Paulo-SP, uma exposição que abordava a nossa história antes da chegada da colonização portuguesa. Instiguei-me com algumas imagens que se repetiam em inúmeras culturas, com significados aproximados ainda que essas culturas não tivessem tido qualquer tipo de contato ou intercâmbio até aquele momento. Imagens arquetípicas, oriundas de uma camada suprapessoal na consciência, que Jung denominou como Inconsciente Coletivo.

O ano de 2005 sincronicamente, também foi o ano de conhecer a SBPA- Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, primeiro órgão oficial da escola de pensamento Junguiano no Brasil. Conheci também o evento anual MOITARÁ, um encontro de três dias em Campos do Jordão-SP para se discutir cultura brasileira que reúne os principais pesquisadores de áreas afins definidas pelo tema do encontro e membros analistas SBPA. Naquele ano o tema “Arqueologia da Psique Brasileira” foi inspirado pela referida exposição “Brasil: Antes”. E nos anos seguintes os temas foram: Música Popular Brasileira; O Teatro no Brasil e o Humor no Brasil, eventos que frequentei ano após ano. Participei de outros mini cursos e encontros da SBPA, o de maior duração, Técnicas Expressivas, por um ano com o experiente psiquiatra e educador Prof.Dr. Carlos Byington.

Foi ao longo desse trajeto e por meio dos grupos de estudos que passei a frequentar também no ano de 2005 que encontrei primeiramente no conceito de inconsciente coletivo e na concepção de sujeito complexo da psicologia analítica de Jung aquilo de que eu precisava para nortear o meu olhar para o ser humano, as humanidades e os fenômenos psíquicos. Jung foi um dos primeiros a recomendar o uso de suportes artísticos em processos de psicoterapia, a partir de 1920, seis anos após seu rompimento com a psicanálise de Freud. Jung faz uma crítica a teoria psicanalítica que busca encontrar os sintomas por meio da produção plástica de artistas postulando a arte como um mecanismo de sublimação de ideias pessoais que não encontram validade no meio social. Nesse período, Jung se dedicava a sua autoanálise por meio de desenhos, pinturas e dramatizações registradas e revisitadas num formato de livro, o *Liber Novus* ou *Livro Vermelho*. Para Jung a obra de arte é um complexo autônomo, uma atividade arquetípica, que se repete e se apresenta em todas as culturas, exercendo uma função estruturante na personalidade do indivíduo. Um pouco antes de morrer em 1959, inicia a

psicanálise, suas diferentes visões de sujeito do inconsciente e dos conceitos de energia psíquica e a teoria dos complexos os afastaram definitivamente no início do século XX após oito anos de profícuo convívio.

escrita de uma apresentação para a obra na qual afirma que os dezesseis anos dedicados à manufatura do livro são à base de tudo o que ele desenvolveria até o final de sua vida. Jung morreu em 1961, mas antes se tornou o mais ilustre psiquiatra e psicólogo do período do pós-guerras. (JUNG, 1986; 1984; 2012).

No ano seguinte, em 2006, já no ofício da clínica, durante a supervisão de casos, atividade essencial para recém-formados, fui apresentada ao método da psicologia arquetípica do pós-Junguiano James Hillman², e sua regra única de “ficar com as imagens”. Imagem como linguagem da alma, o que nos anima e sua ontologia metafórica e poética. Ficar com a imagem para acessar a realidade psíquica genuinamente por meio da língua que ela fala. A postura e a escuta arquetípica me trouxeram as respostas que eu sempre busquei e provocavam movimento e transformações profundas no meu jeito de ser e de estar na vida. Hillman nos liberta do paradigma teleológico da busca de finalidade do “Para que?” da Psicologia Analítica, da busca dos porquês, das causas da psicanálise, para ir através das imagens. Agora é possível olhar metaforicamente tanto para uma imagem abstrata como para uma imagem concreta, com a pergunta “O que é isso?”, e deixar o fenômeno se apresentar com sua história, seu humor, seu sintoma, sua genealogia e principalmente o estilo de consciência que está por trás daquelas ideias. Para Hillman, sofremos por nossas ideias. (HILLMAN, 1983; 2010).

O aprofundamento nas ideias de Jung e Hillman acontecia e acontece por meio da participação em grupos de estudo de experientes analistas, como Andréa Vistué, Santana Rodrigues de Oliveira e Ajax Perez Salvador. O processo psicoterapêutico pessoal, a supervisão semanal também são ferramentas essenciais de aprendizado, principalmente nos primeiros anos do ofício clínico. Vivenciar, experimentar e compartilhar e, sempre que possível, participar dos eventos do mundo junguiano e de temas correlatos ou de interesse, têm sido o meu maior investimento de tempo. Os conceitos dos teóricos pertinentes a essa pesquisa estarão expostos no Capítulo II, que trata das fontes de referências e inspiração.

A decisão para a especialização em Arte Terapia em 2010 foi difícil. Estava muito inclinada a estudar o Corpo em Jung, sentia falta de um mergulho mais intenso na relação do corpo, da alma, da mente. O uso de técnicas expressivas eram ofertas que desde o meu

² James Hillman é um analista pós-junguiano que muito contribui para a expansão das ideias de Jung e fundou a Psicologia Arquetípica nos anos 70 com Rafael Lopes Pedraza. É um crítico das psicologias centradas no Eu, tendo como objeto de estudo o sujeito da alma, metafórico e imagético. Re-vento a psicologia, Cem anos de psicoterapia e o mundo continua pior e Ficções que curam são suas principais publicações sobre esse tema.

primeiro dia como terapeuta clínica em 2006 incluí como possibilidade de diálogo com o mundo interno e as exigências do mundo dominante. Fiz um levantamento, para avaliar as opções disponíveis em São Paulo, que oferece várias possibilidades de especialização diferentemente de outras localidades no Brasil, e atuação em arte terapia fundamentadas em algumas correntes psicológicas e filosóficas, como as escolas de pensamento Junguiano, da Gestalt, da Antroposofia e optei pelo programa do IA-Instituto de Artes – UNESP - Universidade Estadual Paulista, por estar mais próximo da arte e do fazer artístico, já que eu trazia uma boa bagagem em psicologia, uma visão de sujeito e método de observação definidos e praticados por meio de cinco anos de prática clínica com o uso de recursos expressivos. Quando cheguei ao IA/UNESP no início do ano 2010, me identifiquei com o campus em sua estrutura e atmosfera plural e artística. Artistas visuais, atores e músicos e um selecionado time de professores competentes e realizadores.

Foi no segundo semestre de 2010 que a cerâmica *atravessou o meu caminho*. Inscrevi-me e consegui vaga na concorrida viagem daquele ano do Projeto de Extensão Panorama da Cerâmica Brasileira da Profa. Dra. Lalada Dalglish que naquele ano durante cinco dias, levou 39 pessoas, entre estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores artistas e professores convidados, o Prof. Dr. Agnus Valente e a portuguesa Virgínia Frois para o Vale do Jequitinhonha. Sempre tive interesse em participar e trabalhar em grupo, e refletir sobre o processo e os procedimentos artísticos em sua interface com o método transdisciplinar, e esta foi minha principal motivação quando cheguei dessa viagem para participar do *Seminário de Investigação Arte e Participação: Interação e Espaço. O som e o Silêncio*, uma intervenção no espaço dos músicos do Instituto de Artes da UNESP - Campus São Paulo, com o objetivo de dialogar e criar objetos interativos com o ambiente de corredores entre suas minúsculas salas de aula, ministrado por Virgínia Frois e coordenado por Lalada Dalglish em setembro de 2010. Esta foi a minha primeira experiência prática num projeto de arte colaborativa, durante três semanas de intenso convívio com artistas, alunos e a pesquisadora e dali em diante comecei a dedicar mais energia a tudo o que se relacionasse com o suporte argila, seu uso milenar nas culturas e também como elemento de cura.

Ao longo destes últimos quatro anos, passei a dividir minhas atividades entre o consultório de psicologia e arte terapia e o Instituto de Artes da UNESP. Tive a oportunidade de me envolver em mais dois projetos de arte colaborativa, uma ação poética pautada na

colaboração artística e criação coletiva em todas as fases de um projeto: concepção de poéticas; criação de peças e montagem de exposição. Ressonâncias nos rendeu duas itinerância da Exposição e a oportunidade de ministrar oficinas de arte colaborativa e dirigir a equipe de produção em todas as etapas para a realização de um projeto artístico e acadêmico. Toda essa imersão e o conhecimento adquirido por meio dessas vivências passaram a se aglutinar em meu repertório aproximando ou transformando conceitos e apresentando-me ideias que hoje orientam projetos e meu processo criativo.

Neste momento, me proponho a escrever sobre a arte terapia no Brasil, o processo criativo e as descobertas do Coletivo de Artistas e Arte Terapeutas ACATE – Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas para promover inclusão social por meio da arte terapia, visando documentar e compartilhar um método de trabalho transdisciplinar nos cruzamentos da psicologia, da educação e da arte, que se revelou eficiente e oportuno no atendimento das demandas complexas de nosso tempo.

O Coletivo ACATE foi formado em 2010 durante as aulas do curso de Pós-Graduação Lato Sensu (especialização) em Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA-Instituto de Artes da UNESP- Universidade Estadual Paulista na cidade de São Paulo-SP. O grupo foi criado inicialmente para se aprofundar nos estudos sobre arte terapia e pensar na elaboração de projetos que viessem a atender às demandas da comunidade e população com necessidades específicas por meio de experiências artísticas sensoriais e criativas. Com o aprofundamento das discussões e pesquisa, outros objetivos passaram a incorporar-se ao projeto piloto do ACATE, como facilitar o acesso à arte; combinar trabalho de campo com pesquisa e reflexões críticas por meio de artigos ou documentários; elaborar os conhecimentos empíricos do estágio com o desenvolvimento de metodologias de formação profissional; capacitação de mediadores para o atendimento às pessoas com necessidades específicas, de ordem física, intelectual, emocional ou social; e ainda um projeto para a criação de um Laboratório de Arte Terapia no IA-UNESP. Os membros do grupo, composto por artistas e arte terapeutas, de diferentes formações (arte visual, arte cênica e psicologia), focam seus estudos buscando novas possibilidades para a experiência artística, fundamentando-se nos conceitos da arte terapia e no método transdisciplinar e colaborativo.

0.2 O objeto de estudo arte terapia

Arte terapia é um campo transdisciplinar e vivencial em essência. Uma abordagem que utiliza os suportes artísticos com o objetivo de promover mudanças psíquicas. Para isso realiza-se em diálogo com a arte, a psicologia e com a educação e por meio de processos e procedimentos artísticos potencializam-se a expressão e a comunicação com afetos inconscientes, fantasias, sensações, sentimentos e ideias complexas. (PHILIPPINI, 2004; VALENTE, 2010).

Como forma de tentar preservar elementos dos campos disciplinares em combinação para produzir um evento híbrido, nesta pesquisa utiliza-se a terminologia *Arte Terapia*, utilizada no Curso de Especialização Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA-Instituto de Artes da UNESP, onde se formam especialistas. Trata-se de um conhecimento que muito agrega ao buscar preservar fundamentos do campo da arte, da educação e da psicologia, repousando numa atitude transdisciplinar para produzir um produto híbrido.

O Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista, tem sido protagonista de uma iniciativa diferenciada e muito bem avaliada pelo público especial, seus cuidadores e também da equipe interdisciplinar de trabalho do ArtInclusiva, um Projeto de Extensão Universitária coordenado pela Profa. Dra. Suely Master que teve início em 14 de março de 2011 no Instituto de Artes da UNESP - São Paulo-SP. Aberto à comunidade e aos colaboradores da universidade com algum tipo de incapacidade física, mental ou emocional, o ArtInclusiva visa a promover Inclusão Social por meio de oficinas com diferentes expressões artísticas e tem ainda objetivos específicos de proporcionar aos participantes: expressividade pessoal, sociabilização; autonomia e elevação da autoestima por meio de oficinas semanais de Arte Terapia. As oficinas artísticas com duas horas de duração atendem a um grupo de jovens e adultos, de ambos os gêneros, entre 19 e 35 anos e simultaneamente outro grupo formado por cuidadores e acompanhantes da população com necessidade específica.

O trabalho interdisciplinar é executado com a participação de alunos do Curso de Especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas e bolsistas da graduação em artes do IA-UNESP e é coordenado pela Profa. Dra. Suely Master, docente do DACEFC- Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação, do IA-UNESP - e conta com supervisão semanal da Profa. Dra. Ana Kiyon, docente da Especialização em

Arte Terapia / Terapias Expressivas do referido Instituto de Artes. No período de 2011 e 2013 três monografias foram produzidas por membros do ACATE como trabalho de conclusão da Especialização. O Grafite como Terapia Expressiva, de Bete Nóbrega, A Aplicação do Método Burnier em Grupos Terapêuticos, de Luana Czermak, e Efeitos da Oferta de Oficinas Artísticas a Pessoas com Necessidade Especial, de minha autoria, abrindo espaço para a pesquisa acadêmica e a formação de cidadãos comprometidos com a comunidade e suas demandas. Este processo de experimentação é descrito e desenvolvido no Capítulo III

A dissertação “Imagens e Histórias em arte terapia” visa a contribuir com o campo da Arte Terapia, na medida em que apresenta esta e outras experiências no trabalho com grupos. Diferencia-se pelas inúmeras possibilidades e ofertas para grupos com necessidades específicas, por oferecer todos os suportes artísticos, repousando numa atitude transdisciplinar e colaborativa na execução das oficinas. Visa também a divulgar a iniciativa de promover um espaço de convivência via arte terapia dentro do ambiente universitário. De outro modo, e ainda que cumprindo o papel dos Projetos de Extensão Universitária, propôs a criação de um espaço de experimentação e construção de conhecimento em educação inclusiva, fomentando competências essenciais ao nosso tempo e aproximação entre docentes e alunos da graduação, alunos da pós-graduação (especialização) para beneficiar a população atendida e promover justiça social no entorno da Universidade.

Essas ações se justificam pelos dados apresentados no Primeiro Relatório Mundial sobre a Deficiência (OMS 06/2011) que apontam números impressionantes em relação ao público especial. Atualmente, 15% da população mundial possuem algum tipo de deficiência (o que representa um bilhão de deficientes no mundo). 80% dessa população vivem em países de baixa renda, em desvantagem social e econômica. Essas pessoas não têm acesso aos bens culturais, com poucos serviços disponíveis, enfrentando estigmas, além dos obstáculos para se locomover no seu cotidiano. Em São Paulo, são quatro milhões de pessoas com comprometimento de atividades por limitações físicas, intelectuais, emocionais ou sociais.³ (I Simpósio Acessibilidade, 2012).

Em 2011, final do primeiro ano de atuação do ACATE no ArtInclusiva, oficinais e seus cuidadores foram entrevistados com o objetivo de avaliar nossa oferta. No ano seguinte essas avaliações continuaram a acontecer a cada seis meses durante as oficinas e também por

³ I Simpósio Acessibilidade na pratica – reflexões e propostas entre Museus, realizado pelo Museu Afro Brasil através do Programa de Acessibilidade Singular Plural dia 18 de agosto de 2012.

meio de entrevistas de jornalistas no segundo semestre de 2012. Os resultados avaliados foram excelentes, e se mantiveram nas várias abordagens. Do ponto de vista de quem participou das oficinas, a infraestrutura de salas e laboratórios do IA-UNESP, o acesso facilitado pela proximidade da estação de Metro e o ambiente livre de estigmas foram diferenciais importantes.

A equipe de trabalho, que soube integrar saberes, recursos e ideias e reservar momentos de supervisão para reflexões e correções, foi essencial para o alto desempenho do projeto, proporcionando experiências artísticas, que estimularam criatividade, alegria e autoconfiança; promoveram bem-estar e inclusão social, na medida em que ofereceram acesso e espaço conforme necessidade de adaptação das demandas; potencializou expressividades, liberando e desenvolvendo habilidades ao lidar com dificuldades de forma criativa e artística. Verificou-se a diminuição de sintomas de ansiedade, depressão e agressividade que se faziam presentes inicialmente no grupo. Também houve o aumento da percepção e reconhecimento de si mesmo resgatando o corpo como início e fim de todo o processo de comunicação e conhecimento. O aumento da verbalização, sociabilidade, autoestima e autonomia entre o grupo, evidências da função terapêutica além de transformações pessoais promovendo impactos no dia a dia de todos os envolvidos. (RODRIGUES, 2011).

No trabalho desenvolvido no ArtInclusiva, a mistura de diferentes linguagens foi bem aceita e oportuna e todos os participantes se beneficiaram com as propostas. Houve uma única crítica: queriam mais oficinas, solicitaram ampliar para dois ou mais encontros durante a semana. Isso significa que é chegado o momento de compartilhar o conhecimento produzido para servir de multiplicador e quem sabe implantá-lo em outros institutos de Arte, museus, universidades, instituições governamentais, organizações sem fins lucrativos e espaços de educação e cultura.

As perguntas centrais que nortearam meu interesse pela pesquisa em arte terapia foram: a arte terapia pode ser uma experiência artística? O que é arte terapia como campo de produção de conhecimento no Brasil? O que é arte terapia na prática? O que colaborou para a implantação e realização do projeto ArtInclusiva? Quais foram os atributos essenciais da equipe de arte terapeutas do ACATE na parceria com o ArtInclusiva?

Outros objetivos específicos: Como refletir sobre arte terapia no Brasil, analisar a oferta de arte terapia dentro do Instituto de Artes da UNESP em São Paulo-SP e avaliar a transdisciplinaridade do campo da arte, da educação e da psicoterapia. Apresentar um modelo de inclusão e acessibilidade que possa ser aplicado no Instituto de Artes, promovendo ainda mais competências em colaboradores, educadores e público.

Essa iniciativa se justifica por promover experiências artísticas, reflexões, pesquisa, justiça social e por estar alinhada aos conceitos e às práticas atuais nas instituições onde se encontra e se pratica Arte. Justificou-se também por ser uma oferta única e diferenciada, por meio da estrutura que o IA-UNESP disponibiliza e que por seus importantes resultados alcançados até agora mereceu ser documentada para servir como fonte de reflexão e referências para a construção de um modelo de acessibilidade e inclusão social por meio da arte terapia.

Quando iniciei a pesquisa bibliográfica para esta pesquisa, encontrei 1450 textos em português sobre arte terapia, sendo 29 artigos acadêmicos em Universidades. Existe um único livro publicado sobre Arteterapia e Educação Inclusiva, organizado pelo Prof. Robson Xavier da Costa da Universidade da Paraíba no ano de 2010. A publicação dividida em dez capítulos traz experiências com grupos de idosos, crianças, cuidadores e outros textos da interface arte e psicologia. Então que inclusão se está fazendo? Acreditamos e vislumbramos criar um espaço de convivência e cultura, misturando linguagens artísticas e pessoas com ou sem diagnósticos para respaldar nossas intervenções e ações poéticas.

Existem dois conceitos para justificar a importância desse projeto para a sociedade: Um é o princípio da Inclusão Social, conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos bens culturais e benefícios da vida em sociedade.

E o princípio de responsabilidade social, conjunto de direitos e deveres como cidadãos no que diz respeito à qualidade de vida do nosso semelhante. (GOMES, 2010). Esses princípios o IA-UNESP tem desenvolvido ativamente por meio da oferta do ArtInclusiva.

Durante o percurso, descobrimos que a terminologia inclusão social vem sendo muito associada a projetos de acesso a bens de consumo e renda, portanto hoje o termo mais apropriado para a iniciativa seria acessibilidade no Instituto de Artes. Por acessibilidade entendemos conviver, promoção do acesso a bens culturais e espaços livres de estigmas.

Esta dissertação está dividida em apresentação, introdução, quatro capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo arte terapia e o histórico da sua relação com os campos da arte, da psiquiatria, da psicologia e da arte educação. Essas disciplinas historicamente se aproximaram no final do século XIX para humanizar, tratar e reinserir pessoas e grupos estigmatizados à luz dos paradigmas de racionalidade e utilidade que predominavam na organização das sociedades e da ciência desde o Iluminismo, nos anos 1600 até aquele momento. Nesse período a historiografia da arte registrou um grande experimentalismo das vanguardas artísticas iniciadas na virada do século XIX para XX, primeiramente com o impressionismo francês, rompendo com os cânones artísticos passados e inaugurando um longo período de modernidade e discussão de ideias que questionaram o que é arte atribuindo a esta um poder transformador e revolucionário. A aproximação arte e psiquiatria gerou questionamentos e emblemáticas discussões sobre sua validade artística ou científica. Essa divisão de opiniões sobre a produção, as funções ou valor artístico, promoveu problematizações em ambos os campos por algumas décadas e marcou o início do uso dos suportes artísticos com objetivos terapêuticos reconhecidos no final dos anos 1960 como arte terapia, primeiramente nos Estados Unidos e Europa.

No segundo capítulo, apresento as fontes de inspiração e referência para o processo criativo desta pesquisadora, o pensamento Junguiano, pautado na expressão simbólica e a psicologia Arquetípica, como método para ficar com as imagens e se relacionar com o que se apresenta, como já foi mencionado na primeira parte dessa introdução. A principal obra de Jung, *O livro vermelho* que foi destaque na Bienal de Veneza em 2013, quando a curadoria propôs quebrar a barreira entre artistas que estão dentro e fora do mercado da arte, buscando retratar as diferentes formas de expressão na arte contemporânea. Ainda no segundo capítulo, a trajetória de Lygia Clark de artista a arte terapeuta e proponente, na vanguarda do pensamento questionador e relacional da arte contemporânea, transformando a arte num organismo vivo. A esses artistas e arte terapeutas, vieram somar autores e conceitos apresentados por alguns professores durante o curso de especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA-UNESP, principalmente, Profa. Dra. Lalada Dalglish, Profa. Dra. Luiza Christov, Profa. Dra. Lilian Amaral, Profa. Dra. Kathya Ayres de Godoy, Prof.Dr.Agnus Valente e Prof. Dr. Norval Baitello Jr.

No terceiro capítulo, apresenta-se o Projeto ArtInclusiva em parceria com o Coletivo ACATE, seu processo criativo e resultados alcançados. Entre os anos de 2011 e 2013 o Coletivo ACATE teve uma participação ativa para implantar o Projeto de Extensão ArtInclusiva, do DACEFC - Departamento de Artes Cênicas do IA-UNESP - que acontecia há alguns anos na Estação Experimental da Lapa, mas que teria que ser reestruturado para passar a acontecer no Campus do IA. Estabeleceu-se assim uma parceria inédita entre alunos da Especialização em Arte Terapia, graduandos em Artes e docentes da referida universidade para realizar um projeto piloto de arte terapia dentro da Universidade que se revelou um verdadeiro laboratório de experimentação intergeracional e institucional. Para refletir sobre nossas ações elege-se a metodologia transdisciplinar proposta por Edgar Morin, como forma de organizar o conhecimento feito a várias mãos. Do ponto de vista poético apresenta-se um diálogo com os conceitos de Arte como experiência proposto por John Dewey, de formatividade de Luigi Pareyson e arte relacional de Nicolas Bourriaud.

No quarto, aborda-se a discussão da arte terapia fundamentada em poéticas híbridas como um processo e procedimento artístico que pode configurar finalidades distintas e correlatas ao mesmo tempo, terapêutica, educativa e artística. Como resultado do que a pesquisa se propõe, descreve um projeto de acessibilidade para o Instituto de Artes, integrando público, colaboradores e professores.

Nas considerações finais apontam-se os resultados, reflexões e conclusões sobre as questões, objetivos e novas questões levantadas.

CAPÍTULO I – CONCEITOS E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA ARTE TERAPIA



Fig. 1: Hieronymus Bosch, Nau dos insensatos, Holanda, sem data de produção definida, entre 1500 e 1503.

Faz tempo que muitos companheiros e companheiras de estudo e trabalho ocupam-se em demonstrar o quão importante pode ser a educação artística em outros terrenos de jogo, como o da arte terapia, a formação no campo da museologia, o lifelong learning, a educação social e tantos outros. AGUIRRE, 2009.

1.1 O que é arte terapia, para que serve e como funciona

Promover expressividade, fundamentado na crença de que estimular um espaço imagético por meio de experiências artísticas desperta e desenvolve a criatividade. Desenvolver consciência, habilidades, transformações, autoestima, comunicação e diálogo com conflitos, inquietações e limites. Diminuir a ansiedade e a agressividade. Reconhecer o potencial criativo como uma função estruturante e inerente a qualquer pessoa independente de seu estado físico, intelectual, social ou emocional é o trabalho do campo disciplinar da arte terapia. (CARVALHO, 1995; ANDRADE, 2000; PAIN & JARREAU, 1996; OLIVEIRA, 2006; ARCURI, 2004).

Arteterapia é um campo disciplinar baseado na concepção que todo indivíduo tem uma capacidade inata para expressar anseios, angústias, crenças, sofrimento, desejos, prazeres, pensamento em formas e imagens visuais, auditivas, táteis e poéticas. (OLIVEIRA, 2011)

Arte Terapia é um campo transdisciplinar e vivencial em essência. Uma abordagem que utiliza os suportes artísticos com objetivo de promover mudanças psíquicas. Para isso realiza-se em diálogo com a arte, a psicologia e com a educação e por meio de processos e procedimentos artísticos potencializam-se a expressão e comunicação com afetos inconscientes, fantasias, sensações, sentimentos e ideias complexas. (ANDRADE, 2000; PHILIPPINI, 2004; VALENTE, 2010).

O uso da arte como terapia implica reconhecimento da importância do processo criativo como forma de reconciliar conflitos emocionais, bem como uma forma de facilitar a autopercepção e o desenvolvimento pessoal. (ARCURI, 2004, P. 19).

No Brasil se verificam três diferentes grafias para o mesmo termo: 1- ARTE-TERAPIA. 2- ARTETERAPIA. 3 – ARTE TERAPIA. O termo surge do inglês Art Therapy, onde diferente do Brasil, é uma profissão regulamentada desde 1969. Nas línguas anglo-saxônicas, quando dois substantivos estão juntos, um vira adjetivo, então a tradução poderia ser Terapia

Artística, terminologia utilizada pela corrente ligada à medicina antroposófica de Rudolf Steiner. (ANDRADE, 2000). **Arteterapia** sem separação e sem o hífen foi a terminologia acordada em 2004 por profissionais brasileiros durante o II e IV Fórum de Arteterapia no Brasil iniciado em 2002, com objetivo de dar unidade e regulamentar a prática no Brasil. Ainda assim, é comum encontrarmos as terminologias arte-terapia, arte terapia e arteterapia nos textos publicados por pesquisadores em momentos diferentes.

Visto ser essa uma área recente, que data do pós-guerra, é preciso tomar a palavra “arte” no sentido que ela adquiriu na segunda metade do século (XX) onde não é mais o ofício da recriação da Beleza ideal, como também não está a serviço da religião ou da exaltação da natureza. A ruptura brutal da arte contemporânea com aquelas que a precedem interrogou nossa época sobre a própria função da arte. [...] A respeito das diversas correntes, citemos a abstração, o surrealismo, o gestual, a cinética, o conceitual, o tachismo, entre outros. Essas diversificações da expressão artística inspiraram e garantiram as diferentes abordagens artes-terapêuticas. PAIN & JARREAU, 1996, P. 9-10.

Nessa pesquisa usaremos a grafia “arte terapia” com objetivo de preservar os elementos essenciais de ambos os campos disciplinares. Essa terminologia, arte terapia é utilizada no Curso de Especialização Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA-Instituto de Artes da UNESP, onde se formam especialistas. Este projeto busca preservar fundamentos do campo da arte, da educação e da psicologia, repousando numa atitude transdisciplinar para produzir um resultado híbrido.

Na escola transdisciplinar de pensamento, o conhecimento fragmentado entre as especialidades e disciplinas só contribui pra agravar a fragilidade humana diante das complexas questões de nosso tempo. Assim pode-se conceber a abertura de um espaço de conhecimentos, com humildade, respeito e de forma aberta às especificidades. Um campo disciplinar na interface e interação de disciplinas, nos cruzamentos de ideias que se respeitam e oferecem o que cada uma tem de melhor, para gerar um novo conhecimento e promover qualificação nos envolvidos.

O envolvimento com os suportes artísticos fundamentado em arte terapia **serve para** transformar pensamentos, sentimentos, sonhos, sensações, fantasias, percepções e ideias em imagens. Ao produzir imagens visuais, auditivas, cênicas, táteis e poéticas, aspectos desconhecidos, ou na superfície da consciência, encontram fluxo e movimento, permitindo aos sujeitos encontrar formas de relacionamento e convivência com conflitos, limitações,

afetos, promovendo, assim, o potencial criativo e habilidades desconhecidas ou desejadas. (CARVALHO, 1995; ANDRADE, 2000; OLIVEIRA, 2006 E 2004).

O lugar do terapeuta, uma vez dada a consigna, é acompanhar o processo do paciente, ser testemunha de sua aventura, ajudá-lo a superar obstáculos encontrados, considerando-os, ao mesmo tempo, de um ponto de vista, observar os sujeitos que estão realizando uma atividade criativa e, por outro, decidir a oportunidade e o conteúdo das intervenções. PAIN & JARREAU, P. 21. 1996.

A arte terapia pode ser e é indicada para adultos, jovens, crianças, idosos e pessoas com necessidades específicas. Dependendo do contexto e objetivo pode interagir com outros campos de conhecimento. Não se exige nenhuma habilidade artística dos clientes, tampouco emite-se alguma opinião ou avaliação crítica dos trabalhos. Quanto mais o terapeuta conhecer o suporte que está em jogo, maior será o uso criativo que dele se fará. Recomenda-se aos profissionais se instrumentalizarem quanto aos recursos artísticos e também quanto a uma premissa teórica, determinando uma visão de sujeito a que está direcionada a sua escuta e intervenções.

para a maioria dos profissionais de outros países, há um consenso de que ainda não existe uma teoria propriamente dita da chamada “arteterapia” e que, portanto, os recursos expressivos podem ser utilizados dentro de diferentes contextos terapêuticos, desde que seu uso esteja fundamentado por uma teoria psicológica, que referencie sua aplicação e manejo. (OLIVEIRA, 2004, p. 179).

De modo operacional a arte terapia funciona propondo um convite para as pessoas se expressarem da forma mais espontânea possível. Trabalha-se com a imaginação e com estímulo para a criatividade, uma postura que se abre para serem conduzidos pelo sensível, pelas mãos, pelo corpo, percepções e intuição artística. “Trata-se de uma concepção do campo simbólico que vai considerar importante não tanto o significado de um determinado símbolo, mas fundamentalmente a sua possibilidade de veicular uma experiência, uma vivência.” (OLIVEIRA, 2004). Desse modo os indivíduos estão numa posição mais atuante e se afastam de ideia que serão patologizados, interpretados ou analisados.

Ao solicitar cooperação mais ativa damos ao paciente um papel gratificante que estimula a se revelar e o coloca menos numa posição de objeto de investigação. [...] Fato que facilita e acelera de maneira notável a tomada de consciência de seus conflitos, sem o profundo desgaste emocional envolvido numa ruptura de defesas solidamente estruturadas que por vezes se voltam contra o processo. (PEREIRA, In: ANDRADE, 200, P.40)

O ponto principal de não ser recomendada ao arte terapeuta a interpretação do que é produzido é que imagem é sempre um paradoxo que lida com ausência, com partes desconhecidas de natureza fóbica, que muitas vezes evocam um primeiro sentimento de medo e podem mobilizar uma estratégia de enfrentamento.

A arteterapia contribui, também, para a expressão verbal na psicoterapia. Comumente, o discurso dos pacientes no início do processo terapêutico encontra-se bloqueado para se referir às suas sensações, sentimentos, ideias e fantasias. Pelo uso da expressão criativa, o paciente começa a desenvolver a verbalização ao perceber o conteúdo afetivo associado às produções realizadas nas sessões terapêuticas.[...]. A atividade expressiva, aliada ao trabalho de compreensão intelectual e emocional, facilita o encontro com as várias facetas da personalidade como um todo. Ao dar livre curso às imagens internas, o ser humano, ao mesmo tempo em que as modela, transforma a si mesmo e ao mundo (OLIVEIRA, 2011)

Trabalhar com imagens significa lidar com o trânsito entre visibilidades e invisibilidades. Do interior para o exterior e vice-versa. Podemos estimular as pessoas a entrar nas imagens, pelos caminhos do imaginário, sentir a imagem, pensar a imagem, sua atmosfera, entrar nela e vivê-la. “A psique é uma imagem e um imaginar. Todo conhecimento direto e imediato que se faz em nós se dá através das imagens.” (JUNG, 1989, pp.67-par. 889) apud OLIVEIRA, 2004. Não podemos submeter às imagens aos paradigmas lógicos e sim como um recurso de comunicação não verbal, que usa todas as linguagens poéticas para criar imagens que irão enfrentar e confrontar imagens e ideias. As imagens e os processos artísticos precisam ser animados dialeticamente e podem assim apontar outras perspectivas de olhar, entender e conhecer a vida em nós e a vida que nos rodeia. (BAITELLO JR, 2012; JUNG, 2007 E 2012).

Para Jung, o inconsciente é natureza e como tal tem uma capacidade criadora, transformadora, que aparece na multiplicidade de símbolos e imagens da psique. O símbolo é a melhor formulação possível para algo desconhecido pela consciência (OLIVEIRA, 2004, P. 178-179).

A arte terapia **se diferencia** das abordagens positivistas de psicoterapias que têm como paradigmas curar ou oferecer tratamento a sintomas que não deveriam existir e por isso precisam ser eliminados ou abordagens cognitivas centradas também no fortalecimento do sujeito do Eu, controlador, planejador ou executor de tarefas centrado na racionalidade. “A materialidade tem a função de facilitar o contato do participante com seu mundo interno, ao

mesmo tempo em que permite sua expressão pela criatividade, além de promover a organização afetiva, entre tantas outras coisas.” (OLIVEIRA, 2004, P. 182).

A arte terapia fica num degrau anterior à psicoterapia. O foco do trabalho está no processo artístico e em uma escuta sensível. Significa estar aberto ao que se apresenta na materialidade das imagens. A prática está vinculada à definição de um referencial teórico conceitual, metodológico e operativo. Este vai definir o modo de olhar e escutar e trabalhar com o que se apresenta. As escolas mais utilizadas para compreensão dos processos psíquicos por meio de recursos expressivos são as correntes junguianas, orientadas pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961); freudianas, orientadas pela psicanálise de Sigmund Freud (1856 – 1939) ou da psicologia da Gestalt. (ANDRADE, 2000).

O papel do terapeuta é o de estimular a atividade artística e por intermédio desta e/ou juntamente com outras linguagens, numa postura definida por seus pressupostos teóricos, auxiliar o paciente a enxergar e a compreender os seus próprios processos. (CARVALHO, 1996, P. 26.)

O trabalho em psicoterapia permite contato com subjetividades com um grau maior de profundidade do que um processo em arte terapia, esta por se fundamentar nos elementos da arte e dos processos artísticos como potência de conhecimento vivencial, sensorial e sensível.

O campo da psicologia e psicoterapia e suas diferentes escolas de pensamento se delimitam em função de visão de sujeito, pressupostos teóricos, método, técnicas, tempo, objetivos, enquadramento, papel do terapeuta e vínculo afetivo. Todo esse espectro de forma aprofundada produz posturas e escuta terapêutica diferenciada inclusive pelo tempo necessário para formação em Psicologia, no mínimo quatro anos de bacharelado e um de estágio clínico supervisionado. Para o estágio clínico o estudante elege dentre as correntes apresentadas durante os anos de graduação qual concepção de sujeito será usada para orientar o seu método de trabalho e o manejo clínico.

Não há uma linha única e determinada para o desempenho em Arte-Terapia(– esta vai depender da teoria e da técnica escolhidas e da própria criatividade do arte-terapeuta (CARVALHO. 1995, P.25).

Existem três formas de atuação em arte terapia mais presentes na literatura de trabalhos no Brasil, e também internacionalmente: profissionais que se utilizam dos conceitos para promover expressividade, como terapia expressiva, trabalhando classicamente com o modelo

do projeto moderno, início do século XX , quando os profissionais de saúde se alinharam aos paradigmas médicos positivistas ou fenomenológicos, que veem na arte a projeção de aspectos subjetivos e individuais; profissionais que buscam promover mudanças psíquicas fundamentados na concepção de sujeito do inconsciente das psicologias modernas, e a atuação em arte-educação, que diferente do primeiro grupo, vai rejeitar a interpretação de arte como expressividade voltando-se para a promoção do ensino de arte por meio de experiências estéticas como produção de conhecimento.

Como profissionais da área da saúde, devemos nos proteger de uma visão unilateral ou monoteísta, que pode levar a uma ideia fantasiosa ou mágica quanto ao uso de qualquer recurso no setting terapêutico, dando-lhe o mérito de único responsável pela transformação que se dá no paciente: “a cura é, em última análise, um mistério – a revisão criteriosa daquilo que transparece do processo pode nos ajudar a nos tornarmos mais competentes, em nossa assistência e participação no ritual” (GROESBECK, 1983: 73, GRIFO NOSSO) Apud OLIVEIRA, 2004, p.185).

O essencial em todo processo é a relação que se estabelece com a materialidade e com os profissionais que estão em atuação. Orienta-se ao arte terapeuta o encaminhamento de clientes para a psicoterapia sempre que uma demanda estiver maior do que ele tenha de repertório para acolher. Portanto, é fundamental ao profissional que deseja trabalhar com arte terapia a definição de uma base de sustentação teórica e conceitual, o seu processo pessoal em arte terapia ou psicoterapia, investir em cursos e técnicas artísticas e estar supervisionado por um profissional qualificado e experiente nos primeiros anos de sua atividade.

1.2 A formação de arte terapeutas no Brasil

A Arte Terapia no Brasil cresceu em número de profissionais e abordagens principalmente nas últimas duas décadas. Desde o ano de 1999, há uma busca por organizar-se e profissionalizar-se por meio da fundação da primeira Associação de Arteterapeutas brasileiros, no estado do Rio de Janeiro. De lá para cá, outras associações estaduais foram criadas. Anualmente profissionais concentrados nas Associações dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, e outros interessados no tema, reúnem-se em Fóruns, Eventos e Congressos nacionais e internacionais que atraem a cada ano um número maior de participantes. Entre os anos de 2002 e 2005 esses profissionais trabalharam na elaboração de um código de ética que hoje pode ser consultado na íntegra pela internet (www.ubaat.com.br).

Em 2006, criou-se a UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia, e definiu-se um currículo mínimo de quinhentas e vinte horas para formar um profissional: trezentas e sessenta de fundamentação teórica e prática em arte terapia. Do ponto de vista prático da formação, estipula-se o mínimo de cem horas de estágio e sessenta horas de supervisão. As disciplinas consideradas essenciais são: arte e linguagens artísticas, teorias psicossociais e psicológicas e ética. A UBAAT acordou que a terminologia **arteterapia** diz respeito a toda modalidade expressiva, teatro, música, expressão corporal, dança, poesia, prosa, artes visuais e que a utilização dos suportes artísticos terá como objetivo principal promover mudanças psíquicas. Definem ainda que os fundamentos da **arteterapia** são os do campo das artes plásticas. O profissional que desejar associar-se deverá procurar a associação de seu estado ou região e comprovar esse currículo mínimo para ser reconhecido e aceito.

As diretrizes de pensamento dos profissionais associados à UBAAT estão associadas aos paradigmas da American Art Therapy Association. Nos Estados Unidos trata-se de profissão regulamentada desde 1969:

A arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico. Arteterapeutas são profissionais com treinamento tanto em arte como em terapia. Têm conhecimento sobre o potencial curativo da arte. Utilizam a arte em tratamentos, avaliações e pesquisas, oferecendo consultoria a profissionais de áreas afins. Arteterapeutas trabalham com pessoas de todas as idades, indivíduos, casais, famílias, grupos e comunidades. Oferecem seus serviços individualmente e como parte de equipes profissionais, em contextos que incluem saúde mental, reabilitação, instituições médicas, legais, centros de recuperação, programas comunitários, escolas, instituições sociais, empresas, ateliês e prática privada (AATA, 2003 - www.arttherapy.org).

A arte terapia é uma profissão reconhecida recentemente no Brasil. O profissional arteterapeuta pertence à família dos profissionais das terapias criativas e equoterápicas, segundo a última atualização da CBO-Classificação Brasileira de Ocupações em 31/01/2013 pelo Ministério do Trabalho e Emprego que a nomeia através do número 2263-10. A descrição sumária diz respeito aos profissionais que:

Realizam atendimento terapêutico em pacientes, clientes e praticantes utilizando programas, métodos e técnicas específicas de arteterapia, musicoterapia e equoterapia. Atua na orientação de pacientes, clientes, praticantes, familiares e cuidadores. Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos. (www.mtecbo.gov.br).

Embora reconhecida, nomeada e descrita a arte terapia ainda não é uma profissão regulamentada no Brasil. Considerando à falta de regulamentação, a UBAAT não tem poder sobre o licenciamento profissional, tampouco as Associações Estaduais. Não existem ainda cursos de graduação em arte terapia no Brasil, fato que finalmente torna uma profissão reconhecida. Atualmente existem ofertas de cursos de especialização Lato Sensu em arte terapia reconhecidos pelo MEC oferecidos por Universidades, Faculdades, Institutos e profissionais independentes. Essas ofertas se diferenciam por suas propostas curriculares, uns mais voltados à arte educação; outros, para o fazer artístico, ou ainda específico quanto ao referencial teórico em psicologia. Os cursos são frequentados por artistas, arte educadores, pedagogos, psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, e outros profissionais de diferentes formações, em busca de qualificação. As cidades de São Paulo-SP e do Rio de Janeiro-RJ concentram a maior variedade dessas ofertas de formação, atraindo pessoas de outras cidades e Estados do Brasil.

uma vez que não dispomos ainda de cursos de graduação em Arteterapia nem pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em Arteterapia em universidades públicas brasileiras, faz-se necessário ampliar a rede de formação em arteterapia para uma capacitação de base (graduação) e o aprofundamento na pesquisa (mestrado e doutorado) para atender com qualidade a um mercado emergente, favorecendo definitivamente o reconhecimento da profissão do arteterapeuta no País. (COSTA, p. 19, 2010)

Não existindo nenhum curso de graduação em Arte Terapia no Brasil, o profissional deverá possuir uma graduação em qualquer área para ingressar no curso de especialização. Os diferenciais desse profissional serão o compromisso com a pesquisa teórica e empírica, o estágio supervisionado e o investimento no seu próprio processo terapêutico e criativo por meio de cursos e oficinas artísticas adicionais.

1.3 Histórico da Arte Terapia e sua relação com os campos da Arte e da Psicologia

O interesse da psiquiatria nas produções plásticas de pessoas denominadas “alienados” iniciou-se no final do século XIX, quando alguns psiquiatras passaram a colecionar casos e escrever sobre o tema. Liomar Quinto de Andrade, em sua tese de doutorado apresentada ao Depto de Psicologia Clínica da USP-SP, 1993, realizou uma grande pesquisa em periódicos e artigos internacionais e nacionais que resultou no livro *Terapias Expressivas* e é a síntese de cerca de 2110 referências sobre o início do que chamamos hoje de arte terapia. Paula Carpinetti Aversa, psicóloga, artista e pesquisadora em sua Dissertação de mestrado apresentada ao IA-UNESP - 2012 *Vibrações: A arte/ Educação nas práticas e nos discursos em Saúde Mental*, também faz um profundo estudo sobre essa aproximação e sua relação com o ensino da arte. As primeiras pesquisas da utilização da arte como terapia, entendendo terapia como tratamento naquele momento, vinculam seu nascimento da junção arte e psiquiatria, desta virada de século.

Na Antiguidade e no período Clássico, a loucura ocupava um lugar. Era vista como uma manifestação divina, portadora do enigmático, o pensamento mítico convivia com outras concepções de realidade. Os loucos coexistiam entre os demais cidadãos. Porém a partir da Idade Média, começaram a não ser figuras bem-vindas na cidade e no meio social. Eram colocados em barcos e despachados, ao sabor da sorte ou do azar. Muitos, sem destino, perambulavam entre os campos e as cidades e dependiam da caridade das pessoas.

A partir do século XVII passaram a viver acorrentados em condições subumanas nos asilos e Hospitais Gerais junto com mendigos, prostitutas, doentes e criminosos que não serviram ao ideal Iluminista, que instituiu o pensamento e a dúvida (o cogito) como verdade absoluta. Desconfiando-se dos sentidos e em oposição à razão, a loucura passou a ser entendida como “desrazão”, sendo os loucos “incapazes de dominar suas paixões”, constituíam um desserviço à concepção cartesiana de realidade e à nova ordem social. (AVERSA; 2012; FOUCAULT, 2010; ANDRADE, 2000;).

As motivações que impulsionaram as internações eram bem diversas da preocupação com a cura. Assim como em Paris, em toda a França, na Alemanha, na Inglaterra e na Itália, muitas das instituições de internamento se estabeleceram nos antigos leprosários. E, assim como os leprosários, os hospitais Gerais, ainda que incluíssem visitas médicas, não tinham nenhum propósito terapêutico. (AVERSA, 2012, P. 55).

Essa concepção de loucura e realidade dominou todos os outros campos de existência e de conhecimento. A loucura constitui-se como uma interdição ao exercício racional. O contexto social chamava para o trabalho da reconstrução das cidades e organização coletiva pós-revoluções.

A dúvida de Descartes desfaz os encantos dos sentidos, atravessa as paisagens do sonho, sempre guiada pela luz das coisas verdadeiras; mas ele bane a loucura em nome daquele que duvida, e que não pode desatinar mais do que não pode pensar ou ser. [...] com isso, o perigo da loucura desapareceu no próprio exercício da razão. Esta se vê entrincheirada na plena posse de si mesma, onde só pode encontrar como armadilhas o erro, e como perigos, as ilusões. (FOUCAULT, 2010, p. 47).

Em 1793, final do século XVIII, o médico francês Philippe Pinel (1745-1826) assume a direção do Hospital Bicêtre, um dos principais em Paris, e desacorrenta os loucos que estavam à margem do convívio social. Pinel separa os loucos dos demais marginalizados, mas a segregação e exclusão permanecerão. O louco agora passa a ter status de doente e a ser considerado um “alienado mental”, abalado pelo meio social e pelas paixões. Para reencontrar a razão e a capacidade de adaptação social, o alienado precisa de ar, isolamento e trabalho. Assim inaugura-se o campo da psiquiatria, uma abordagem que prevê o tratamento da loucura e que irá se responsabilizar por suas premissas teóricas e metodológicas. O Tratamento Moral da Loucura marca a primeira fase da psiquiatria, e consistia de isolamento, vigilância, disciplina e trabalho manual ou em colônias. As edificações permanecerão fora das cidades. (FOUCAULT, 2010; AVERSA, 2012; REILY, 2012).

Até a Renascença, a sensibilidade à loucura é percebida através de uma condenação ética da ociosidade e numa imanência social garantida pela comunidade de trabalho. Esta comunidade adquire um poder ético de divisão que lhe permite rejeitar, como num outro mundo, todas as formas da inutilidade social. [...] o louco atravessa por conta própria as fronteiras da ordem burguesa, alienando-se fora dos limites sacros de sua ética. (FOUCAULT, 20120, P. 73).

Outra corrente em psiquiatria, organicista e mecanicista, não se contentará com esses paradigmas conceituais de Pinel. Orientada por paradigmas anatômicos, não cessará em suas pesquisas até encontrar no corpo um correspondente para justificar os experimentos mais violentos e atrocidades em busca de uma terapia efetiva para exortar e curar a loucura. (AVERSA, 2012; REILY, 2012).

A medicina mental oitocentista inventou incontáveis parafernalias para o tratamento organicista: vomitórios, purgantes, sanguessugas, capacete de gelo, camisas de força, inoculação de varíola e malária, ingestão de metais, magnetismo, banhos, duchas, além da administração de diversas substâncias químicas. A água, cúmplice da loucura desde épocas imemoriáveis, é, no mundo moral do asilo, instrumento de tratamento e punição. (AVERSA, 2012, p. 62).

Nesse momento, e inicialmente como forma de ocupação, alguns psiquiatras inserem os suportes artísticos no cotidiano de alguns internos que resistiam a qualquer tipo de ocupação e organização coletiva. Começam a observar, escrever, descrever e colecionar o que parecia fugir à moralidade dos padrões sociais vigentes. Fundamentados pelo paradigma lógico, positivista e mecanicista de busca de unidade e categorização, procuravam localizar sintomas e reflexos de comprometimento psíquico por meio da produção plástica dos internos. Em 1876 o psiquiatra Max Simon publica a primeira de muitas pesquisas que seriam seguidas por outros psiquiatras, na Europa e Estados Unidos, que buscaram classificar patologias pela análise da produção das pessoas denominadas como doentes mentais. Em 1888, Lombroso, advogado criminalista, faz análises psicopatológicas de desenhos dos doentes mentais com objetivo de classificar doenças. Morselli, em 1894, Julio Dantas, em 1900, Fursac, em 1906, e outros europeus como Ferri, Charcot e Richet também se interessaram em realizar trabalhos sobre as expressões artísticas dos doentes mentais. (ANDRADE, 2000; AVERSA, 2012; REILY, 2012; SILVEIRA, 1981).

O cenário artístico, clamava pela desconstrução do clássico, dos cânones e regras ensinadas nas academias de arte italianas e francesas, determinadas à representação a natureza, com exímia relação de proporção e equilíbrio em suas formas, convicções que predominavam nas concepções estéticas desde o Renascimento, no final do século XIV. A necessidade de expressão de subjetividades começa a ganhar força por intermédio dos artistas românticos, nas últimas décadas do século XVIII, que recuperam a dimensão frágil e trágica da natureza humana.

O fenômeno romântico encontra suas raízes na aristocracia do início do século XVIII... Encurralada por perucas e vestes, a aristocracia via-se privada das paixões e da vida livre e simples do campo. Coagida pelos princípios da razão, vislumbrou no campo da arte uma fuga para o mundo onírico. A partir desse traço romântico, ao longo da história, a arte vai se constituir como o lugar para a expressão dos afetos. (AVERSA, 2012, p. 59).

Em busca de novos temas, o Realismo surge como um movimento na História da Arte que busca representar a vida como ela é, libertando-se dos temas do estado e das corporações a que estava submetido, ainda que executado com os elementos artísticos convencionais em relação a aspectos como perspectiva, sistema de símbolos, sombreamento e luz, e anatomia originários do ideal de perfeição e harmonia renascentista. O movimento, ainda que recebido com resistência, revela o espírito de uma época pós-revolução Francesa, inquietante e revolucionário. Esses ideais passarão a dominar as motivações artísticas. Os artistas começam a se aproximar do povo e passam a articular arte, sociedade e política tendo como poética a vida social das comunidades e se afastam da tradição e do ofício da representação aristocrática e dos valores burgueses e religiosos. O espírito artístico daquele momento desloca-se da representação e ilustração da vida para a expressividade de subjetividades. “Renegando o ideal falso e convencional, em 1848, ergui a bandeira do Realismo, a única que coloca a arte a serviço do homem.” (COUBET apud MICHELI, 2004, P. 12apud AVERSA, 2012, p. 66.).

A psiquiatria vai se beneficiar dessas mudanças e dominar o campo das análises das expressividades na virada do século XIX e início do XX, ao longo de estudos de psiquiatras e da criação dos primeiros testes de personalidades, atividade que institui de vez o campo da Psicologia, como o profissional que se especializará no estudo da mente e das ações humanas. Em 1906, Fritz Mohr fez uma relação de trabalhos produzidos entre doentes mentais, pessoas normais e grandes artistas e observando manifestações de histórias e conflitos pessoais, o que possibilitou o uso de desenhos associados a testes de personalidade. Rorschach, Murray-TAT e Szondi foram autores que se apropriaram dessas ideias na concepção de testes de inteligência. Prinzhorn, entre 1910 e 1922, publica dois trabalhos comparando desenhos de doentes mentais com artistas de diferentes escolas de arte, impressionismo, expressionismo, surrealismo, dadá e desenhos primitivos. (ANDRADE, 2000).

Quando o médico e pensador Sigmund Freud, no início do século XX, postula a existência de uma camada inconsciente determinante das ações humanas, inúmeras fronteiras puderam ser revistas e aproximadas, inaugurando um período de grande fertilidade intelectual, artística, cultural e social que influenciou e marcou a vida dos cidadãos, da política, da cultura e da ciência.

No campo da arte os resultados divulgados da aproximação arte e psicologia colocavam a loucura como uma possibilidade de existência e realidade psicológica que resiste aos padrões dominantes. A possibilidade do homem psicológico influenciou e inspirou poéticas artísticas que marcam o início do período moderno no campo das artes plásticas.

Inaugurando o início das vanguardas artísticas, que sucessivamente procuraram afirmar o que era arte desconstruindo as premissas preconizadas pela vanguarda anterior até se esgotar nos anos 1960, num movimentado cenário artístico marcado pelo experimentalismo estético que buscava aproximações entre arte e loucura e a estetização da vida, o impressionismo encorajou-se na busca do instante por meio do olhar sensitivo de quem e como produz. “Pinto o que vejo e não aquilo que os outros se dignam ver” (MANET apud RUHRBERG, 2010, p.10 apud AVERSA, 2012, P. 69).

O expressionismo buscou a expressão dos sentimentos como um ato de liberdade artística e em oposição aos ideais capitalistas e burgueses, colocando os artistas também como uma população que resiste a submeter-se a uma única concepção de realidade.

Van Gogh (assim como outros artistas modernos como Camille Claudel e Antonin Artaud) contribuíram para o imaginário do “artista-louco”: “aquele artista tão absolutamente entregue aos seus processos de criação e às suas angústias, ao seu mundo interno, irredutível aos valores de uma sociedade burguesa e tacaña, que acaba sendo incompreendido; posto e, ao mesmo tempo, colocando-se deliberadamente à margem.” (AVERSA, 2012, P. 73).

No simbolismo, iniciam-se as pesquisas artísticas sobre a arte nas culturas humanas, assim, o exótico, o estrangeiro e o enigmático ganham destaque nas produções.

O interesse pelo primitivo, fez com que os artistas se debruçassem sobre a produção plástica das crianças, dos loucos e dos estrangeiros, não apenas para se inspirarem – para proceder em suas criações tal como eles, mas também para preservar a livre expressão destes. É a partir desse período e com essa perspectiva, que o ensino da arte começa a ser pensado como recurso para a educação, para o desenvolvimento humano e não apenas para a formação de artistas. (AVERSA, 2012, p. 96).

Freud, entre 1906 e 1913, publica alguns estudos psicanalíticos de algumas obras artísticas. Afirma ser um leigo em arte, e que seu interesse está nas motivações subjetivas do autor para entender a emoção que a obra de arte provoca no artista e no fruidor. Reconhece que os artistas simbolizam um conhecimento inconsciente, representantes de seu psiquismo e aspectos condensados de sua contemporaneidade. Seus textos sobre a *Gradiva* de Jensen, Uma

memória de infância, sobre Da Vinci e Michelangelo são clássicos da análise freudiana; neles a criação artística é uma satisfação substitutiva, um mecanismo dentre os mecanismos de defesa da psique, que nomeou de sublimação, uma função psíquica que permite ao instinto sexual ou agressivo uma gratificação indireta, na representação de um objeto conciliador entre impulso e ato socialmente útil ou aceito.

toda obra feita, ou sonhada, é sempre a tentativa de resolução de conflitos do autor em relação às figuras importantes de sua vida... a obra de arte sintetiza e simboliza todo o passado, educação e cultura pertencente ao autor, consciente/inconscientemente e isto pode ser instrumentalizado em um processo psicoterápico. (ANDRADE, 2000, P.39).

A Psicologia moderna inaugurada por Freud apresenta uma visão de sujeito inconsciente em oposição ao sujeito da razão e ao paradigma positivista e organicista que predominava e influenciava todos os campos de saber até então. Daí por diante, buscando experimentar a vivência das determinantes inconscientes, muitas descobertas vêm aparecendo e acontecendo em todos os campos, mas principalmente nos campos da arte e da psicologia.

No início do século XX, a produção artística resultante da interface arte e psiquiatria realizada por pessoas ou grupos com objetivos terapêuticos, que estão fora do mercado de arte e das intenções artísticas, despertou o interesse de artistas modernos e críticos de arte. A aproximação gerava questionamentos e emblemáticas discussões sobre sua validade artística ou científica. Essa divisão de finalidades promoveu problematizações em ambos os campos por algumas décadas e marca o início do uso dos suportes artísticos com objetivos terapêuticos reconhecido no final dos anos 1960, nos Estados Unidos e Europa, como arte terapia. Do lado da psicologia, surgem algumas escolas de pensamento como a Psicologia Analítica, a Gestalt, a Fenomenologia e a Terapia Artística Antroposófica. Essas correntes metodológicas são as que mais buscaram se desenvolver nesse clima de familiaridade entre os saberes psicologia e arte. (ANDRADE, 2000; AVERSA, 2012).

O interesse de artistas e críticos de arte, no contexto de todas essas mudanças, foi fundamental para a quebra de tabu acerca do que se considerava “arte psicopatológica” ou “arte de alienados”, que caracterizava a disputa entre objetivos e finalidades com que os recursos artísticos eram empregados. Entre os entusiastas estiveram Picasso, Matisse, Paul Klee, Kandinsky. Estes últimos viram na arte a realização de uma necessidade espiritual de

beleza que se purifica e refina os instintos, em oposição ao expressionismo e a exacerbação de sentimentos.

A obra de arte passa a ter vida própria, “uma nova forma de ser, a qual age sobre nós, através dos olhos, despertando em nosso íntimo, vastas e profundas ressonâncias espirituais.” Kandinski entende que a função do artista é “fazer vibrar a essência secreta da realidade da alma, agindo sobre ela com a pura e misteriosa força da cor libertada da figuração naturalista” (MICHELLI, 2004, 86 apud AVERSA, 2012, P. 89).

Paul Klee, (1879- 1940) poeta e pintor suíço, se dedicou às forças criadoras que tornavam visíveis coisas invisíveis. Era ainda um grande admirador dos trabalhos realizados por crianças e excluídos.

Crianças e loucos devem ser levados a sério em arte, mais a sério do que todo o público das galerias quando se trata de reformar a arte de hoje. Nós não pararemos de reclamar até que a justiça corrija o cego e intolerante preconceito que as obras de arte produzidas em asilos têm sofrido por longo tempo. (FERRAZ, 1998, 9)

Um grande golpe a essa reciprocidade se deu em 1937, com a Exposição de Arte Degenerada, promovida pelo partido nazista em Munique. Por meio de seus representantes, tentou-se fazer uma transposição de doença mental, comparando doenças classificadas e diagnosticadas pelas pesquisas psiquiátricas publicadas com a arte moderna. Assim Mondrian, Kandinski, Matisse, Lasar Segall, Picasso e outros foram expostos ao lado de trabalhos oriundos de asilos e instituições psiquiátricas por supostamente indicarem evidências de degeneração cultural.

Mas foi com Jean Dubuffet (1901 -1985), escritor e pintor francês, em setembro de 1948, que essa divisão tomou um rumo de diluir-se de vez, quando com a colaboração de intelectuais e artistas funda a Companhia de Arte Bruta, recusando os estigmas de arte psicopatológica, ou arte de alienados, atribuídos às produções plásticas que estavam fora do mercado de arte. Dubuffet valorizava a qualidade estética dessas produções que resistiam criativamente muito mais do que por serem apenas representações inconscientes. “não há mais arte de loucos, como não há arte de dispépticos ou de doentes do joelho” (apud THEVÓZ, 1979 apud Dantas 2004, 109 apud AVERSA, P. 101). Sua posição crítica reconhecendo o valor desses artistas foi determinante. Assim eles passaram a expor em grandes espaços no final dos anos cinquenta e hoje são solicitados para compor exposições ao redor do mundo,

dado o grande interesse da arte contemporânea pela criação espontânea e por arquivos históricos.

Esta dissertação tem com método as premissas da psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, que desde 1920 introduziu recursos artísticos como parte do tratamento. Para ele a arte é complexo autônomo e uma manifestação fundamental à espécie humana. Para sua concepção psicológica, a criatividade tem força de um instinto e é fonte de saúde, além de promover afirmação da individualidade e da autoestima. Ele acredita na possibilidade de organização do caos interior por meio de suas vivências pessoais analíticas, com desenhos e pinturas documentadas no *Livro Vermelho* ou *Liber Novus* entre 1914 e 1930. Passa a pedir a seus clientes que desenhem representações de sonhos, situações conflitivas e reconhece símbolos comuns em diversas culturas e mitologias, o que o leva ao conceito de arquétipos, disposições inatas que configuram imagens e ideias com alto teor emotivo, “como uma manifestação da sociedade humana reunida globalmente no tempo e espaço.” (ANDRADE, 2000, p.105). As estruturas mais profundas do inconsciente têm base em experiências sociais e históricas, e esse fenômeno ele nomeou como Inconsciente Coletivo. “Jung entende a arte, os mitos e as mais variadas criações do ser humano como expressão de uma cultura de um coletivo. Não procura motivos individuais.” (ANDRADE, 2000, p. 41).

As ideias de Jung e sua aproximação com a arte contemporânea serão aprofundadas no próximo capítulo, por se tratarem da principal referência de método de trabalho utilizado nesta pesquisa. . Do ponto de vista da psiquiatria e da psicologia, a partir de 1950, consolidaram-se o uso e o reconhecimento do caráter terapêutico da livre expressão. Inúmeros trabalhos confirmam melhoras do ponto de vista relacional e de comunicação que favoreceram os tratamentos.

1.4 O início da Arte terapia nos Estados Unidos

A arte foi o campo eleito para inúmeras tentativas de validação de teorias e práticas. Muitas coleções de Arte foram formadas a partir da produção plástica daqueles que estavam fora do circuito de arte do final do século XIX e início do século XX. Historicamente, após a apresentação para o mundo da existência do sujeito do inconsciente em Freud e Jung, muitas descobertas e transformações puderam acontecer, nas ciências humanas. Nos anos posteriores, ao final da segunda Guerra Mundial, houve um aumento na demanda de apoio e

acompanhamento de sintomas psíquicos. Nesse momento criam-se condições para a expansão da atividade clínica individual, para atividades grupais, e para novas escolas de pensamento que se afastaram dos paradigmas mecanicistas e positivistas para produção de conhecimento.

Margaret Naumburg (1890-1983) foi a primeira a sistematizar o que se chamou arteterapia, em 1941. Tinha um grande interesse por filosofia oriental, ocultismo, parapsicologia, psicodrama e artes primitivas, principalmente egípcias, e surrealismo. As maiores influências que ela reconhecia em seu trabalho de arte terapia eram Freud, Jung e Harry Stack Sullivan. Foi educadora e se tornou arte terapeuta. Acreditava que a educação deveria se orientar no sentido de aumentar a autoexpressão criativa e proporcionar o desenvolvimento emocional das crianças. Funda em 1914 a Children's School, que anos depois se tornou a Walden School, onde as crianças podiam ter suas necessidades emocionais atendidas em condições de liberdade e um currículo extenso com ênfase nas artes. Durante os anos 1940, 1950 e 1960, escreveu muitos artigos e quatro livros sobre arteterapia. Nos anos 1960 trabalhou para a implantação de cursos de graduação em arteterapia, trabalhou até os 85 anos de idade em Nova York e ficou conhecida como uma educadora de imaginação e inspiração incríveis.

Adotou gradativamente a abordagem psicanalítica, na qual o paciente é levado a fazer livre associação com as representações pictóricas produzidas e entendidas como projeção. Dessa forma, as imagens do inconsciente escapavam à repressão com maior facilidade do que pela expressão verbal. Sua postura terapêutica não explica ou interpreta a expressão simbólica, mas incentiva o paciente a ir por si mesmo descobrindo sentidos, colocando o foco no processo terapêutico. Seu método “art psychotherapy”, psicoterapia através da arte, previa a reflexão verbal. (ANDRADE, 2000.)

Florence Cane (1882-1952), irmã de Margaret Naumburg, era artista e professora de arte e também se tornou arte terapeuta. Ela desenvolveu métodos para liberar a expressão artística e baseado neles Margaret desenvolveu métodos para arteterapia, como a técnica do Rabisco. Florence interessava-se por Arte Moderna e Educação e criticava os métodos de ensino e de arte, nos quais os professores eram levados a ensinar a copiar com aptidão e proporção sem utilizar os sentimentos como fonte criativa. Intuitiva, o foco de seu trabalho era o processo artístico como veículo para o desenvolvimento afetivo. Submeteu-se à análise junguiana, e, influenciada também por suas leituras, acreditava no importante papel das emoções na imaginação, intuição, vontade. Seu papel era de auxiliar pacientes enviados por

psiquiatras ou analistas. Era como uma professora criativa percebendo significados das representações, mas deixando a interpretação para o próprio cliente. Acreditava na cura pela arte. Seu método, “art as therapy” concebia processos terapêuticos com uso de arte. (ANDRADE, 2000).

Edith Kramer (1915 – 2014) também foi uma das pioneiras da arte terapia nos EUA, a partir de 1958. Nascida em Viena em uma família de artistas, tinha parentes e amigos ligados a Freud. Pintava desde criança e se dedicava à pintura intensamente quatro meses por ano. Já nos EUA, nos anos 1950 começa a trabalhar numa escola de Nova Iorque e até aquele momento o campo estava sendo explorado apenas por Margaret Naumburg. De concepção teórica freudiana, o fundamento de seu trabalho é o conceito de Sublimação de instintos por meio de processos criativos na arte. Acreditava que a ênfase estava na relação transferencial, conceito psicanalítico para observação de fenômenos de projeção e transferência de situações psíquicas para o *setting* analítico. O processo de fazer arte sem a necessidade de verbalização era o seu foco de trabalho. Buscava a compreensão do meio, da linguagem plástica. Torna-se o objeto de diálogo terapêutico o foco no processo de fazer arte. Afirmava que o terapeuta deveria ter postura de psicoterapeuta, artista ou professor de arte. (ANDRADE, 2000).

Janie Rhyne (1913-1995) estudou arte nos EUA e depois de formada ganhou uma bolsa na Alemanha, mas interrompeu sua pesquisa em 1937, quando os nazistas não permitiram mais o trabalho. Retorna aos Estados Unidos, estuda antropologia, depois mora com artistas no México. Em 1973 publica “*The Gestalt Art Experience*” descrevendo vivências com seus clientes por intermédio de técnicas para fazer arte. Seguiu as orientações da psicologia da Gestalt, uma teoria da percepção e do insight, das inter-relações entre formas e os processos de quem os percebe. Acredita que a aquisição e aumento de percepção “awareness” tem papel no desenvolvimento das habilidades humanas e na personalidade. O foco “está na vivência, na atenção total ao momento, o dar-se conta do fazer consciente e o reaprender a confiar nos dados da experiência pessoal.” (ANDRADE, 2000). Tinha conhecimento do uso de arte em outras abordagens, mas na Gestalt encontrou respaldo para o seu foco na vivência da experiência artística com atenção e consciência. Fazer formas envolver-se emocionalmente nas formas como uma experiência pessoal, observar o processo e perceber-se através das realizações. Gestalt “Encounter” a arte experiência. (ANDRADE, 2000).

É condição “sine qua non” que a arte esteja no centro do trabalho para este poder ser considerado como arte terapia. Ela deve ser o denominador comum de todas as possíveis subdivisões (escolas e orientações) de arte terapia e terapias expressivas, aquelas já configuradas e outras a serem desenvolvidas. A arte é, portanto a coluna vertebral da arte terapia, a única justificativa para a mesma se constituir como uma disciplina diferenciada. (ANDRADE, 2000, P. 165).

Observa-se que duas principais correntes se desenvolveram derivadas das experiências dessas pioneiras, uma corrente que tem como objetivo fazer psicoterapia com função e orientação psicoterapêutica denominou-se arte terapia. E outra corrente que se utilizará das atividades artísticas para promover o conhecimento de arte ou outras disciplinas com função educativa, a arte-educação.

1.5. O início da Arte terapia no Brasil.

O Brasil esteve na vanguarda do uso de recursos artísticos e promoção de inclusão social por meio da arte dos alienados desde os anos 1920, com Osório César em São Paulo e Ulisses Pernambucano no Recife. Nos anos 1950, Nise da Silveira inicia uma pesquisa unindo arte, psiquiatria e psicologia analítica, que deu origem ao Museu das Imagens do Inconsciente, importante acervo pesquisado e até hoje disponível para pesquisas no Rio de Janeiro. É o que veremos no próximo capítulo, que vai tratar das fontes de inspiração e referências de trabalhos fortemente alicerçados em profissionais, métodos validados e longa literatura publicada acessível de modo impresso ou por via eletrônica.

No Brasil algumas mulheres também começaram a trabalhar com arte terapia nos anos 1960. Maria Margarida M. J. de Carvalho foi à primeira. Formada em Filosofia pela USP em 1955, no ano seguinte começou a trabalhar como professora assistente lecionando Psicologia no curso de Filosofia da referida Universidade. Especializou-se em Psicologia Clínica em 1957, escrevendo sobre uso do desenho da figura humana como forma de diagnóstico. Em 1958 passa a dar aulas no recém-criado instituto de psicologia da USP. No ano de 1964 foi aluna pela primeira vez de um curso de extensão de Arte Terapia com Hanna Kwiattkowska, na PUC que abordou suas experiências com arte terapia familiar em Mariland, EEUU. O contato com a abordagem que já havia se estruturado na Europa e nos Estados Unidos revelou-se oportunidade de harmonizar dois campos de interesse: psicologia e artes, integrando 14 anos de estudo de dança clássica, música e artes entre os quatro e 18 anos de idade, antes de ingressar na Faculdade. A partir de 1968 começa a trabalhar como arte

terapeuta e em 1972 organiza os primeiros cursos de 30 horas para pequenos grupos em seu consultório e instituições. (CARVALHO, 1995; ANDRADE, 2000).

Com a contribuição de Radhá Abramo, professora e crítica de arte, e de Carlos Alberto Godoy, professor de arte, Maria Margarida Carvalho orienta um trabalho de arte terapia com detentos na penitenciária de São Paulo em 1972 e no ano seguinte apresenta um trabalho no XI Congresso Nacional em Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental. Seu trabalho começa a ter visibilidade junto ao setor médico e instituições públicas.

Em 1981, monta o primeiro curso de que se tem registro no Brasil, denominado “Curso de Terapias Expressivas” no Instituto Sedes Sapientiae na cidade de São Paulo. Naquela época, esta seria a terminologia que abarcaria o trabalho com o corpo e recursos artísticos, já que a terminologia arte terapia estava sendo mais associada aos trabalhos com as artes plásticas (CARVALHO, 1995).

Em consequência da dificuldade de manter o grupo de professores, foi convidada em 1989 para participar do “Curso de Introdução à Arte Terapia coordenado por Selma Ciornai, Doutora em Psicologia e Gestalt, terapeuta que viveu e estudou Arte Terapia nos Estados Unidos, onde se credenciou pela ATR, Associação Americana de Arteterapia” (CARVALHO, 1995).

Foi no ano de 1990 que o curso passou a se denominar “Curso de Formação em Arte Terapia, e no ano de 1993 realizou-se o I Encontro Paulista de Arte Terapia”. Dois anos depois tivemos a condensação das principais discussões lançadas no livro *A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia*, em 1995 coordenada pela pioneira Maria Margarida de Carvalho. (CARVALHO, 1995, ANDRADE, 2000).

Na cidade do Rio de Janeiro, no início dos anos 1970, outro brasileiro licenciado pela ATR, Luiz Duprat, organiza alguns grupos de estudo sobre o tema.

No início dos anos 1980, Angela Phillipini inaugura a Clínica Pomar, um centro de estudos, formação e atendimento em arte terapia de abordagem junguiana. Com o espaço e a prática surgem novos projetos, como a clínica social, a coordenação de cursos em Pernambuco, Goiás e outros Estados, a promoção dos primeiros Congressos Brasileiros de Arte Terapia e a criação da Revista Imagens da Transformação. Em 2004 publica *Para*

Entender ArteTerapia-Cartografias da Coragem, seu primeiro livro condensando reflexões críticas de todo o percurso percorrido até ali.

depois do período batizado de “Anos de Chumbo”, e que durou de 1964 a 1985. Com o seu término e a reconquista da liberdade de expressão e criação, a consciência coletiva de nosso país apresentou-se em múltiplas manifestações culturais..... Já era possível reunir-se em praça pública, dançar e cantar, representar, fazer cinema, enfim fazer Arte com mais liberdade. E neste reflorescer coletivo, de expansão e autonomia criativa, mudanças e abertura também chegaram ao universo clínico. Houve um desenvolvimento significativo das chamadas “Terapias Expressivas” e nestas trilhas de abertura, brotaram as primeiras sementes da Arte Terapia, através dos primeiros núcleos de trabalho, basicamente no Rio de Janeiro e São Paulo... Na década de noventa surgem núcleos em Goiás e Minas Gerais, e mais recentemente observa-se uma ampla expansão desta prática terapêutica de norte a sul do país. (PHILLIPHINI, 2004, P. 14).

Selma Ciornai, em 1990, tem seu curso Arteterapia/Abordagem gestáltica do Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo, reconhecido pela associação Americana de Arte Terapia, onde se formou. Monta uma equipe que passa a desenvolver os cursos e trabalhos sociais em Arte Terapia de abordagem gestáltica. Em 1994 organiza o I Encontro Paulista de Arte Terapia. Em 1995 passam a publicar a revista Arte Terapia: Reflexões. Organiza a Série de três Livros Percursos em Arte Terapia, publicado pela Summus Editorial nos anos de 2004 e 2005. Constituíram-se assim, os fundamentos da arteterapia de abordagem gestáltica no Brasil.

Devido aos importantes resultados apresentados que passam a ser publicados com grande ênfase a partir de 2004, a cada ano a arteterapia passa a ter mais visibilidade entre praticantes de metodologias e projetos interdisciplinares e transdisciplinares. Cresce a procura por informação e formação. Para acompanhar a demanda, atualmente acompanhamos a proliferação das ofertas de cursos de especialização em arte terapia no Brasil reconhecidos pelo MEC em Universidades Públicas, privadas e Institutos como o Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa- IJEP, onde dou aulas na especialização em Arteterapia e Expressões criativas, desde 2012.

Quando iniciei a revisão da bibliografia científica sobre o tema no Brasil que se fez fundamental para a escrita dessa dissertação, encontrei 1.450 resultados de trabalhos em português, entre livros, artigos e trabalhos científicos. Irene Arcuri, Liomar Quinto de Andrade, Selma Ciornai, Angela Phillipini, Cristina Alessandrini, Sonia Tommasi, Robson Xavier da Costa estão entre os autores que difundem suas experiências no Brasil por meio de livros publicados. Entre teses e dissertações, vinte e nove projetos, sendo que vinte e quatro referiam-se a trabalhos na interface arte e saúde, e duas na interface educação e arte as duas

formas clássicas e conceituadas de atuação em arte terapia, desde seu início nos anos 1960. As outras três, com objetivos diferentes desse primeiro grande grupo, representam a possibilidade de um outro olhar. Santina Rodrigues de Oliveira em 2006 questiona a materialidade das experiências versus a materialidade do fenômeno que se apresenta articulando os materiais a luz dos fundamentos das psicologias analítica de Jung e Arquetípica de Hillman, e foi a que veio a contribuir enormemente para uma reflexão desse projeto transdisciplinar que também irá se orientar nos fundamentos psicológicos desenvolvidos por estes dois teóricos, apresentados de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Nota-se a ênfase que foi dada até hoje para projetos que estão fortemente ligados à interface arte e saúde. De forma mais contundente, se faz importante refletir sobre propostas em arte terapia centradas na experiência artística e não nos rótulos e estigmas da população participante das atividades. E é isso que este projeto pretende descrever nos terceiro, e quarto capítulos, logo adiante. Algumas incursões centradas na experiência artística e no que, em um primeiro momento chamamos de inclusão social.

CAPÍTULO II – FONTES DE REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO

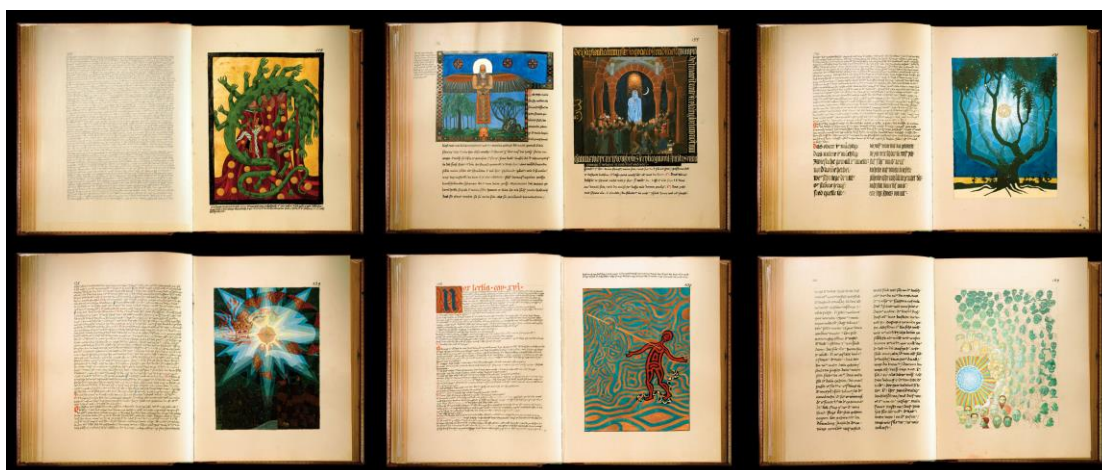
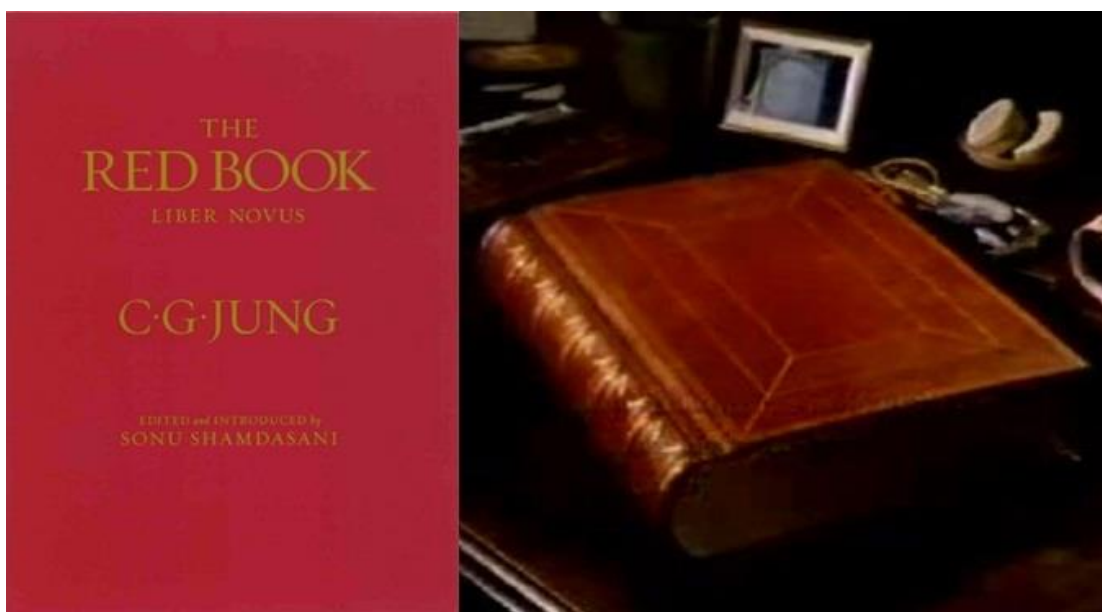


Figura 1. Carl Gustav Jung. Foto de divulgação do lançamento do *Livro Vermelho*, 2010.

Figura 3. Carl Gustav Jung. Ilustrações do *Livro Vermelho*, entre 1914 e 1930. Suíça.

A arte é o exercício espiritual da liberdade.

Mario Pedrosa

A utilização de ferramentas artísticas com finalidade terapêutica está subordinada à definição de um referencial teórico e metodológico. A partir daqui falaremos do que tem ressonância com este projeto. Para esta pesquisadora, as ideias de Jung e do pós-junguiano James Hillman sobre psicoterapia e imaginação irão nortear o olhar e as intervenções, na clínica, na cultura, na arte e na vida.

Jung me inspira por tudo que pensou, realizou e sistematizou. Foi um dos primeiros a se entregar às experiências imagéticas. Traduzia emoções em imagens e assim estabeleceu um diálogo e se confrontou com o que ele definiu como “realidade objetiva”. Foi por meio da análise de sua produção de desenhos, pinturas e dramatizações, registradas e revisitadas em formato de livro, durante dezesseis anos, que ele chegou às sínteses de que precisava para conceituar uma nova e contemporânea escola de pensamento: A Psicologia Analítica. Suas ideias foram condensadas em dezoito volumes totalizando trinta e cinco livros. A obra completa de Jung foi traduzida em vinte e seis idiomas. Sua visão de sujeito inconsciente e complexo influenciou e influencia pensadores não só no campo da psicologia, como na literatura, na arte e na cultura, sendo a complexidade um paradigma atual e arquetípico.

Se com Jung define-se uma visão de sujeito, o método de trabalhar com esse sujeito veio com o pós-junguiano James Hillman, e sua regra única de “ficar com as imagens”. Se Jung amplifica o meu entendimento sobre a visão de sujeito inconsciente para inconsciente pessoal e coletivo, e fundamenta o seu método por meio da expressão simbólica e a relação dialética com os símbolos, Hillman, fiel à máxima de Jung de que imagem é psique, e de que todo processo psíquico é um imaginar, vai se ocupar em diferenciar o que é imagem do que é símbolo, conceitos que Jung usou indistintamente durante sua obra. Imagem como o que qualifica toda e qualquer fantasia. Isso significa que a clínica será um espaço imaginal onde todas as nossas imagens serão acolhidas e vivenciadas metafórica ou artisticamente. (OLIVEIRA, 2006).

O mergulho e aprofundamento nas ideias de Jung e Hillman aconteceram através da participação em grupos de estudo de três experientes analistas, que me apresentaram textos e

discutiram comigo minhas aflições: Andréa Vistué, Santina Rodrigues de Oliveira e Ajax Perez Salvador. Com Santina Rodrigues de Oliveira, tive a oportunidade ainda de descobrir a arte terapia como um campo disciplinar, sendo suas pesquisas minha principal referência na área.

No Brasil, desde a década de 1920, se pratica arte terapia de forma científica e acadêmica, por meio dos trabalhos de Osório César, psiquiatra e músico. Bem relacionado com os artistas e intelectuais modernistas em São Paulo, ele toma a iniciativa de convidar artistas para dar aulas de pintura e escultura no Hospital do Juqueri para os internos que naquele momento se denominavam “alienados”. Inspirado pela teoria psicanalista escreveu livros, e se tornou depois um grande colecionador e divulgador da arte que se conseguia produzir, realizando mais de cinquenta exposições no Brasil e internacionalmente. Esse trabalho é muito importante para esta pesquisa porque é a primeira iniciativa consistente de ter mais de uma finalidade com a oferta de oficinas artísticas. Ele acreditava no potencial curativo da arte terapia, dedicava-se a documentar o que descobria e tinha ainda o objetivo de promover inclusão por meio da arte ou do artesanato faturado pelos internos.

Nise da Silveira, desde o final dos anos 1940, se une inicialmente ao artista plástico Almir Mavignier e passa a oferecer oficinas de pintura e escultura entre as atividades do Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, onde estava locada, desde que se recusou a utilizar o eletrochoque com os internos, ou qualquer outro dos métodos mecanicistas da psiquiatria de sua época. Nise é a primeira brasileira a fazer contato com Jung, no final dos anos 1950, tendo se identificado com suas teorias, consegue uma bolsa de estudos e vai estudar na Suíça. Em 1957, Jung convida Nise a expor o seu trabalho no II Congresso Mundial de Psiquiatria, que se realizaria em Paris, onde ele seria homenageado. Até a morte de Jung, foram muitas as trocas, sendo ela a pioneira a divulgar pesquisas fundamentadas na corrente da psicologia Analítica, por meio de livros e documentários que se tornaram referências mundiais. Diferentemente de Osório, e fiel ao seu Mestre Jung, Nise não considerava arte os trabalhos realizados por seus internos. Era veemente, é pesquisa. Seus trabalhos são muito importantes para esta pesquisa, pois trata-se de fontes de referências clássicas e rigorosamente elaboradas fundamentando-se pelo pensamento junguiano.

Lygia Clark é outra brasileira reconhecida internacionalmente pela sua trajetória de artista e propositora. Entrou para a história ao se inspirar e realizar o conceito de arte definido

pelo crítico e amigo, Mario Pedrosa: “a arte é o exercício espiritual da liberdade”. Foi a primeira a acolher pessoas e suas imagens por meio das memórias corporais. Nomear-se arte terapeuta e propositora foi o ápice de sua poética. Suas experiências são muito importantes para este projeto, que também tem como objetivo incluir o corpo na vida das pessoas, a sabedoria que vem dos sentidos.

Agora falaremos um pouco mais destes que junto com o conhecimento apresentado durante a especialização em Arte Terapia/ Terapia Expressivas, são as fontes de referências fundamentais ao processo criativo e experimental.

2.1 Jung, psique e imagem

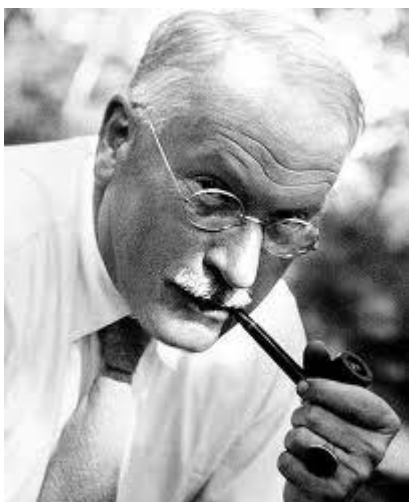


Figura 4. Carl Gustav Jung, S/Data, S/Local Definido.

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um importante e conceituado psicoterapeuta e pesquisador das culturas. Médico, com especialização em psiquiatria em 1900, teve contato com a psicanálise logo no início de suas pesquisas, em 1904. Desencantado com os métodos experimentais e estatísticos na psiquiatria passa a se corresponder com Sigmund Freud (1856-1939) em 1906 e a buscar a terapêutica e o encontro clínico como método de pesquisa. Durante cerca de sete anos, foi considerado o príncipe herdeiro da psicanálise, dada a dedicação e o talento para comprovar por meio de seu teste de associação de palavras a existências das determinantes inconscientes nas ações humanas. Os anos de profícuo convívio intelectual não foram suficientes para evitar uma drástica ruptura. Suas diferentes visões sobre energia vital e fenômenos suprapessoais presentes nos comportamentos os afastaram em 1913. Jung entra numa grande e longa crise. Nesse período e durante os dezesseis anos

posteriores, Jung dedica-se a sua análise, a partir do uso de recursos artísticos, registrados ritualmente no que nomeou *Liber Novus ou Livro Vermelho*⁴, que será descrito adiante.

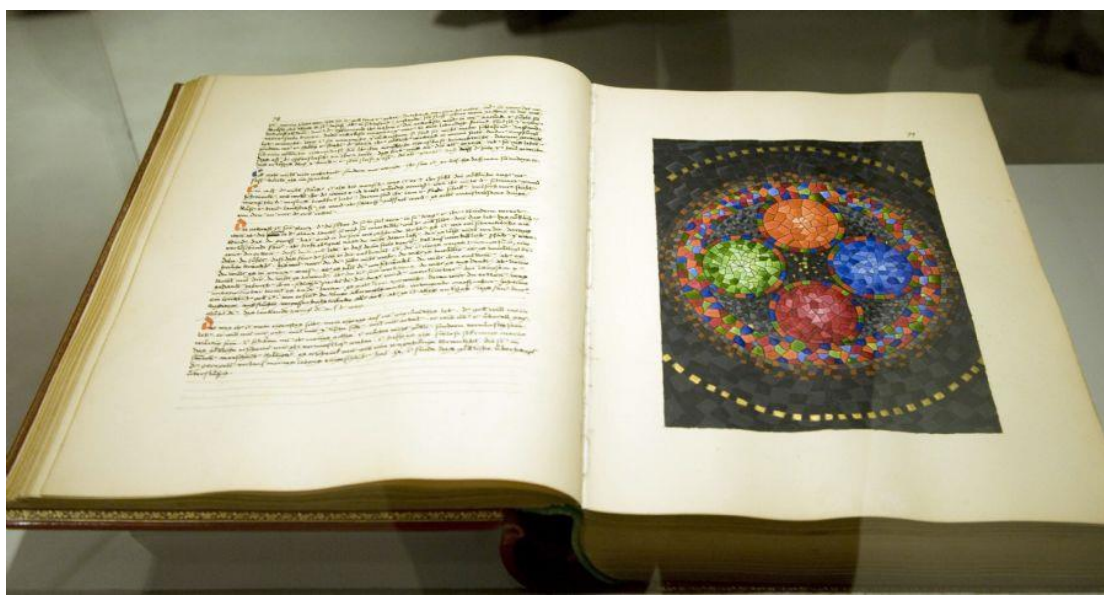


Figura 5. Carl Gustav Jung: *The red book* no Museu Rubin, Nova Iorque. 2009.

Jung credits to images and symbols a genuine source of human communication, both of the individual with its interiority as well as the effects of the historical, social or family context in which it is inserted. When he separated from the psychoanalysts in 1913, he began to devote himself to the search for his soul through the production of spontaneous and free fantasies, dreams, and ideas in flux. Paralleling this, Jung wrote several texts, in which he sought to give body to his references mixed with his experiences. Inspired by the ideas of William James and others, he wrote about two forms of thought, the directed thought or linguistic thought and the fantasy thought. The first is permeated by the processes of adaptation to the environment, turned towards reality, logical. The second, the fantasy-thought, is directed by unconscious motives, detached from reality, works without effort like dreams and fantasies, reveals ideas and subjective tendencies incompatible with the social and adaptation processes, unproductive thoughts from the point of view of the identity of the Ego, but which in the long run

⁴ Esse livro reúne as vivências pessoais de Jung durante os dezesseis anos seguintes da sua ruptura com a corrente psicanalista. Nessas experiências estão à base de tudo que Jung desenvolveria de 1930 até 1961, ano de sua morte. Ficou guardado por quase 50 anos, até que no ano 2000, inicia-se um projeto para uma edição fac-símile e um calendário de exposições do original como evento paralelo ao lançamento, nos Estados Unidos, em 2009. No Brasil o *Liber Novus ou Livro Vermelho* foi lançado pela Editora Vozes em 2010.

organizam e liberam forças criativas. Alinhada a sua visão de sujeito inconsciente, complexo, postula a linguagem como uma produção pessoal e coletiva, com componentes individuais, coletivos e da época. O trabalho do analista é promover um diálogo com estas forças inconscientes para alcançar um significado temporário, já que a realidade objetiva é dinâmica em essência, requer movimento e se colocar a repensar e se rever, constantemente. (SHANDASANI, 2012).

Jung, a partir de 1920, introduz recursos artísticos como parte de seus dispositivos clínicos. Passa a pedir a seus clientes que representem emoções de sonhos, fantasias ou situações conflitivas e reconhece, a partir da observação clínica e de suas experiências, símbolos e signos primordiais presentes em culturas e mitologias e configuram imagens e ideias com alto teor emotivo e ritual. Isso o leva ao conceito de arquétipos “como uma manifestação da sociedade humana reunida globalmente no tempo e espaço.” (ANDRADE, 2000, p.105). As estruturas mais profundas do inconsciente, os arquétipos, têm base em experiências sociais e históricas, e esse fenômeno ele nomeou como pertencente ao Inconsciente Coletivo. Os arquétipos são como formas que se atualizam por meio das experiências humanas. “Jung entende a arte, os mitos e as mais variadas criações do ser humano como expressão de uma cultura de um coletivo. Não vai procurar motivos individuais.” (ANDRADE, 2000, p. 41).

Quem fala por meio de imagens primordiais fala como se tivesse mil vozes; comove e subjuga..., eleva o destino pessoal ao destino da humanidade e com isto também solta em nós todas aquelas forças benéficas que desde sempre possibilitaram à humanidade salvar-se de todos os perigos e também sobreviver a mais longa noite. (JUNG, 2013, p. 57).

Portanto, Jung foi um dos primeiros a praticar e incentivar o uso de técnicas expressivas para facilitar um contato profundo com o “si-mesmo”, terminologia que ele usa para designar quem somos genuinamente, na tentativa de elaborar verdadeiras impressões e sentimentos sobre nossas tarefas e aspirações. E o que Jung fazia com suas imagens? Como se davam o aprofundamento, a imersão e a reflexão sobre o que se produzia?

Das experiências registradas no *Livro vermelho*, durante dezesseis anos, seguidas dos momentos de reflexão e diálogos de Jung sobre sua produção plástica. Desse envolvimento, nascem alguns conceitos da Psicologia Analítica e o método da Imaginação Ativa, uma abordagem dialética diante das representações a partir de vivências e confrontos com o seu inconsciente. Conjuga-se o trabalho com as mãos e o pensamento, o que fez sua psicologia se

tornar centrada na expressão simbólica, entendendo como símbolo “expressão de uma concepção para a qual ainda não se encontrou outra melhor [...] tentativas de expressar alguma coisa para a qual não existe conceito verbal.” (JUNG, 1957- apresentação do Livro Vermelho, s/n).

Jung desenvolveu uma técnica para “chegar fundo do [seu] processo interior”, “traduzir emoções em imagens” e “compreender as fantasias que estavam se agitando...” “subterraneamente”. Mais tarde ele deu a esse método o nome de “imaginação ativa”. Jung registrou primeiramente essas fantasias em seus *Livros Negros*. Depois revisou esses textos, acrescentou reflexões sobre eles e copiou-os em escrita caligráfica num livro intitulado *Liber Novus* encadernado em couro vermelho, acompanhado por quadros pintados por ele mesmo. Sempre foi conhecido como *Livro Vermelho*.... a técnica da imaginação ativa só tornou-se pública em 1958. ... ele sintetizou suas experiências referindo-se a uma enfadonha, mas necessária “elaboração estetizante” (HOERNI, 2012, xi-xii).

Para Sonu Shamdasani (2012), historiador junguiano e organizador do *fac simile* do *Livro Vermelho* de Jung, finalmente liberado para publicação cinquenta anos após a sua morte em 2010, Jung revisou e editou cuidadosamente sua obra, seguindo etapas bem definidas: um período de imaginações espontâneas; um período de imaginação ativa; a escrita dos diálogos dessas imaginações e reflexões promovidas por terceiros. Ele enviava ainda alguns extratos para amigos íntimos e sua esposa opinarem sobre o que experimentara.

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante de minha vida. Neles todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início, e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e que inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida. (JUNG, 2012, p. 57).

Christian Gaillard (2010), professor de arte e psicanálise e especialista em Jung, diz que a abordagem que Jung faz da arte consiste primeiramente em “deixar vir a si”, promover um encontro com a imaginação. Depois é preciso “deixar acontecer”. Ele determina um tempo de pausa para permitir que apareça o que interiormente se apresenta ao descobrir a obra de arte. A primeira parte de seu método, em alemão *Geschehen lassen*, deixar vir, deixar-se impressionar, deixar livre espaço, chegando gradualmente às percepções, consciência, sensações e sentimentos. O espanto, a surpresa e o choque emocional são condições necessárias para se chegar aos motivos e sentidos inconscientes.

Num segundo momento, *Betrachten*, que significa observar, olhar atenta e escrupulosamente, abordar a partir de diferentes ângulos, dando voltas ao redor *circumambulatio*, como Jung chamou o seu método completo. E ainda outra ação, o verbo *sich auseinandersetzen*, medir-se, confrontar-se com. Uma abordagem fenomenológica-dialética e estrutural atenta à reincidência, ao que se repete e às transformações de representações típicas que vêm de longe, do mais distante de nós e do legado arquetípico de nossa história coletiva. Segundo as experiências de Jung, esses exercícios gradualmente acalmam, estruturam e permitem um encontro e uma abertura com o que se apresenta.

O meu esforço consiste justamente em fantasiar junto com o paciente. Pois não é pouca importância que dou à fantasia. [...] Toda obra humana é fruto da fantasia criativa. Se assim é como fazer pouco caso do poder da imaginação? [...] o poder da imaginação, com sua atividade criativa, liberta o homem da prisão da sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico. O homem, como diz SCHILLER, ‘só é totalmente homem, quando brinca’. (JUNG, 2007, p. 43).

Para Jung, imagem é psique. Sua visão de mundo reconhece o poder da imaginação e das representações criativas. Pode-se dizer que ele dedicou sua vida aos sonhos, imagens e visões, conferindo a estas um papel estruturante e curativo. Em 1922, Jung escreve sobre a relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. ⁵Ele discorre sobre o processo de criação artística, como uma atividade psicológica e, como tal, objeto da psicologia. Para ele, “o que é a arte em si, não pode ser objeto de considerações psicológicas, mas apenas estético-artísticas” (JUNG, 2012p. 65). O autor considera a obra de arte em estado nascente um complexo autônomo, algo suprapessoal “poderíamos até falar de um ser que utiliza o homem e suas disposições pessoais apenas como solo nutritivo, cujas forças ordena conforme suas próprias leis, configurando-se a si mesma de acordo com o que pretende ser.” (JUNG, 2012, p. 72). O momento de criação é uma realização criativa da psique objetiva e os questionamentos devem buscar o sentido da obra de arte.

Para Jung, existem duas possibilidades de origem das obras e dois tipos de artistas, o de gênero introvertido e o artista extrovertido. Obras que se caracterizam pela afirmativa do sujeito, realizadas por aqueles que se identificam com o processo criativo e se colocam como instrumentos, subordinando os materiais aos propósitos que desejam atingir, “O material é dominado pela intenção do poeta” (JUNG, 2012, p. 74), e outros que são inundados com ideias e imagens que se impõem ao autor revelando com espanto pensamentos e inquietações

⁵ Vol.15 O.C. O Espírito na Arte e na Ciência.

íntimas”, caracterizadas pela subordinação do sujeito às solicitações do objeto” (JUNG, 2012, p. 74). Quando um artista diz mais do que pretendeu revelar ou percebe exigências imperativas na concepção da obra de arte é possível reconhecer a influência inconsciente da realidade psíquica e até se permitir ser conduzido por ela.

Contra sua vontade nisso tudo é sempre o seu “si-mesmo” que fala, que é a sua natureza mais íntima que se revela por si mesma anunciando abertamente aquilo que ele nunca teria coragem de falar. Ele apenas pode obedecer e seguir esse impulso estranho... sente que sua obra é maior do que ele e exerce um domínio tal que ele nada lhe pode impor.” (JUNG, 2012 - P.73-74).

Imagens arquetípicas oriundas de uma camada suprapessoal que Jung denominou inconsciente coletivo, memória de todas as experiências sociais e históricas da produção de conhecimentos da humanidade. Nessa teoria, o processo “criativo extrai do homem o seu alimento”, oferecendo um ponto de vista elaborado e representado pela ordem dos sentidos e do sensível, falando por meio de imagens primordiais, presentes sempre que a imaginação criativa for espontaneamente expressa. “Cada uma dessas imagens contém um pouco de psicologia e destino humanos, um pouco de dor e prazer repetidos inúmeras vezes na nossa genealogia, seguindo em média também a mesma evolução.” (JUNG, 2012, p.82).

Logo, o artista atualiza no presente conteúdos universais, agregando um sentido social na obra de arte, o de trabalhar na educação do espírito de uma época e compensar parcialmente a realidade. Manifestações que irão se repetir em vários lugares ao mesmo tempo até que o evento seja passível de ser compreendido. “Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, a arte representa um processo de autorregulação espiritual na vida e das épocas e das nações.” (JUNG, 2012 p. 84).

O *Livro Vermelho* de Jung foi exibido na última edição da Bienal de Veneza, a 55ª, “Palácio Enciclopédico”, de junho a novembro de 2013. A proposta do curador Massimiliano Gione era examinar por meio de cosmologias pessoais, “[...] o papel das imagens, as funções da imaginação e os reinos do imaginário, procurando questionar que espaço é deixado para os sonhos, visões e alucinações numa época assediada por imagens externas.” (GIONE, 2013).

Isso estava de acordo com o conceito curatorial da 55ª Bienal de Veneza, que tomou emprestado o projeto e a maquete criados pelo comerciante italiano Marino Auriti (1891-1980), que idealizou reunir em um palácio as grandes descobertas da humanidade. O curador expos em destaque no pavilhão Central da mostra o *Livro Vermelho*, a obra privada e central de Carl Gustav Jung (1875-1961), que o autor denominou *Liber Novus* – Livro Novo - fruto de seu confronto com o inconsciente, entre 1914 e 1930, logo após o rompimento com Freud.

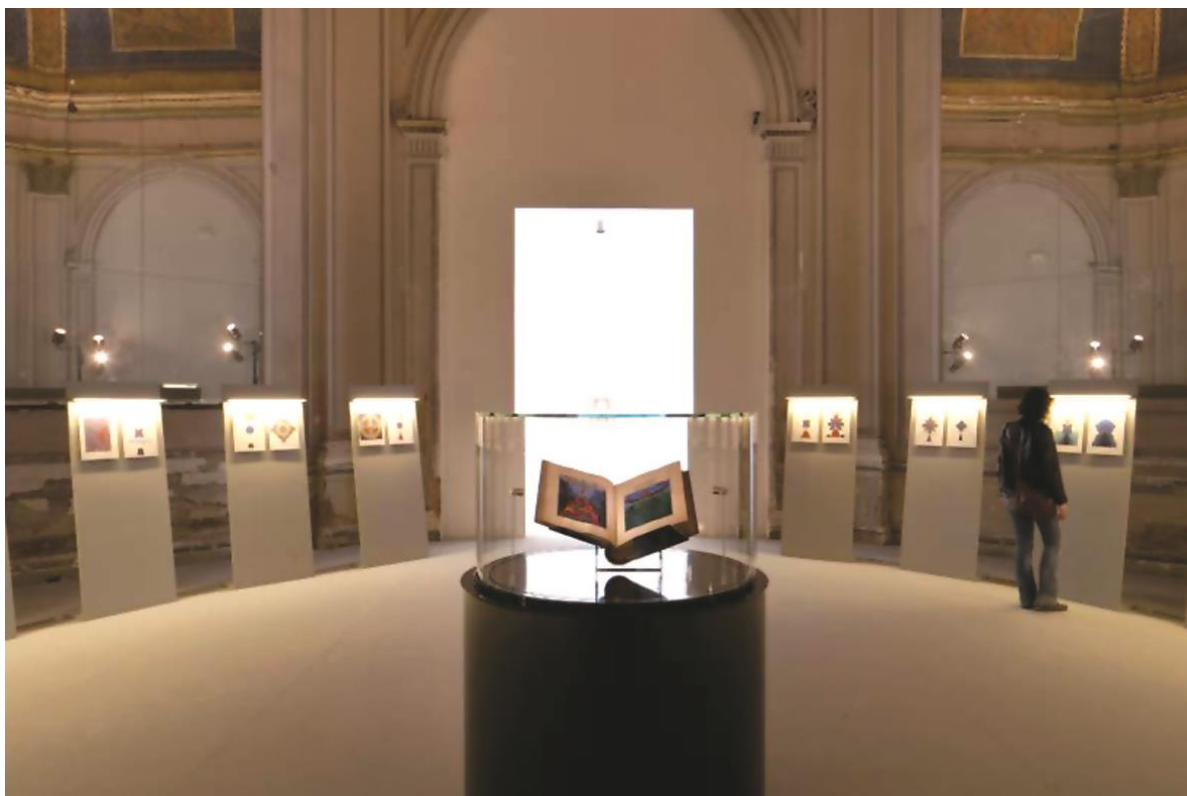


Figura 6. Carl Gustav Jung: *The red book* no Palácio Enciclopédico. 55ª Bienal de Veneza. 2013.

A mostra combinou como o Palácio de Auriti obras de arte, artefatos e objetos achados, reunindo trabalhos do começo do século XX até o presente. Concebido como um museu temporário, a exposição desloca a separação entre profissionais e amadores. A exposição no pavilhão Central abre com uma apresentação do livro Vermelho de Carl Gustav Jung, um manuscrito ilustrado em que o famoso psicólogo trabalhou por mais de dezesseis anos. A representação do invisível é um tema central da apresentação, ilustrada por pintores e místicos do começo do século XX e por jovens artistas contemporâneos. (GIONE, 2013).

Em entrevista à Folha de São Paulo, Gione explica: “Exibir o *Livro Vermelho* pela primeira vez em uma exposição de arte contemporânea nos obriga a meditar sobre as nossas próprias imagens internas e sonhos que aparecem através da exposição”. A mostra exibiu também desenhos do fundador da antroposofia Rudolf Steiner (1861-1925), obras do artista

brasileiro Arthur Bispo do Rosário (1910-1989), entre outros nomes do mercado da arte, em projetos originais e inusitados. A mostra da Bienal de Veneza-2013 estava centrada na representação do invisível e a reflexão sobre o espaço de nossas imagens internas. O curador, ao eleger o *Livro Vermelho* de Jung como uma grande descoberta da humanidade, estabeleceu sem dúvida um marco no reconhecimento à grande obra-prima de Jung. Nele o pensador registrou seu confronto com o inconsciente, visões e imagens de suas fantasias e sonhos durante dezesseis anos, imersão que declarou ser à base de tudo que ele desenvolveria durante os anos seguintes de sua vida.

Jung morreu em 1961, aos 84 anos, sem terminar a transcrição do texto, um quadro e o epílogo do Livro Vermelho. Jung sempre gostou de arte, frequentava os museus e exposições na Europa, sentia-se atraído pelos pintores holandeses, obras da Renascença e especialmente de Holbein e Bocklin. Pintava a óleo e aquarelas. Em 1908 compra um terreno às margens do Lago de Zurique, passando a se dedicar também a construção de uma casa e a se interessar cada vez mais por mitologia, folclore e religião. Ele não atribuía valor artístico ao que era produzido por ele e pelos pacientes, dizendo que isso fugiria à finalidade do exercício de configurar as fantasias ativas e refletir de forma cuidadosa e constante sobre todos os seus detalhes. (SHAMDASANI, 2012).

Jung não poderia prever que a arte contemporânea decretaria o fim das vanguardas artísticas nos anos 1960 e 1970 e expandiria seu campo nos anos seguintes à sua morte. A arte saiu das molduras e dos museus em busca de uma estetização da vida. Convocou o público a se tornar parte de proposições com o objetivo de oferecer experiências sensoriais e artísticas e assim promover a ideia de arte e vida. Trabalhou com conceitos e atitudes sobre mudanças e transformações cotidianas, sociais e políticas considerando mais importante a reflexão promovida com a intenção artística do que a obra de arte em si. As recentes pesquisas históricas e teóricas deste início de século XXI aproximam arte e educação, “arte como conhecimento, enquanto expressão e cultura de um povo, com suas complexas redes de relações e de valores” (COUTINHO, 2006, p.43).

Se houve um período no qual a psiquiatria e a psicologia emprestaram da arte ferramentas para favorecer o confronto com nossas imagens, hoje é a arte que busca se aproximar do campo da ação humana que é o campo psicologia, e que seja bem-vinda. Afinal, o principal atributo da prática clínica são o encontro e uma relação dialética com ideias.

Demarcações claras entre literatura, arte e psicologia ainda não haviam sido estabelecidas; escritores e artistas emprestavam ideias de psicólogos e vice-versa. ...Da escrita automática dos surrealistas às fantasias góticas de Gustav Meyrink, os escritores aproximaram-se e colidiram com as pesquisas de psicólogos que estavam envolvidos em explorações semelhantes... em todos os cantos, indivíduos procuravam novas formas com as quais representar as realidades da experiência interior, numa busca por renovação cultural e espiritual. (SHANDASANI, 2012, p. 2).

A apresentação do Livro Vermelho de Jung numa exposição de arte contemporânea é muito importante neste momento em que desenvolvo esta pesquisa para confirmar o método empírico de Jung pautado na expressão de nossas imagens e símbolos como representação do que nos afeta, incomoda e muitas vezes atrapalha os planos do Eu.

Para Jung, a obra de arte é um complexo autônomo, fundamental à espécie humana. Uma atividade arquetípica, que se repete e se apresenta em todas as culturas, exercendo uma função estruturante na personalidade. Para sua concepção psicológica, a criatividade tem força de um instinto e é fonte de saúde para o homem. A partir de suas pesquisas, ele passa a acreditar na possibilidade de organização do caos interior, na afirmação de individualidade e aumento da autoestima por meio de experiências com desenhos, pintura, escultura, narrativas, somadas à observação minuciosa, ao diálogo e ao embate entre os diferentes padrões arquetípicos que conduzem a imaginação livre e espontânea. (ANDRADE, 2000).

2.2 A psicologia Arquetípica do pós-junguiano James Hillman

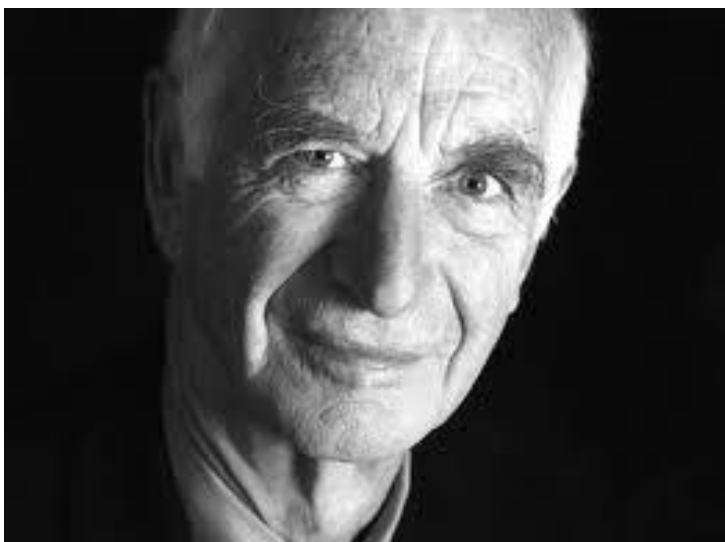


Figura 7. James Hillman s/data/s/local definido

James Hilmann (1926 - 2011) foi professor, conferencista e psicólogo junguiano. Fundou a sua própria corrente em psicologia nos anos 1980: a Psicologia Arquetípica. Tem cerca de vinte livros publicados em oito idiomas e inúmeros textos de conferências em inglês que ele disponibilizou via web em sua página oficial. Fundou a Pacifica Graduate, na Califórnia, única escola oficial de seu pensamento. É um crítico das psicologias centradas no Eu, tendo como objeto de estudo o sujeito da alma, metafórico e imagético. Re-vendo a psicologia, Cem anos de psicoterapia e o mundo continua pior, Psicologia Arquetípica e Ficções que Curam são publicações centrais sobre seu pensamento.

Hillman fundou a Psicologia Arquetípica, centrada na alma e em conversas da imaginação. Uma psicologia da Alma que está a serviço do que quer a alma. Hillman define alma como a personificação do inconsciente. Hillman fala de alma como uma perspectiva reflexiva identificada com o princípio da vida e também da divindade, que torna possível transformar eventos em experiências. Sua regra única é ficar com as imagens, imagem como metáfora. Ficar com as imagens é estar a serviço da realidade psíquica, um encontro com a alma, a anima ou a vida. (HILLMAN, 2010).

Sua escola de pensamento, a Psicologia Arquetípica, estará a serviço do diálogo com o que quer a alma, onde quer que ela se apresente. Hillman é um crítico das psicologias voltadas

para a individualidade, sua psicologia busca o coletivo. Procura o cultivo da alma por meio de quatro ações descritas no livro *Re-Vendo a psicologia*: 1- Personificar ou imaginar coisas; 2- patologizar ou desintegrar-se; 3- psicologizar ou enxergar através e 4- desumanizar, ou devolver a psique para a vida. Sua psicologia se liberta da busca de sentidos do paradigma teleológico dos “para que” da Psicologia Analítica. Também se liberta da procura das causas os porquês da psicanálise, para ir através das imagens. Para Hillman, imagem é metáfora, imagem não é literal, imagem não é o que se vê, e sim como se vê. Imagens como aquilo que aparece a partir das próprias imagens, do que elas aglutinam, e não a partir do que suponho significar em relação à consciência. Sua psicologia é revolucionária, literária, metafórica e poética. (HILLMAN, 2010)

O psicologizar arquetípico, diferente da fenomenologia, não utiliza conceitos para as categorias de sua visão. O *o que* do psicologizar dissolve enquanto específica, primeiro no “*Qual*” – qual entre as muitas características de personalidade e humores está aqui sendo demonstrada neste momento? – e, então em última instância, no “*Quem*” – quem em mim diz que eu sou feio, faz-me sentir culpado; quem é esse em minha alma que necessita de você tão desesperadamente? Enxergar através desse “quem” dissolve a identificação com uma das muitas insistentes vozes que nos enchem com ideias e sentimentos, orientando o destino conforme seu interesse. (HILLMAN, 2010, p. 274).

Hillman acredita que este esse movimento é o movimento da psique, e que ela constrói e destrói significados, nela e em nós para aprofundar experiências. A Psicologia da Alma é a psicologia do aprofundar-se. Hillman propõe uma relação imaginativa, mítico-poética, com a vida e as imagens que se apresentam, criando ficções, no reino da imaginação, para cultivar o sensível, o metafórico e aprender a conviver com as diferentes percepções que nos atravessam, no cultivo entre Ego e Alma. Seu método de ficar com a imagem propõe “que os símbolos se tornam imagens quando estão particularizados num contexto, humor, e cena específicos, quando são precisamente qualificados. Essa é nossa regra dourada.” (HILLMAN, 1977. P 59).

Uma psicologia profunda, como Freud e Jung, interessada nos níveis inconscientes da psique. Hillman, no Livro *Psicologia Arquetípica* de 1983, define sua abordagem como um “artesanato da alma” no qual imaginar é um estilo de vida que provoca reações reflexivas, muitas vezes animais, imediatas, sofisticadas, complexas e de extrema profundidade pessoal ou social. Uma abordagem que privilegia os fenômenos como eles se apresentam e a relação dialética estabelecida com eles, tendo como paradigmas estar a serviço e acompanhar os

sujeitos na vida e não as suas doenças, acolher ideias e visões de mundo em seu ritmo e no seu tempo.

a alma está sem cessar falando de si mesma em motivos recorrentes e em variações sempre novas, como a música (... só pode ser iluminada por insights, clarões numa vasta caverna de incompreensão, e que num reino da alma, o ego é algo insignificante.) (HILLMAN 2010 pag. 37).

Sua psicologia pretende desenvolver percepções e criar resistência contra as literalidades dos complexos, criar espaço para a imaginação e construir o que denomina de Ego Imaginal, um estilo de consciência capaz de criar e provocar alternativas ao padrão dominante, que ele chama de Ego Heroico, controlador e organizador, sem deixar de exercê-lo quando adequado a um contexto, mas identificar onde ele ou outros complexos podem estar literalizados, dominando a vida e experimentar um confronto imaginal, um combate multifatorial com o EU na construção de uma personalidade que possa entender o drama da vida de forma saudável e madura, no reino das ficções.

a manutenção da atitude heroica em todos os eventos, uma atitude hoje tão habitual que acabamos por chamá-la de ego, nada mais do que um estilo arquetípico, o impulso a atividade, exploração externa, responsividade ao desafio, pegar, agarrar, estender, num estilo de consciência, em sentimentos de independência, força, realização, em ideias de ação decisiva, luta planejamento, virtudes e conquistas, lutas, masculinidade sobrecarregada e estupidez da mente. (HILLMAN 2010, pag. 34)

Polemizar, transgredir, ir além do padrão de consciência dominante, agir nas forças que estão em ação, e não no ego. Uma Psicologia Renascentista, que reconhece a volta dos deuses gregos, dramas e mitemas para metaforizar a alma e o grande mistério de estar aqui, vivo e presente. Para Ajax Peres Salvador, especialista em Hillman e idealizador da Oficina de Mitologia da Biblioteca Alceu Amoroso na cidade de São Paulo, as questões são coletivas, universais e não aparecem só nos doentes; a mitologia fornece padrões básicos para as histórias de vida do grupo cuja escuta analítica se orienta pelo *pathos*, o padrão que está conduzindo e produzindo explicações, mitologizando. Sua abordagem para grupos de psicologia arquetípica pretende criar:

Um espaço onde o sofrimento extremo da alma pode ser vivido em sua multiplicidade de possibilidades metafóricas e poéticas... os deuses que nos atravessam e vamos sentindo como a psique em nós é atravessada e constituída por eles... não há separação entre sofrimento, desejo ou raiva que me atravessa e que atravessa a família, a cidade ou o mundo... entre

sofrimento dos que têm um diagnóstico e os que não tem...os conflitos que as imagens míticas nos trazem atravessam a tudo e a todos. Vamos ao que sustenta as ideias, que perseguem, atacam, apaixonam, nos fazem rir ou chorar. Vamos aos Deuses... que, nesta perspectiva, não estão só neles - os doentes - mas, transfixando-nos configuram e constituem a todos nós. (SALVADOR, 2006)

Diferente também da escola Junguiana, Hillman identifica o padrão mítico como metáfora e não para amplificação simbólica. Ele retoma a definição de símbolo de Jung “a melhor formulação de uma coisa relativamente desconhecida” para propor que somente o desconhecido pode falar de si mesmo, que “deixemos de lado nosso conhecimento para deixar se envolver, experimentar, brincar com as imagens ir descobrindo sua narrativa, seu contexto, seus entrelaçamentos, buscando o seu humor” (HILLMAN, 2010, p.292). O que atravessa, O que é, Quem é que vê assim, Quando, Onde, sem interpretações.

A história tem uma função psicológica de fornecer um tipo de mito genealógico contando-nos como tudo começou e aconteceu. São os ancestrais culturais das ideias em nossas mentes. Em parte voltamos-nos a história, esse depositário da memória cultural, como um exercício terapêutico. Buscamos os mitos dentro dos fatos, os padrões arquetípicos que podem ampliar e aprofundar conexões em nós mesmos, oferecendo às nossas experiências dolorosamente cruas uma base cultural. (HILLMAN, 2010 PAG 36)

Agora é possível olhar metaforicamente tanto para uma imagem abstrata como para uma imagem concreta, com a pergunta “O que é isso”, e deixar o fenômeno se apresentar com sua história, seu humor, seu sintoma, sua genealogia e principalmente o estilo de consciência que está por trás daquelas ideias. (HILLMAN, 1983; 2010)

A pesquisadora Santana Rodrigues de Oliveira faz uma grande contribuição para o campo da escuta arquetípica mediante seu trabalho de mestrado no Instituto de Psicologia da USP, no ano de 2006, intitulada Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa: narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica. Suas pesquisas a levaram a aproximar a poética dos elementos de Bachelard ao pensamento arquetípico e a prática da arte terapia. “os livros desse autor reconhecem justamente a natureza anímica dos diferentes elementos materiais encontrados na natureza, já que tais materiais tocam sensorial e emocionalmente o sujeito em função de sua própria constituição material (terra, ar, água, fogo), num primeiro momento.

Num segundo momento Santana passa a considerar a possibilidade de erotização da materialidade, como um encontro, uma relação dialética além da corporiedade dos elementos. E ainda um outro aspecto caracterizado por uma experiência lúdica que inaugura principalmente no adulto a possibilidade de resgatar a atividade de brincar por meio do contato sensorial dos suportes artísticos que acabam reativando memórias corporais e muitas vezes emoções na superfície da consciência. “Nessa abordagem, portanto não se privilegia falar sobre os traumas ou decepções sofridos, mas viver ativamente a emoção que se apresenta de forma inusitada na criação que surge do embate ou dança dos corpos com a materialidade dos objetos”. (OLIVEIRA, 2006 p. 9).

A perspectiva arquetípica fala de vários pontos de vista em relação a qualquer evento psicológico, dos arquétipos, padrões de funcionamento psíquico, padrões de comportamento que governam a vida psíquica, estilos típicos de existência, fantasias e ideias dominantes. Para Hillman, sofremos por nossas ideias; mudando alguns pensamentos, nos libertamos do sofrimento. Para tanto é preciso criar ficções, se relacionar com a vida de modo imaginal e assim conquistar outras perspectivas de estar no mundo e de transformar a realidade. Esses pensamentos estão alinhados com os objetivos da arte terapia, que não prevê a interpretação das imagens que acontecem nas oficinas, e sim o experimentar longe de qualquer julgamento. Para Hillman qualquer um pode envolver-se em conversas da imaginação e perguntar diretamente à alma o que ela tem a comunicar. (HILLMAN, 2010).

2.3 Nise da Silveira e Almir Mavignier e o Ateliê de pintura de Engenho de Dentro Rio de Janeiro, 1946 - Centro Psiquiátrico Dom Pedro II



Figura 8. Nise da Silveira e Jung, na Exposição *A esquizofrenia em imagens* que ocupou cinco salas durante o II Congresso Mundial de Psiquiatria, 1957. Zurique.

Agora falaremos de Nise da Silveira (1905/1999), psiquiatra pioneira no Brasil a se apropriar das ideias de Jung e investir nos recursos artísticos como linguagem expressiva e emotiva.

Nise da Silveira, no final dos anos quarenta inovou e humanizou o tratamento de pessoas com transtornos mentais quando psiquiatra recém-incorporada ao Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro-RJ, é deslocada para a seção de terapêutica ocupacional ao se recusar a empregar o eletrochoque, e outros recursos tecnológicos desenvolvidos pela corrente organicista da psiquiatria que havia ganhado muito terreno em relação ao tratamento moral da loucura, preconizado por Pinel no início dos anos 1800. Assim inicia as primeiras atividades expressivas fundamentadas no acolhimento e escuta de conflitos. Passa a oferecer oficinas de costura e bordado, artesanato, encadernação, jardinagem e a realizar festas comemorativas.

Num dia de festa, Almir Mavignier, artista plástico que recentemente tinha se juntado ao quadro de funcionários do Hospital buscando um emprego de meio período para continuar seus estudos, estava perambulando pelo complexo quando foi atraído pelo barulho de uma festa. Aproximou-se da Doutora Nise e lhe propôs ampliar as ofertas das oficinas incluindo

modelagem e pintura. Assim como no Juquery em São Paulo, as atividades de ateliê não eram abertas a todos. Almir percorreu os Hospitais do complexo Psiquiátrico Pedro II buscando primeiramente identificar artistas entre os internos espalhados nas enfermarias. Depois passou a observar expressividades de internos em objetos e nos muros do complexo e fazia o convite. Caso reconhecesse o desejo de frequentar o ateliê, para ele isso já era sinal de talento artístico.

Nise entrou com o modelo de trabalho nas oficinas, que deveria promover a expressão de aspectos inconscientes sem apresentar conhecimentos e teorias das escolas artísticas, preservando a espontaneidade e acolhendo o que se apresentava de forma estável e afetuosa. Nise não considerava arte a produção plástica realizada pelos internos, e sim pesquisa científica. Foi a pioneira no Brasil a estudar e publicar livros e documentários analisando séries de imagens dos artistas fundamentadas pela Psicologia Analítica de Jung, pautada na observação e expressão simbólica. (POMPEU E REILY, 2012).

No final dos anos 1940 procura compreender o universo mental dos pacientes internados, desenvolvendo o setor de terapia ocupacional e instituindo oficinas artísticas. Propunha a seus pacientes a execução de trabalhos de desenho, pintura, em argila e depois sugeria que tocassem música, dançassem e fizessem representações dramáticas, para dar forma plástico-expressiva aos intensos desejos e emoções que brotam de seus psiquismos. (ANDRADE, 2000; AVERSA, 2012; REILY, 2012; SILVEIRA, 1981, HORTA, 2008).

Aconteceu que dirigi (1946/1974) a seção terapêutica ocupacional no centro Psiquiátrico Pedro II, Rio de Janeiro. O exercício de múltiplas atividades ocupacionais revelava, por inúmeros indícios, que o mundo interno do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos. E, dentre as diversas atividades praticadas na nossa terapêutica ocupacional, aquelas que permitiam menos difícil acesso aos enigmáticos fenômenos internos eram desenho, pintura, modelagem, feitos livremente. (SILVEIRA, 1981, p.11).

Descobriu a importância do afeto estável, para catalisar e tornar possível a livre expressão, e assim encontrar uma via de comunicação para o entendimento do enigmático mundo dos afetos psíquicos graves. Virou referência mundial em psiquiatria pelo diferencial humano e científico de sua abordagem. Publicou livros e documentários ricamente fundamentados e ilustrados pelas concepções clássicas da psicologia analítica de Jung, de

quem foi aluna. Nise teve um grande parceiro, o artista Almir Mavignier. Os dois juntos revelaram artistas que estavam entregues ao Estado, confinados em instituições psiquiátricas, e hoje ocupam lugar de destaque e referência na Arte Contemporânea.

Não sendo filiados a quaisquer escolas, nossos pintores passam da abstração ao figurativo e vice-versa de acordo com sua situação face ao mundo externo e suas vivências internas... mesclam muitas vezes ao abstrato as formas definidas dos símbolos, consistentes objetos utilitários, seres fantásticos ou reais, tudo dependendo de suas situações interiores... as formas então vivem sua vida própria. (SILVEIRA, p. 22-23, 1981).

Observou manifestações primitivas, aliadas a uma necessidade de controlar e apaziguar instintos, um jogo de forças entre necessidades e supressão da vida instintiva, revelando problemas com a moral social introjetada. O objetivo do seu trabalho foi a arte no processo de integração da personalidade como uma ferramenta de grande ajuda na promoção de consciência dos pacientes.

O seu método foi o do estudo das séries de imagens e seus temas arquetípicos que estão se atualizando no indivíduo. Nise considerava toda a produção como pesquisa, e era veemente contra a comercialização das representações produzidas pelos artistas de seu ateliê.

Sempre me mantive discreta quanto a pronunciamentos sobre a qualidade das criações plásticas dos doentes... O que me cabia era estudar os problemas científicos levantados por essas criações... investigar o fato de que certos esquizofrênicos, inclusive alguns ditos crônicos, exprimissem suas vivências através de formas que os conhecedores de arte admiravam... O agrupamento em séries das pinturas levantava interrogações no campo da psicopatologia. (SILVEIRA, 1981, p.16).

Nise é autora de diversos livros sobre teoria junguiana e sempre evidenciava o cuidado e o respeito em relação ao ser humano como premissa essencial para o trabalho. Há uma leve contradição em relação a sua posição de que o que realizavam era pesquisa e não arte, pois ela utilizava ideias de Kandinski e Paul Klee para fundamentar seus trabalhos, ao mesmo tempo em que não considerava arte o que os internos produziam.

Conhecedores de arte afirmavam a existência de valores estéticos em obras de esquizofrênicos... Parece-me que muitas dentre essas pinturas acham-se bastante próximas do gênero que Kandinski denominou improvisação... estas várias pinturas de Carlos bem poderiam corresponder àquelas construções de que fala Klee: “abandona-se a região do mundo real para ir construir do outro lado numa região distante que possa ao menos existir intacta”. (SILVEIRA, 1981, p. 20-31).

Como Jung, Nise partia de uma imagem espontânea, fruto de fantasias ou sonhos, e reconheceu que o uso da ação aliada à produção de imagens revelava o processo de individuação, eixo principal das ideias de Jung, que vai tentar integrar sub-personalidades opostas ao padrão dominante das fantasias. Na Psicologia analítica a criatividade é uma função psíquica estruturante no inconsciente pessoal e coletivo. Os registros mais importantes estão reunidos no livro e documentário *Imagens do Inconsciente*, de 1981, em que relê mitos da cultura humana na luta por estabelecer-se no planeta por meio do estudo de caso da saga de vida de seus pacientes. Seus pacientes tiveram consentimento para expressar e comunicar ao mundo sua maneira de ver a realidade, de dialogar com seu próprio aprisionamento psicológico na impossibilidade de ter um discurso lógico articulado, racional e compreensivo numa tentativa de comunicação para além dos muros da incompreensão que separavam normais e loucos, estes últimos estigmatizados, marginalizados, desprezados e abandonados, privados de liberdade e expressão enquanto seres humanos.

Fora da área da psiquiatria é que se desenvolveu o movimento contrário à discriminação das expressões de arte não condicionadas por cânones culturais. Jean Dubuffet fundou em 1945 a Companhia de Arte bruta. Assim ele define a Arte Bruta: operação artística inteiramente pura, bruta, reinventada em todas as suas faces pelo autor, a partir somente de seus próprios impulsos. No Brasil Mário Pedrosa assumiu posição equivalente a partir do encontro com desenhos e pinturas de internados do Centro psiquiátrico. A esta arte, que Jean Dubuffet chama Arte bruta, Mário Pedrosa deu o nome de Arte Virgem. (SILVEIRA, 1981, p.15).

A presença de Almir Mavignier e a forma entusiástica com que descrevia o Atelier de Pintura de Engenho de Dentro para seus amigos, Ivan Serpa e Abraão Palatnik fizeram com que outros artistas se aproximassem da produção e logo surgiram as primeiras exposições dos trabalhos, em 1947 no concorrido Ministério da Educação e em 1949 no MAM em São Paulo.

As relações entre a Nise e eu eram as melhores possíveis, porque ela me ensinava, me instruía, me dizia como trabalhar com o pessoal, de não influenciar, de não mexer em coisa alguma, apenas dar uma orientação técnica. Ela achava que era muito bom que eu pintasse também e não fizesse o papel de inspetor que está olhando o doente, que está dirigindo, com função de bedel. Então começamos a trabalhar. (MAVIGNIER, 1989 – apud REILY, 2012, p. 108).

Para preservar a intensa criação e estabelecer-se como um centro de estudo e pesquisa, Nise fundou em 1952 o Museu Imagens do Inconsciente, e expõe no II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique indicada e incentivada por Jung, com quem trocou cartas e em quem encontrou respostas para suas inquietações. Quando um doente mental consegue dar formas às emoções por intermédio de imagens, representar e simbolizar suas visões de mundo, está objetivando, está descarregando fortes conteúdos emocionais e reestruturando o caos interno de sua mente. (SILVEIRA, 1981).

Jung considera importante respeitar a linguagem do paciente como representante de conteúdos inconscientes articulados num outro nível ao inconsciente coletivo. A experiência artística documenta em imagens condensações de significados constituintes de uma linguagem de raízes universais. Reconhece ao longo da carreira uma força autocurativa por via da criatividade, que permite a comunicação alternativa na qual a palavra e o discurso fracassam, permitindo ainda a compreensão e tratamento de pessoas em sofrimento psíquico, por favorecer a reorganização mental, já que os resultados plásticos não são o ponto de interesse, mas muitas vezes se mostrou rico, harmonioso o que resultou na revelação de artistas. (ANDRADE, 2000)

2.4 Osório Cesar e a Escola Livre de Artes Plásticas



Figura 9. Osório Cesar– Hospital do Juqueri. São Paulo [1923] data certa, não indicada.

Osório César⁶ (1895-1979) foi crítico de arte, ativista político e médico psiquiatra. Interessou-se por trabalhos de crianças e adultos com doenças mentais e os colecionou. No

⁶ Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz fez sua tese de doutoramento na ECA-USP sobre o trabalho de Osório Cesar. Em 1998 a Editorial Lemos lança o livro – Arte e loucura: Limites do Imprevisível.

Brasil dos anos 1920, de forma pioneira e em conexão com essa nova consciência, Osório César, ativista pelos movimentos comunistas e humanitários, convida um grupo de artistas para iniciar um projeto de ensino de arte junto aos alienados e internos do Hospício do Juqueri em São Paulo. Osório tinha três objetivos com a iniciativa: difundir a crença na arte como terapia; a pesquisa por meio do acompanhamento, e análise da produção sob os preceitos da psicanálise e na vanguarda do que hoje se denomina muitas vezes como projetos de inclusão social, o artesanato.

Em 1923, começa a trabalhar com suportes artísticos no Juqueri onde permanece por 40 anos. Em 1925 cria a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, em Franco da Rocha, São Paulo-SP, convidando os artistas plásticos Maria Leontina Franco da Costa, Clélia Rocha da Silva e Moacyr de Vicentis Rocha para ministrar aulas de arte. Publica em 1925 *A Arte primitiva nos alienados*, seu primeiro trabalho de muitos nesse campo de interesse. Dois anos após publica *Contribuição para o estudo do simbolismo místico dos alienados* e *Sobre dois casos de estereotipia gráfica com simbolismo sexual*, em 1929 e *A expressão artística nos Alienados*, texto que teve grande repercussão entre os artistas do movimento modernista resultando alguns anos depois na primeira exposição de artistas que vinha acompanhando de perto no CAM-Clube de Arte Moderna de São Paulo, em 1933. (ANDRADE, 2000; FERRAZ, 1998^a; REILY, 2012).

As atividades no atelier não eram abertas, os artistas foram garimpados pelo médico e sua equipe, que identificaram entre os internos os que poderiam se beneficiar das aulas e desenvolver habilidades artísticas. Osório passou a colecionar principalmente desenhos, fazer conferências articulando arte e psicanálise e publicar livros que eram lidos pelo meio científico e intelectual que frequentava e ao qual pertencia. A partir da criação dos Museus de Arte de São Paulo, em 1947 foi um grande divulgador da produção plástica dos internos do Juqueri no Brasil e internacionalmente. (FERRAZ, 1998a; 1998b; 1987;).

No ano de 1934, é premiado pelo trabalho *Misticismo e loucura*, e em 1950 apresenta *Contribuição ao estudo da arte entre alienados*. Grande divulgador e incentivador mostrou obras de seus pacientes no I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris. Sempre esteve engajado em divulgar a expressividade de doentes mentais, procurando afirmar a dignidade humana e o valor da arte terapia.

Nos anos 1920 manteve correspondência com Freud para observar a simbologia sexual existentes nos trabalhos artísticos de seus pacientes. Percebe ainda semelhança dessas simbologias com representações de outras culturas.

Acreditava que o fazer arte cura por si; trabalhava com a espontaneidade para acessar o mundo interior através por meio da arte. Acreditava ainda no potencial artístico de muitos dos pacientes que poderiam se profissionalizar. Trabalhava com modelagem, desenho e artesanato. Reconhecia a existência de um manancial criador inerente à condição de saúde mental, que ficava impedido de se manifestar por condições sociais, e que os surtos viriam para organizar de alguma forma a percepção do mundo externo, liberado pelas normas de percepção e compreensão do real, destruindo, criando e recriando atitudes e o mundo. As ferramentas artísticas produzem imagens que refletem o mundo interior, nossa percepção do que vem de fora sem nenhuma obrigação de respeito ao cultural e socialmente existente. É precursor no Brasil da análise da expressão psicopatológica de pessoas internadas em instituição psiquiátrica. (ANDRADE, 2000; FERRAZ, 1998 a; REILY, 2012).

Sua pesquisa é muito importante, pois de forma única e pioneira, buscou oferecer melhores condições de tratamento, incluir os internos por meio da arte, e ainda tinha a esperança da venda das peças, tendo sempre em mente o valor da produção plástica enquanto objeto de arte e pesquisa, simultaneamente.

2.5 Lygia Clark: Do concretismo à arte terapia



Figura 10. Lygia Clark. [1972] data certa e local não indicada.

Lygia Clark (1920-Belo Horizonte MG/ 1988-Rio de Janeiro RJ) foi uma importante artista brasileira que trabalhou com os suportes pintura, escultura e corpo. Estudou pintura no Rio com Burle Marx a partir de 1947. Entre 1950 e 1952, estuda pintura em Paris com Fernand Léger. De volta ao Rio, foi uma das fundadoras do Grupo Frente, entre 1954 e 1956, período do concretismo marcado por experiências inéditas na arte brasileira que reverberaram mundialmente.

Como artista, Lygia se entregou às questões de seu tempo quando outros buscaram romper com o modelo tradicional da estética, na virada dos anos 1960 e 70. Por meio de suas primeiras pinturas entre 1954 e 1958, “superfícies moduladas” e “contra-relevos” aboliu a moldura e o uso das cores, explorando o preto e branco.

Em 1959, fugindo do geometrismo puro do Movimento Concreto, funda o Neoconcretista com Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim, Amílcar de Castro, Franz Weissmann,

Theon Spanudis e Lygia Pape. De forma precoce, porém intensa, sua arte dissolve a ideia de arte como objeto de contemplação e vai em direção a experiências que integravam artista e público, incorporando a participação e a criatividade do outro e permitindo a ele a possibilidade de se expressar.

Quando a obra era dada pronta ("a obra de arte"), o espectador só podia tentar decifrá-la. [...] Daqui em diante com o "Caminhando", é no instante em que pratica o ato que o espectador percebe simultaneamente o sentido de sua própria ação. É uma comunicação mais direta. Não é mais um problema de elite. (CLARK, 1980, P. 26)

A partir da metade dos anos sessenta Lygia Clark cada vez mais se interessa pela arte participativa e relacional e vai abandonando a ideia de arte como expressão, obra como espetáculo ou de produzir um objeto sublime. Passa a desenvolver experiências sensoriais e a denominar-se "não artista". Suas proposições da arte como terapia buscam integrar no instante da ação corpo e mente. Lygia passa a se interessar pelo corpo e suas memórias. (CLARK, 2012)

Trata-se de compreender as necessidades fundamentais do sujeito e responder a elas através do contato com o corpo e não da interpretação analítica clássica. (CLARK, 1980, p. 52)

Entre 1970 e 1975, período marcado pela ditadura militar no Brasil, época de grande cerceamento criativo e baixa atividade cultural no país, volta a Paris, leciona na Sorbonne e trabalha arte terapia com grupos.

Em 1976, de volta ao Rio, inicia uma nova fase com uma abordagem individual, usando os "Objetos relacionais": na dualidade desses objetos (leves/ pesados, moles/ duros, cheios/vazios) com fins terapêuticos, ela pratica o seu primeiro método: Estruturação do Self para unificar corpo e mente inspirada pelos conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty e da psicanálise de Donald Winnicott e Melanie Klein, principalmente.

[...] a obra antiga – o objeto fechado em si mesmo – refletia uma experiência já passada, vivida pelo artista, enquanto que agora o importante está no ato de fazer, no presente. "a arte torna-se o exercício espiritual da liberdade" (CLARK, 1980, p. 26. citando Mario Pedrosa).

Lygia passa a trabalhar o "arquivo de memórias" dos seus pacientes, os seus medos e fragilidades, por meio do corpo e dos sentidos. Na terapia, a proposta era para que o paciente criasse relações com os objetos, por meio de sua textura, peso, tamanho, temperatura,

sonoridade ou movimento. Lygia Clark entendia essas vivências como um estímulo e preparo para a vida.

2.6 O Instituto de Artes da UNESP e seus tesouros



Figura 11. O Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2015.

De fácil acesso, por estar localizado em frente ao Terminal Rodoviário e Estação do Metro Barra Funda na cidade de São Paulo, o novo campus, inaugurado no segundo semestre de 2009, reúne em 24 mil metros estudantes e pesquisadores dos três suportes artísticos: música, artes cênicas e artes visuais. Isso confere ao IA, como é nominado no dia-a-dia, uma atmosfera artística e amigável, além de um intenso calendário de eventos, encontros, exposições e residências em âmbito nacional e internacional.

O PPGArtes – Programa de Pós-graduação em Artes reserva salas e laboratórios de artes, durante dezoito meses, aos sábados, das 08h00 às 17h00, para as aulas da Pós-Graduação em Arte Terapia / Terapias Expressivas. O curso vai para sua quarta edição em 2015. É coordenado por Lalada Dalglish, que conseguiu reunir conceituados pesquisadores para ministrar disciplinas em blocos de oito aulas consecutivas, finalizando-se a cada dois meses um módulo de seu programa. O curso contempla disciplinas teóricas e práticas. Como

em toda busca por conhecimento existem ideias que se encontram com modos de ser e de estar na vida, e nesse sentido destacam-se conhecimentos apresentados por alguns professores do curso que irei destacar.

Lalada Dalglish, uma das principais pesquisadoras de cerâmica popular, PhD em integração da América Latina, Arte e Cultura; Professora de Cerâmica e escultura na Graduação e Pós-graduação do Instituto de Artes da UNESP-SP, onde também coordena dois cursos de pós-graduação: Arte Terapia/ terapias Expressivas e Ecologia, Arte e Sustentabilidade. Para a pesquisadora, “O barro incita a contar histórias”. A afirmação é resultado de mais de 35 anos de vivências em cerâmica, desde a especialização nos Estados Unidos, Japão e Coréia. No Brasil, iniciou suas pesquisas em Belém-PA, Manaus-AM, São Paulo-SP, Vale do Jequitinhonha. Mais recentemente estudou a tradição dos cântaros da cerâmica paraguaia. Sua especialidade é observar e documentar fatores estéticos e socioculturais relacionados à distribuição e ao destino das obras cerâmicas produzidas e o conjunto de narrativas encontradas nessa produção do interior do Brasil, com um universo que percorre representações históricas do cotidiano, dos ritos e tradições populares ao longo de séculos de mistura de culturas. (DALGLISH, 2006).

Lalada Dalglish também é uma grande promotora de eventos acadêmicos e residências artísticas por meio de seu Grupo de Pesquisa e Projeto de Extensão Panorama da Cerâmica Latino Americana – do tradicional ao contemporâneo. Suas iniciativas fomentaram em parte do grupo a participação em projetos de arte colaborativa, fundamental para aumentar o repertório metodológico em relação à participação e organização de oficinas e exposições.

Luiza Christov é docente e pesquisadora do Instituto de Artes-UNESP. Mestre em História e Filosofia da Educação e Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. É a líder do Grupo de Pesquisa Arte e Formação de Educadores e ministrou aulas de Arte e Psicologia no curso de especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas. Com ela apresentaram-se importantes teorias sobre criatividade, percepção e experiências artísticas. Sobre criatividade, destacam-se a aproximação e a reflexão que faz entre Jean Piaget e Vigotski, por meio do texto *Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski*, de 2006. Segundo a autora, ambos entendem criatividade como um processo de conhecimento. Suas observações a partir da leitura dos autores a fazem concluir que não há como ensinar criatividade, e sim como convidar pessoas a manifestarem sua criatividade por meio de experiências estéticas. Para a autora só o contemporâneo pode entender Jung, e o seu

método teórico-empírico. Ela acredita que estamos realizando uma pesquisa contemporânea cuja epistemologia ainda não tem nome.

Lilian Amaral é artista visual, doutora pela ECA/USP, Pós-Doutora pela UFG-Universidade de Barcelona e Pós-Doutora do Instituto de Artes da UNESP. Atualmente coordena a linha de pesquisa Arte e Mídia junto ao Grupo de pesquisa GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia – IA-Unesp/CNPq, liderado pela Profa. Dra. Rosangella Leote. Suas experiências e pesquisas sobre educação em arte, estética relacional, relaciona-se para promover mediação e comunicação por meio do que ela denomina “Rede de Afetos” que se estabelece no âmbito das práticas interdisciplinares.(AMARAL, 2010). Para a autora nosso projeto vem de encontro ao desejo de abertura da Instituição para a sociedade.

Norval Baitello Jr. é um dos principais representantes das visões da Semiótica da Cultura e da Semiótica da Mídia no Brasil, como Professor Doutor em Cursos de Pós Graduação de duas principais Universidades Paulistas, a PUC e o Instituto de Artes da UNESP. É autor de livros publicados no Brasil e na Alemanha, tendo se especializado nos assuntos relacionados ao corpo, às questões da comunicação humana e da mídia, e suas contribuições e reflexões sobre os temas são reconhecidos e validados no Brasil e internacionalmente. Com ele aprendemos a incluir o corpo na vida. Instigante, desafiou-nos a praticar o conteúdo por ele apresentado nas aulas. As ideias em torno do corpo como veículo de comunicação dialoga multidisciplinarmente com outros saberes, como a Biologia, a Neurologia, a Etologia, e pretende ampliar o horizonte antropocêntrico de algumas correntes.

A Comunicação começa num corpo e termina noutro corpo, e essencial à vida e a sobrevivência, sem ela não é possível juntar duas ou mais pessoas e nem manter as pessoas unidas. Comunicação como um sistema de vínculos, que se iniciam na comunicação corporal constituídas por gestos, sons, cheiros, tato, paladar, aproximação, acolhimento e principalmente afeto, amor. E vai evoluindo e se configurando de acordo com o crescimento e as necessidades de adaptação ao ambiente. (BAITELLO JR, 2012).

Agnus Valente, artista híbrido e professor do Instituto de Artes. Ministra a disciplina Materiais Expressivos do curso de especialização em Arte Terapia. Privilegiou a vivência artística e fenomenológica durante seu período de aulas. A conceituação teórica se deu depois

inclusive da entrega do trabalho final, por ele exigido como cumprimento de sua disciplina. Foi apenas no final do curso que ele disponibilizou-nos uma apostila ricamente elaborada, fundamentando-se por experiências no campo da arte que buscaram técnicas para produção mais espontânea e artistas que se inspiraram nos conceitos da psicologia moderna, em projetos inusitados e híbridos.

Esses professores foram extremamente importantes e inspiradores para a busca e desenvolvimento de uma prática coerente com os fundamentos da arte, da educação artística e psicologia, que será apresentada agora no terceiro capítulo por meio de reflexões sobre oficinas artísticas fundamentadas na arte terapia como um campo transdisciplinar de conhecimento.

**CAPÍTULO III - ACATE – ATELIER COMPARTILHADO DE ARTES E TERAPIAS
EXPRESSIVAS E A PARCERIA QUE SE ESTABELECEU COM O
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ARTINCLUSIVA/
IA-UNESP**



Figura 12. Artinclusiva e ACATE. Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2012.

Metáfora/ Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Agora iniciaremos a parte aplicada da presente pesquisa. O percurso e a descrição dos princípios norteadores de uma prática colaborativa e transdisciplinar para investigar os fundamentos da arte terapia descritos no primeiro Capítulo do texto, em diálogo com as fontes de inspiração e referência do Capítulo II. Apresentaremos ainda como parâmetro de reflexões poéticas, no campo da arte e da estética, algumas concepções de Luigi Pareyson e John Dewey, entre outros, que tem em comum a premissa de que o conhecimento de arte só é possível na ação, na experiência artística ou experiência estética. Nicolas Bourriaud sistematiza nos anos 1990 o conceito de arte relacional, a arte do estarmos juntos, dos encontros, para estreitar relações como fundamento para a prática contemporânea “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna.” (BOURRIAUD, 2009, p. 19-20). As pesquisas que apresentaremos buscam se propor como novos modelos de colaboração e experiência artística para discutir com nossos saberes e com nosso próprio

tempo enquanto aprendizes. Até descobrir o Híbridismo, como meio de produção e poética que condensa nossas descobertas, e que será apresentado no Capítulo IV.

A ciência não é atividade que se consuma em si mesma, mas tende a realizar-se à medida que se torna aplicável. Isso se dá através não só da tecnologia, mas também através de diagnóstico de uma realidade, aplicação de medidas planejadas, ação. Afinal, a aplicação da ciência é a continuação do próprio processo que se inicia com a investigação. (SALOMON, 2008, p. 149).

O processo de abordagem de conhecimento transdisciplinar não se constitui em um método propriamente definido para refletir experiências e ações. Fundamenta-se na crença de que a realidade é complexa, portanto um desafio em todos os campos de abordagem do conhecimento. Caracteriza-se pelo trabalho em conjunto realizado a muitas mãos, por uma postura investigativa aberta aos diferentes saberes e pelo resgate do sagrado mediante o que Edgar Morin defende como uma religação dos saberes das ciências da natureza e das ciências da cultura. (MORIN, 2013).

O essencial na transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos – ou mais certos ou mais verdadeiros – os diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade. [...] D'AMBRÓSIO, 1997. p. 79-80

O Projeto ACATE é um piloto para implantar a parceria ArtInclusiva e Arte Terapia no IA-UNESP e estabelecer um modelo de atendimento estruturado, à altura dos participantes e suas demandas específicas. Constitui-se de dois anos de registros de observação prática em 75 oficinas artísticas, e outras 65 reuniões semanais de duas horas de duração em média, para trocas de impressões e reflexões da equipe de arte terapeutas sobre as oficinas e supervisão teórica-prática a cerca dos acertos e dificuldades tanto do público alvo como dos arte terapeutas e da equipe de trabalho no projeto. Tivemos ao longo desse período um número total de vinte e um colaboradores que se revezaram para ministrar as oficinas, observar ou compor com o grupo, atendendo em média cinco participantes por oficina, totalizando cerca de 380 atendimentos a pessoas portadoras de necessidades específicas, e outros 195 atendimentos aos pais e cuidadores, responsáveis pelo traslado dos alunos para as oficinas artísticas, a partir do segundo ano, em 2012.

Como inspiração metodológica nos apoiamos na reforma de pensamento para a construção de conhecimento científico proposta por Edgar Morin que diz respeito à ideia de

complexidade e transdisciplinaridade. “a complexidade é um problema, é um desafio e não uma resposta”. (MORIN, 2002, p. 559). Crítico da unidade e da busca das verdades simples, acredita na potência das ideias geradas nas fronteiras e zonas intermediárias entre as diferentes disciplinas. Um campo de conhecimento onde as disciplinas se propõe numa operação axiomática aberta, diante das complexas questões contemporâneas. Suas prerrogativas propõem um método prazeroso de se transmitir e construir conhecimento por meio da organização do saber e do que chama de religação dos saberes entre as ciências da cultura e da natureza, incluindo o sagrado e a perspectiva do Kosmos. Para organizar o conhecimento é preciso reconhecer que existe unidade em toda pluralidade e pluralidade em toda unidade.

Os pilares fundamentais da simplicidade, da ordem, da redução, da separação, da coerência formal da lógica encontram-se doravante abalados. Eis os desafios da complexidade... se quisermos um conhecimento segmentário, encerrado a um único objeto, com a finalidade única de manipulá-lo, podemos então eliminar a preocupação de reunir, contextualizar, globalizar. Mas, se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes, buscar, portanto, um conhecimento complexo.... para enfrentarmos o desafio da complexidade, precisamos de princípios organizadores do conhecimento. (MORIN, 2013, p. 566-567).

O projeto de execução e coordenação das oficinas artísticas, elaborado pelo ACATE para o ArtInclusiva, objetivou uma intervenção fundamentada na prática da arte terapia e no método colaborativo e transdisciplinar para promover aproximações e cruzamentos entre o campo da psicologia, da educação e da arte, no processo criativo e na execução das oficinas. Os participantes foram estimulados a ter uma experiência artística por meio das diferentes linguagens e suportes artísticos e a criação coletiva. O processo criativo decorreu de referências bibliográficas, discussão, reflexões e partilha sobre as ofertas entre os participantes do Coletivo ACATE e da equipe interdisciplinar de trabalho do ArtInclusiva e também da escuta de sugestões dos participantes e seus cuidadores.

Tinha outros objetivos específicos, estimular a criatividade, a imaginação, o acesso à arte e a vivência cultural e social; articular trabalho de campo e geração de conhecimento por meio de avaliações e reflexões constantes, com momentos de supervisão externa teórico-prática; produzir pesquisas, artigos ou documentários comunicando e compartilhando resultados; construir um caminho de aprendizagem vivencial elaborando os conhecimentos do estágio com o desenvolvimento de metodologias de formação profissional e capacitação de mediadores para o atendimento às pessoas com necessidades específicas, de ordem física,

intelectual, emocional ou social; criar uma ação cultural por meio da exposição dos trabalhos e um Laboratório de Arte Terapia no IA-UNESP. (APENDICE)

Para a construção de experiências, informação e narrativas, recorre-se à pesquisa-ação, à observação participante, entrevistas com participantes e cuidadores, fotografias, pequenos vídeos e relatórios de observação durante as oficinas e reuniões da equipe de trabalho. Recorre-se ainda a relatórios anuais de observação dos alunos bolsistas e coordenação institucional e entrevistas realizadas por jornalistas sobre o projeto e seus resultados. (ANEXO 3)

O primeiro pensador a usar o termo transdisciplinar foi Jean Piaget, num colóquio interdisciplinar em 1970 na cidade de Nice-França. Ao longo desse período, Piaget distinguiu quatro campos epistemológicos das ciências: Um campo material, que diz respeito a objetos concretos passíveis de abstrações, um campo conceitual, fundamentos iniciantes para abordar um objeto de estudo qualquer, um campo das teorias científicas em relação e em jogo na aplicação e o nível de alcance epistemológico, dos resultados alcançados, das sínteses e das questões que surgem. Quando indagado para definir o que seria razão, afirmou que razão é o axiomático da inteligência. Daí surge à ideia de uma operação axiomática aberta para fundamentar o pensamento transdisciplinar.

enfim, no estágio das relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. (PIAGET, 1970 apud WEIL, 1993 P. 30).

Depois de Piaget, alguns pesquisadores se dedicaram a conceitualizar o termo transdisciplinar. Em 1980, Erich Jantsch define transdisciplinaridade como “o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade.” No mesmo ano Edgar Morin no Livro *Ciência com consciência* coloca a transdisciplinaridade como uma revolução dos princípios fundamentais de organização do conhecimento, criando comunicação entre os saberes para repensar o paradigma clássico que separou sujeito e objeto, promovendo um espaço onde distinção, separação e oposição coexistam no domínio científico. (WEIL, 1993).

No ano 1998 Edgar Morin organiza uma série de Jornadas Temáticas fomentadas pelo Ministério da Educação, Pesquisa e Tecnologia da França para discutir os desafios do século

XXI reunindo pensadores instigados pelo princípio de incerteza racional. As discussões estão reunidas no livro *A Religação dos Saberes – O desafio do século XXI*. O que entra em cena é a dinâmica entre ordem, desordem e organização requisitando que as reflexões ocorram de forma dialógica, para que instâncias não redutíveis umas às outras ou contraditórias, se liguem, se reúnam ou se juntem e assumam uma interdependência e complementariedade. “existe unidade em toda pluralidade.... inserir seu saber numa unidade.... não homogeneizar, não unificar de maneira arbitrária... a ideia de reciprocidade do microcosmo humano com o macrocosmo.”(MORIN, 2013, P. 567).

As perguntas centrais que nortearam meu interesse pela pesquisa em arte terapia foram: a arte terapia pode ser uma experiência artística? O que é arte terapia como campo de produção de conhecimento no Brasil? O que é arte terapia na prática? O que colaborou para a implantação e realização do projeto ArtInclusiva? Quais foram os atributos essenciais da equipe de arte terapeutas do ACATE na parceria com o ArtInclusiva?

Outros objetivos específicos: Como refletir sobre arte terapia no Brasil, analisar a oferta de arte terapia dentro do Instituto de Artes da UNESP em São Paulo-SP e avaliar a transdisciplinaridade do campo da arte, da educação e da psicoterapia. Apresentar um modelo de inclusão e acessibilidade que possa ser aplicado no Instituto de Artes, promovendo ainda mais competências em colaboradores, educadores e público. A dissertação “Imagens e Histórias em arte terapia” visa a contribuir com o campo da arte terapia, na medida em que compartilha esta e outra experiência no Instituto de Artes da UNESP no trabalho com grupos que será descrita no Capítulo IV como uma indicação de um projeto modelo de acessibilidade na Universidade.

Para este estudo, os sujeitos constituíram-se da equipe de artistas terapeutas do Coletivo ACATE, idealizadores da parceria que se estabeleceu com o Projeto de Extensão Universitária ArtInclusiva, para promover inclusão social de pessoas com necessidades específicas no IA-Instituto de Artes da UNESP por meio de oficinas artísticas. Oriundo da pós-graduação em Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA, entre 2010 e 2011, o grupo é composto por oito pessoas, formadas em diferentes especialidades: Arte, Artes Cênicas, Pedagogia e Psicologia.

Também fizeram parte da equipe de trabalho nas oficinas bolsistas oriundos da graduação do IA, recrutados via divulgação das bolsas para projetos de Extensão

Universitária, no início do ano letivo, e a equipe dos bastidores do trabalho, para os momentos de supervisão teórico-prática, e a coordenadora institucional.

3.1 Os arte terapeutas do ACATE – Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas



Figura 13. Coletivo ACATE, Instituto de Artes, 2012.

Durante uma trajetória de formação inicialmente em psicologia clínica, grupos de estudos em Psicologia Analítica e Psicologia Arquetípica, pequenos cursos, eventos científicos e culturais, supervisão e trabalho no ofício da clínica com a proposição de recursos expressivos desde o primeiro dia e ainda em meio à especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas, algumas questões começaram a se apresentar: A arte terapia pode ser uma experiência artística? O que é arte terapia na prática? A arte terapia pode promover inclusão social? A arte terapia é um campo transdisciplinar? Por que tantos arte educadores procuram essa especialização?

Essas questões e a necessidade de praticar aquilo tudo que estávamos estudando me levaram a fundar, junto com outros alunos artistas da área de visuais, atores e arte educadores, durante o segundo semestre de nossa pós-graduação em Arte Terapia / Terapias Expressivas

no IA- Instituto de Artes da UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, o Coletivo ACATE – ATELIER COMPARTILHADO DE ARTES E TERAPIAS EXPRESSIVAS, para os estudos e pesquisas na interface arte e inclusão social, saúde mental e cultura, buscando novas possibilidades para a experiência artística e liberdade expressiva, em agosto de 2010.

O coletivo ACATE é composto por:

Ângela Neves Santana

Bacharel em Administração de Empresas, pela universidade Radial.

Atua há mais de 10 anos na área de Administração de Empresas.

Voluntária em grupo de Assistência espiritual e aconselhamento.

Elisabete Pereira de Nobrega (Bete Nobrega)

Profissional com cinco anos de experiência em design gráfico, atuando desde 1987 no mercado de artes gráficas. Formou-se em Desenho Industrial, com habilitação em Programação Visual, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2004.

Desde 2005, vem realizando trabalhos na área de artes visuais por meio de intervenções urbanas e exposições coletivas. Utiliza-se da técnica do stencil buscando, pela repetição de seus desenhos autorais (de influência afro), criar movimento, mandalas e outras padronagens nas ruas da cidade, bem como, em outros suportes.

José Antônio Do Carmmo

Ator e diretor teatral com 18 anos de experiências profissionais. Pós-Graduando em Arte Terapia- Terapias expressivas, no Instituto de Artes da UNESP. Licenciado em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes; Tem formação técnica como ator pela Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1998 participou do CPT - Centro de Pesquisas Teatrais, sob a coordenação de Antunes Filho. Compõe o núcleo artístico da Cia. Truks - Teatro de Bonecos desde 2002.

Lino Jose Delfino

Formado pela Faculdade Integrada Tereza D'Ávila, possui Licenciatura em Educação Artística com habilitação em artes plásticas E pós-graduação, na Universidade Estadual de São Paulo, no curso “Fundamentos da Cultura e das Artes”.

Além disso, fez cursos livres de gravura de xilogravura, litogravura, linóleo, serigrafia, em metal e monotipia, fotografia, cerâmica e escultura em pedra sabão, pintura a óleo, acrílica, aquarela, nanquim e guache, considerando o desenho primordial, pois é o contato entre a ideia, a linha e o suporte e dele explora todas as possibilidades expressivas, utilizando materiais como lápis, canetas, giz de cera, pastel oleoso ou a própria tinta.

Além das pesquisas, experimentos e exposições nas artes visuais, leciona há oito anos na rede estadual de ensino com alunos do ciclo fundamental, médio e do Eja.

Luana Csermak

Formada em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes em 2007. Estagiou durante um ano no Studio Fátima Toledo, acompanhando o processo de preparação de elenco para cinema, prestando assistência junto à coordenação pedagógica na organização de palestras e eventos realizados no Studio e também na orientação aos alunos sobre o método proposto pela escola. Durante a sua formação, fez cursos sobre a Preparação do Ator com Matteo Bonfitto, Jogos Teatrais com Cláudio Saltini e Teatro de Animação com a Cia. Truks. Como atriz, esteve em cartaz no teatro Ruth Escobar durante duas temporadas com a peça Arena Conta Zumbi, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal. Atualmente se especializa em Arte- Terapia/ Terapias Expressivas na Universidade de Estadual de São Paulo – UNESP e atua como educadora em escolas municipais de São Paulo.

Valéria Elisabete Rodrigues (Valéria Rodrigues)

Psicóloga clínica, profissional com 19 anos de atuação como entrevistadora e moderadora de grupos em Pesquisas Sociais e de Mercado; Publicitária e radialista. Divide suas atividades profissionais, entre seu Consultório, em São Paulo-SP e o IJEP, Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, onde dá aulas no curso de Especialização Lato Sensu de Arte terapia e Expressões criativas de abordagem junguiana.

Suas principais qualificações são a realização de entrevistas etnográficas, em Profundidade e Moderação de Grupos, e a análise e coordenação de projetos qualitativos. Tem experiência coordenando e executando projetos para clientes líderes de diversas categorias de produtos e serviços como: serviços públicos e privados; produtos de consumo; bens duráveis; produtos financeiros; comunicação; telecomunicação; tecnologia e indústria farmacêutica.

Viviane Fonseca da Silva

Professora efetiva leciona há cinco anos e atua como arte educadora da rede Estadual de São Paulo há três anos. Monitora de Oficinas Artísticas.

Formada em Educação Artística – Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Londrina.

Participante do Grupo de danças folclóricas Girafulô e da Oficina de musicalização para professores na Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda – São Carlos.

Priscilla Kriegler

Artista, arte educadora, pós-graduada em Arte terapia – Terapias Expressivas, no Instituto de Artes da UNESP – São Paulo.

Desde o primeiro momento, o objetivo do Coletivo ACATE era trabalhar na oferta de oficinas artísticas, alternando atividade corporal/cênica e artística, fundamentadas em arte terapia a pessoas com algum tipo de necessidade específica e incluir também outras pessoas sem diagnósticos médicos, que não estivessem em qualquer tratamento, para caracterizar um grupo de inclusão e não um grupo voltado a algum tipo de especificidade por diagnóstico ou privação. Inicialmente as reuniões aconteciam aos sábados, após as nossas aulas no curso de especialização em arte terapia / terapias expressivas, até que conseguimos apoio da ONG Ação Educativa, que nos cedeu uma sala para viabilizar nossas reuniões de estruturação, definição de objetivos e construção de um projeto piloto para o grupo. Dividimo-nos em grupos de trabalho e pesquisas.

Em outubro de 2010, alguns dos integrantes do Coletivo ACATE participaram do Congresso Brasileiro de Arte Terapia, entre eles esta pesquisadora, a fim de coletar mais informações sobre a prática da arte terapia no Brasil na contemporaneidade. Munidos de nossas pesquisas individuais, informações e observações definimos um projeto inicial que denominamos Projeto Acate e saímos em busca de parcerias para sua realização. Primeiramente buscamos um apoio para a supervisão teórico-prática essencial em qualquer iniciativa que pretenda pautar-se pelo cuidado e pela ética, e procuramos a Profa. Dra. Ana Kiyan, docente do Curso de Especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas do IA-UNESP, pesquisadora do tema, que acolheu a iniciativa e deu grande ânimo para irmos em frente. Pediu ainda que a mantivéssemos informada, já que poderia se juntar ao grupo no final de abril de 2011, quando encerraria alguns compromissos anteriormente assumidos.

Pensamos no IA-UNESP como o equipamento ideal, por sua estrutura de salas e laboratórios, sua proximidade ao transporte público, e também por ser nosso local de especializando em Arte Terapia / Terapias Expressivas. O contato inicial no IA- Instituto de Artes - São Paulo-SP foi com a Profa. Dra. Kathya M. A. de Godoy, docente do Instituto de Artes e da Especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas, que nos direcionou para a Profa. Dra. Suely Master, que estava assumindo a Coordenação do ArtInclusiva, Projeto de Extensão Universitária do IA-UNESP, com objetivo de promover inclusão social por meio da arte e que passaria a acontecer na nova sede do Instituto de Artes, em 2011. (APENDICE)

Tivemos o apoio da Profa. Dra. Suely Master, que tinha a tarefa de implantar o ArtInclusiva no campus do IA-UNESP. A proposta do ACATE vinha ao encontro a um antigo desejo dela, trabalhar com arte e com alguma interface na área de saúde. Com um equipamento à nossa disposição, desenvolvemos um projeto para a implantação do ArtInclusiva no IA-UNESP, a partir de março de 2011.

Constatamos e apresentamos que por meio da investigação bibliográfica em livros, teses, dissertações e da participação no Congresso Brasileiro de Arteterapia, em outubro de 2010, que as intervenções em arte terapia, se caracterizavam pela oferta de um dos suportes artísticos a uma população específica, na sua maioria. Que os trabalhos de inclusão por meio da arte tinham como objetivo alcançar uma produção artesanal voltada para a capacitação para o desenvolvimento de renda e em sua maioria também estavam segmentados por população específica, tendo como referência o padrão médico separatista entre as disciplinas e patologias dos sujeitos.

Ainda sobre essas pesquisas, verificou-se que as premissas para atendimento, por exemplo, de pessoas em sofrimento psíquico, preconizadas por meio da Reforma Psiquiátrica no Brasil, instrumentalizada em 2001 pela lei Paulo Delgado, resultante de pelo menos vinte anos da Luta Antimaniconial⁷ iniciada nos anos 1980, indicam que a necessidade de oferecer espaço, condições de expressão, tempo e uma escuta sensível para permitir a elaboração de questões que se apresentam na vida cotidiana de pessoas em sofrimento psíquico, constituem-se em um desafio. Podemos transpor esse desafio para todas as pessoas com algum tipo de necessidade específica e todos nós, que em algum momento seremos visitados pelo sofrimento, não há como escapar, basta olhar ao redor. O chamado do nosso tempo é para cuidar da vida e transdisciplinar e colaborativo, para além das individualidades, de cercas, muros, fronteiras ou divisas, por via do respeito, do amor e da soma dos conhecimentos e experiências e essencialmente acompanhando as pessoas na vida, e não os seus diagnósticos.

Este é o chamado do Coletivo ACATE: assumir um compromisso com uma mudança qualitativa na vida das pessoas, com criatividade e disposição para experimentar novas formas

⁷ Luta Antimaniconial é um movimento que uniu profissionais da área da saúde, usuários, cuidadores e familiares para denunciar o descaso e a violência praticada nos asilos e hospitais psiquiátricos e reivindicar um olhar e tratamento mais humano que contemplasse definitivamente a reinserção dessas pessoas à vida.

de comunicação e relacionamento. Um grupo de artistas, arte educadores e arte terapeutas que aproveitando as especialidades distintas e experiências individuais, fundamentados em arte terapia e no método transdisciplinar e colaborativo, criam um campo de ação coletivo, poético, terapêutico e epistemológico.

O coletivo ACATE, tem em sua gênese um caráter transdisciplinar e multi-institucional, já que busca parceiros com equipamentos adequados para viabilizar suas ações. Nosso objetivo principal buscar novas possibilidades para a experiência artística e facilitar o acesso à arte, o desenvolvimento humano e a transformação da realidade por meio do fazer artístico em diferentes linguagens. Aos poucos com a participação, dedicação e o empenho de todos, percebi a abrangência que o projeto poderia adquirir, como uma oportunidade de gerar conhecimento, formar cidadãos mais críticos e implicados com a responsabilidade de reproduzir as ideias apreendidas, para a construção de uma visão de mundo ética inspirada na diversidade, dando um grande retorno para a sociedade. O aspecto mais contundente do trabalho apresentava-se na força do grupo de terapeutas, experientes em suas áreas de atuação e compromissados com o fazer ético, técnico e amoroso, com o lema que se definiu: “Vamos, com amor, mudar o mundo” e sem medo de alcançar momentos de grande felicidade por meio da realização colaborativa.

Visualizamos com o ArtInclusiva, um território para praticar o que estávamos aprendendo ou aperfeiçoando durante o curso. Elaboramos um projeto piloto para a parceria com o ArtInclusiva, o “*Projeto Acate*”⁸ que se diferenciaria na oferta das três linguagens artísticas: visuais, cênicas e musicais para promover inclusão social por meio da arte terapia, entendendo inclusão como um processo para facilitar o acesso à arte, aos bens culturais, à vida social e ao desenvolvimento humano por meio de experiências artísticas sensoriais e criativas. Depois de algumas reuniões e ajustes, em dezembro de 2010, na presença da Profa. Dra. Suely Master e da Profa. Dra. Carmina André, acorda-se uma parceria entre o ArtInclusiva e o ACATE, Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas, coletivo de artistas, arte educadores e psicólogos, pós-graduandos da especialização Lato Sensu em Arte Terapia do Instituto de Artes da UNESP, reunidos neste projeto piloto para pensar intervenções em Arte Terapia, por meio das diferentes linguagens artísticas (escultura, pintura, poesia, texto, música) e linguagens de expressão corporal.

⁸ Projeto original em apêndice.

A disponibilidade para se entregar às experiências artísticas é fundamental para que o conhecimento verdadeiro se realize. Para John Dewey (1859-1952-EUA), psicólogo, filósofo e educador, arte é consumação da experiência. Segundo Dewey, três aspectos são importantes para que uma experiência de conhecimento se concretize: um aspecto intelectual, que vai nomear e organizar ideias, um aspecto prático, onde uma intervenção é fundamentada intelectualmente, e um aspecto emocional, fundamental para que algo crie movimento. Para o autor as experiências estéticas são emocionais do início até o seu fim, por estarem ligadas aos sentidos e ao sensível, considerando as emoções como o fator que qualifica as vivências. Suas concepções defendem o campo das experiências estéticas ativas, participativas e não uma contemplação diante de objetos de arte. Operações que levem ao enriquecimento da prática são experiências estéticas, considerando o saber como instrumento para se abordar e construir conhecimentos. “Na concepção comum, a obra de arte é frequentemente identificada com a construção, o livro, o quadro ou a estátua. Visto que a obra de arte real é aquilo que o produto faz com e na experiência.” (DEWEY, 2010, p. 59). Podemos afirmar que nos lançamos em busca desse conhecimento durante todo o processo criativo e operacional, e agora compartilhando as descobertas nas nossas ações com a devida emoção, diante da perplexidade da novidade que a práxis revela.

Para Luigi Pareyson (1918-1991-Itália), filósofo italiano, a obra de arte é um processo em construção e seus estudos sobre as teorias estéticas o levam a formular o conceito de arte como formatividade. A expressividade de uma obra de arte é a sua forma “o seu ser é um dizer, ela não tanto tem quanto, antes é um significado. Dessa forma se pode concluir que, em arte, o conceito de expressão deriva o seu especial significado daquele de forma” (PAREYSON, 1997, p. 23). Nas operações artísticas a realização e a invenção se alternam na execução dos projetos para “formar”, figurar, descobrir, inventar, para realizar e produzir. Essa característica inventiva que se realiza no fazer e no modo de fazer artístico define como “formatividade” o aspecto vivo que confere um estilo original ligado às necessidades espirituais de beleza de todo artista.

Como acertadamente diz Dewey, a arte é sempre mais que arte: pela multiplicidade dos atos, desígnios e fins do homem, ela é sempre ao mesmo tempo profissão de pensamento, ato de fé, aspiração política, ato prático, oferta de utilidade, seja espiritual ou material. Ao fazer arte, o artista não só renuncia à própria concepção do mundo, às próprias convicções morais, aos próprios intentos utilitários, mas ainda os introduz, implícita ou

explicitamente na própria obra, onde eles vêm assumidos sem serem negados. (PAREYSON, 1997, P.44-45).

A arte exige ser praticada para fins artísticos segundo o teórico, e é exatamente isso que este projeto vai em busca, da arte como experiência, pesquisa e construção de conhecimento.

3.2. O que é o projeto ArtInclusiva – IA – UNESP

ArtInclusiva é um Projeto de Extensão Universitária, do IA- Instituto de Artes da UNESP- Universidade Estadual Paulista, na cidade de São Paulo-SP. Criado em 2003, por Prof. Dr. Reynuncio Napoleão de Lima e pela Profa. Dra. Dorotéia Kerr e coordenado pela Profa. Dra. Suely Master, desde 2011.

O projeto é aberto à comunidade e aos colaboradores da universidade com algum tipo de incapacidade física, mental ou emocional. Desde março de 2011, semanalmente o ArtInclusiva objetiva promover inclusão social por meio de oficinas com os diferentes suportes artísticos e têm ainda objetivos específicos, como proporcionar aos participantes expressividade pessoal, sociabilização, autonomia e elevação da autoestima, fundamentado no estudo e na prática da arte terapia.



Figura 14. ArtInclusiva. Oficina de Música com objetos encontrados no Campus do Instituto de Artes, 2012.

O ArtInclusiva é um dos 1600 Projetos de Extensão Universitários cadastrados e oferecidos pela UNESP, universidade pública e gratuita, criada em 1976 e mantida por verbas do Estado, baseadas em percentual fixo do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), repassada pelo Governo do Estado de São Paulo. Em 2011, possuía 33 faculdades e institutos oferecendo 171 cursos de graduação e 115 cursos de mestrado e doutorado. Os 3400 docentes e os 7000 funcionários garantem a formação de cerca de 50 mil alunos. Os Projetos de Extensão Universitária cumprem o papel de prestação de serviços à comunidade nos municípios onde a Universidade está instalada e interligam ensino e pesquisa, fomentando competências e aproximação entre alunos e docentes. Nesta interação com a sociedade e suas demandas por espaços de produção de conhecimento, trocas e expansão de ideias, “a extensão possibilita que a comunidade acadêmica encontre na sociedade conhecimentos enriquecedores para sua formação, ao mesmo tempo em que beneficia esta sociedade” (ARAÚJO, 2011).

A primeira versão do Projeto ArtInclusiva- Estação Especial da Lapa foi implantada no ano de 2003, na cidade de São Paulo, e tinha como coordenadores o Prof. Dr. Reynuncio Napoleão de Lima e a Profa. Dra. Dorotéia Kerr. O local servia como centro de convivência e reabilitação do Governo do Estado para oferecer gratuitamente cursos para pessoas com deficiência e foi fruto de um convênio entre a Secretaria de Bem-Estar Social de São Paulo e a UNESP por meio do DACEFC – Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação, do IA. O curso buscou, por meio da oferta de jogos teatrais e dinâmica corporal, promover inclusão social de pessoas com deficiência e, em contrapartida, realizar estágio de docência para graduandos e a elaboração de uma pedagogia de ensino de teatro para pessoas com deficiência. O trabalho em equipe foi realizado por graduandos em artes cênicas. Em 2007 já sob coordenação da Profa. Dra. Carmina Mendes André, orientou outro braço do Artinclusiva com jovens infratores da Fundação Casa, até o ano de 2011.

No final de 2010 o setor de reabilitação do Hospital das Clínicas da USP assume a administração da Estação Especial da Lapa, direcionando o espaço apenas para atividades de reabilitação, e o convênio com a UNESP é finalizado. Carmina André decide se dedicar com maior intensidade ao trabalho na Fundação Casa e passa a coordenação do ArtInclusiva para a Profa. Dra. Suely Master, que tem a tarefa de implantar o Projeto de Extensão na nova sede

do Instituto de Artes. Inaugurada em 2009, essa nova sede agora possui acesso facilitado por estar ao lado do Terminal Rodoviário e ao Metrô Barra Funda, e uma estrutura organizada e atraente para a realização das atividades. (MASTER, 2011)

3.3. Projeto ACATE dentro do ArtInclusiva

Foi nessa transição e contexto que surgiu a parceria entre o ArtInclusiva e o ACATE, Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas, coletivo de artistas, arte educadores e psicólogos, pós-graduandos da especialização Lato Sensu em Arte Terapia / Terapias Expressivas do Instituto de Artes da UNESP, que, reunidos para pensar intervenções em arte terapia, por meio das diferentes linguagens e suportes artísticos, buscam novas possibilidades para a experiência artística e a liberdade expressiva, utilizando a arte para promover inclusão social inicialmente no Instituto de Artes da UNESP, na cidade de São Paulo-SP.

O cronograma metodológico para a parceria contemplou um planejamento inicial para estabelecer alguns parâmetros:

- 1) Criar o projeto e definir cronograma de trabalho;
 - 2) Estabelecer a parceria ACATE e ArtInclusiva;
 - 3) Criar logomarca – identidade visual do ArtInclusiva;
 - 4) Estabelecer parâmetros para a participação dos bolsistas e terapeutas;
 - 5) Estabelecer parâmetros para a participação de opinantes (usuários);
 - 6) Atrair a população específica por meio de divulgação na web, por rede de contatos e visitas para tentar estabelecer convênios com órgãos públicos na área da Saúde.;
 - 7) Abrir o período de inscrições;
 - 8) Fazer a triagem e divulgar os selecionados;
 - 9) Oficina de apresentação do projeto e coleta de informações sobre os selecionados.
- (LIEBMANN, 2000).

Abaixo o primeiro texto de divulgação da parceria, que foi divulgado na página do Instituto de Artes e por email-marketing em dezembro de 2010, data do estabelecimento da parceria:



PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ARTINCLUSIVA

Coordenação: Profa. Dra. Suely Master e

Profa. Dra. Carminda Mendes André

O Projeto de Extensão Universitária ArtInclusiva, juntamente com os alunos de Pós Graduação em Arte Terapia, desenvolverá durante o próximo ano, Oficinas Artísticas, que são uma atividade voltada à População Especial. Com o objetivo de facilitar o acesso à arte, o desenvolvimento humano e a transformação da realidade por meio do fazer artístico em diferentes linguagens, esse ano será trabalhado o tema Histórias Autobiográficas e a formação de sentidos através da arte. As inscrições serão *online* durante o mês de fevereiro. Com duração de um ano, as oficinas serão semanais, sempre às segundas-feiras, de 14:00 às 16:00, no Instituto de Artes. O início previsto é 14 de março de 2011. AGUARDEM POR MAIORES INFORMAÇÕES!!!

Figura 15. Logomarca ArtInclusiva.

As regras de participação, para a implantação do ArtInclusiva no IA com apoio do ACATE objetivou ofertar à população com necessidade especial, portadores de algum tipo de limitação física, emocional ou intelectual, oficinas de Expressividade para promover o acesso à arte, o desenvolvimento humano e a transformação da realidade por meio da inclusão social e do fazer artístico.

As oficinas são destinadas a pessoas com necessidades específicas e seus cuidadores. Qualquer pessoa pode participar das oficinas, sem limite de idade, gênero ou diagnóstico.

O grupo de trabalho foi composto ainda de alunos da graduação e da pós-graduação e professores do Instituto de Artes da UNESP.



Figura 16. ArtInclusiva, Oficina de pintura, Instituto de Artes, 2012.

A população atendida, constituiu-se de jovens e adultos de ambos os gêneros , entre 18 e 38 anos, e foi atraído inicialmente através de emails e divulgação nas redes sociais e web. Desde dezembro de 2010, quando nosso projeto de realizar uma intervenção em arte terapia foi acolhido pela coordenação do ArtInclusiva, iniciamos a propagação da iniciativa.



Figura 17. Cartaz de Divulgação do ArtInclusiva início de 2011.

Em fevereiro de 2011, divulgamos também por meio do portal do IA- UNESP, que também recebia as inscrições dos interessados online. Muitos sites direcionados ao público com necessidades específicas reproduziram nossa oferta. Abaixo, nossa primeira proposição para as oficinas. Acompanhando a Coordenação, tive a oportunidade de visitar o Instituto de Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas, para apresentar nossa proposta na tentativa de estabelecer algum convênio. Fomos muito bem recebidos, conselhos e ideias foram compartilhados, mas num primeiro momento a Diretora nos viu como um projeto piloto que ela acompanharia. No segundo semestre, nos direcionou uma paciente que estava tendo alta por lá, e que segundo eles se beneficiaria em participar das nossas oficinas.



art inclusiva
UNESP

**ABERTAS INSCRIÇÕES PARA
OFICINAS ARTÍSTICAS GRATUITAS
À POPULAÇÃO ESPECIAL**

Coordenado pela Profª Drª Suely Master, o Projeto de Extensão Universitária Artinclusiva, do Instituto de Artes (IA) da Unesp, campus São Paulo, abre inscrições para oficinas artísticas voltadas à população especial, buscando facilitar o desenvolvimento humano e a transformação da realidade das pessoas portadoras de qualquer tipo de deficiência por meio do fazer artístico em diferentes linguagens.

Neste ano o tema das oficinas será "Histórias autobiográficas e a formação de sentidos através da arte", onde cada participante vai reconstituir e dar sentido a sua história de vida por meio de práticas artísticas propostas com a intenção de facilitar o processo de inclusão social.

Inscrições online, de 14 a 28 de fevereiro, no site do IA/UNESP
http://www.ia.unesp.br/eventos/arte_inclusiva.php

VAGAS LIMITADAS

Início: 14 de março de 2011
Término: 14 de novembro de 2011
Dia da semana: segunda-feira
Horário: das 14h às 16h
Local: Instituto de Artes da UNESP
Endereço: Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 – ao lado da estação de trem e metrô da Barra Funda
E-mail: arte_inclusiva@ia.unesp.br

unesp

Figura 18. Cartaz de Divulgação da abertura das inscrições para o Artinclusiva. 2011.

Os temas das oficinas artísticas foram definidos, partindo da proposta inicial “Expressividades” era um pedido para que explorassem histórias autobiográficas, relacionadas a diferentes fases de vida. A partir desse mote coletamos informações para ir estruturando as ofertas de acordo com o que o grupo demandava como limitação, carência ou dificuldade de adaptação às exigências internas ou externas.

Há instruções para uma atividade dirigida, o artista terapeuta faz uma proposta com um suporte plástico ou linguagem artística, e destina-se um tempo a estimular uma atividade criativa, o fluir de ideias, a expressividade.

Dada a consigna, há instruções contínuas, desde as mais genéricas até ir aumentando os níveis de complexidade, e repete-se a consigna quantas vezes forem necessárias para o entendimento da proposta do dia. Existe, ainda, uma flexibilidade essencial para o que se apresenta, como materialidade na oficina abstrata e concreta. E ainda dependendo da necessidade do que se apresenta no dia, entra em ação o caráter improvisacional, para acolher e acompanhar o fenômeno, a manifestação da subjetividade, numa postura de neutralidade para seja lá o que se apresentar, qualidade imprescindível ao arte terapeuta, para ir se adaptando ao que surge, tendo como principal referência o tempo presente e colaboração harmônica de sua equipe de trabalho. (LIEBMAN, 2000)

As oficinas são programadas de acordo com o que a escuta terapêutica coleta como demanda do grupo. O processo criativo utiliza o conhecimento coletivo para resolver situações e desenvolver proposições. A execução se dava em função do saber dos envolvidos, e uma dupla ou trio se responsabilizava pela organização da oficina. De modo geral, recebíamos um roteiro com uma semana de antecedência, tempo e necessidade que foram caindo ao longo do desenvolvimento do trabalho e na medida em que os arte terapeutas constituíam um território de confiança e segurança, afirmando-se como uma oferta diferenciada em arte terapia, uma pesquisa contemporânea fundamentada nos processos e procedimentos artísticos, na educação, nas relações humanas, na alegria e no respeito.

Com maior regularidade, os materiais utilizados pelos arte terapeutas são classificados em categorias, como: Material seco: lápis, canetas hidrográficas, pastéis seco e oleoso, giz, carvão, lápis de cera, marcadores; Tintas: guache, aquarela, acrílica, tintas para pintura a dedo; Materiais Tridimensionais: argila, massa de modela, plastilina, sucatas, gesso, etc.; Colagem: papel, revistas, tecidos, sucata, etc.; papel: de diversos tamanhos e texturas, de desenho, jornal, absorvente, transparente, canson, aquarela, arroz; Materiais cênicos e bonecos; e materiais adesivos. (LIEBMANN, 2000).

A escolha é intuitiva e teórica observando o que está mobilizando o sujeito ou o grupo durante o processo. Para as pesquisadoras Edna Chagas Christi e Graça Maria Dias da Silva, autoras do Livro *Criatividade em Arteterapia* existem três importantes fases que constituem processos grupais e aspectos a se considerar na escolha de uma técnica. Nos trabalhos com grupos entra em jogo primeiramente a fase de inclusão dos participantes que não se conhecem e que serão estimulados a explorar materiais, laços e vínculos, nesse momento, pode-se

privilegiar trabalhos individuais. Num segundo momento quando já se estabeleceram vínculos e lideranças começam a emergir, pode-se eleger trabalhos em duplas ou trios. E, numa terceira fase que elas denominaram fase da afetividade, quando os vínculos entre participantes e arte terapeutas se estabelecem permitem as partilhas e experiências coletivas.

Praticidade, ser de fácil ou difícil manipulação, riscos de acidentes com o material também precisam ser levados em conta na escolha de uma oferta. (CHRISTO & SILVA, 2009).

Observa-se que em arte terapia existem dois grandes grupos de atividades regulares. Atividades para estruturar o que está sendo elaborado nas experiências e atividades para dissolver afetos e ideias fortemente carregados de percepções dominantes ou recorrentes. Para Jung (2013), símbolos e imagens se apresentam à consciência por meio de dois mecanismos. Um mecanismo regressivo que diz respeito a algum aspecto que a consciência precisa desenvolver no presente, regredindo para ampliar repertório e o mecanismo projetivo com objetivo de transformar aspectos subjetivos elegendo objetos externos para observar, conhecer e criar movimento. Esculturas, colagens e atividades de construção são consideradas estruturantes; pintura, atividades corporais e cênicas para dissolver e liberar energia psíquica.

3.4 Estudo de caso: Métodos e procedimentos do ArtInclusiva – ACATE

A implantação do ArtInclusiva no IA-UNESP com apoio do ACATE objetivou, inicialmente, ofertar à população com necessidade especial, portadores de algum tipo de limitação física, emocional ou intelectual oficinas de Expressividade para promover o acesso à arte, o desenvolvimento humano e a transformação da realidade por meio da inclusão social e do fazer artístico.

A metodologia de trabalho escolhida foi a de oficinas artísticas de grupo estruturado fundamentadas em arte terapia, que prevê um encontro para compartilhar uma tarefa ou desenvolver um tema comum. Há instruções, uma atividade dirigida inicialmente e total liberdade expressiva para explorar o material ou linguagem. (LIEBMAN, 2000). O projeto foi estruturado com alguns diferenciais: 1) a inclusão no ambiente universitário; 2) a mistura de várias linguagens artísticas e corporais; 3) a acolhida às pessoas com necessidades específicas independente de seus diagnósticos formando um grupo aberto às pessoas e não a suas doenças.

Oficinas semanais de duas horas de duração com um dos suportes artísticos, artes visuais, artes cênicas ou música. As oficinas são ministradas por dois terapeutas, um principal e outro co-terapeuta que pode fazer intervenções e proposições. Conta com um membro do grupo responsável por observar e anotar os eventos. Os demais membros da equipe de trabalho ajudam a compor o grupo ou ainda como suporte técnico em alguma atividade. Alguns registros fotográficos são coletados durante as oficinas.

Reunião da equipe de trabalho de meia hora após as oficinas e trocas de ideias por email durante a semana para o preparo da próxima oficina. Reunião semanal de toda a equipe para supervisão e coordenação das ofertas e do grupo de trabalho.

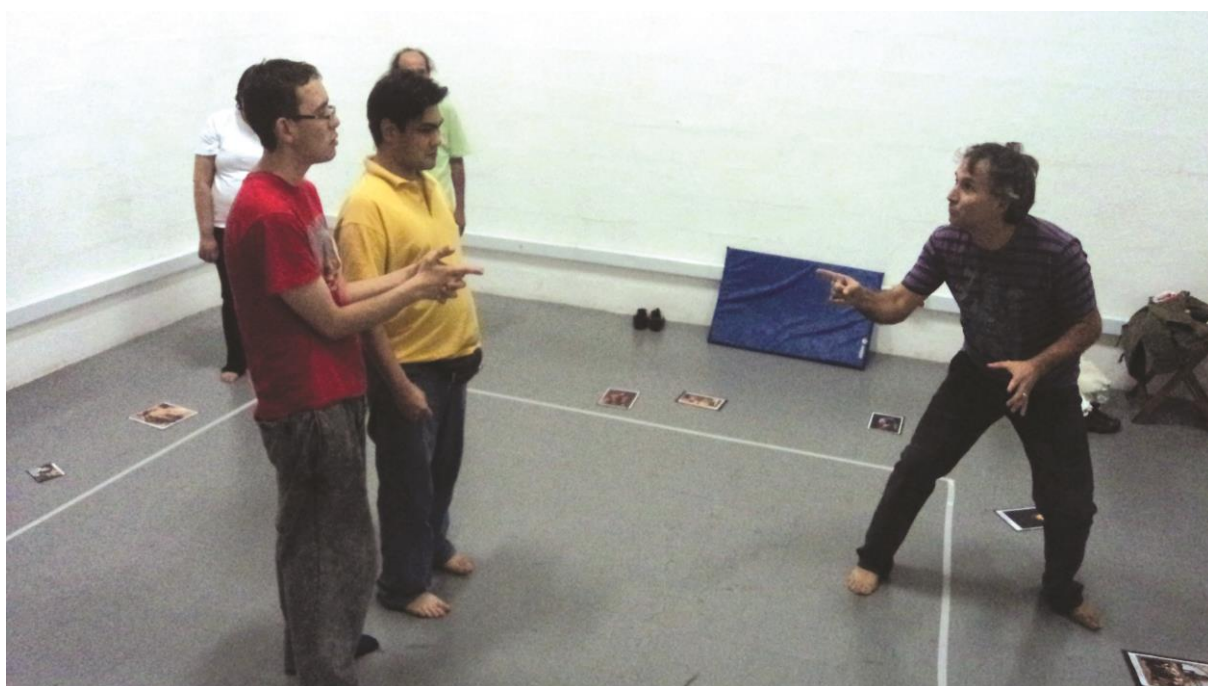


Figura 19. ArtInclusiva, Oficina de Teatro, Instituto de Artes-UNESP, 2011.

O ArtInclusiva entrou com o institucional, a infraestrutura de sala de expressão corporal e ensaio para teatro, atelier de artes plásticas, circo e laboratório de cerâmica do Instituto de Artes, e anualmente de dois a três bolsistas da graduação, e o ACATE com o projeto, os materiais e uma equipe de oito pós-graduandos, artistas, educadores e terapeutas. Não tivemos financiamento para materiais ou pagamento aos arte terapeutas e supervisão.

Atualmente, as oficinas artísticas são realizadas semanalmente no IA, com duas horas de duração, para um grupo de jovens e adultos, de ambos os gêneros, entre 19 e 35 anos e

simultaneamente outra oficina para seus cuidadores. O trabalho é realizado com a participação de alunos do Curso de Especialização Lato Sensu em Arte Terapia / Terapias Expressivas e bolsistas da graduação em artes. Para os momentos de reflexão e ajustes, conta com supervisão semanal da Profª. Dra. Ana Kiyan, psicóloga, pedagoga e docente da especialização no IA-UNESP, com a participação de todos os colaboradores e da coordenadora atual do Artinclusiva, a Profª. Dra. Suely Master.

O Registros das oficinas, se deu via documentação fotográfica e alguns pequenos vídeos funcionam como memória do processo de todos os atores envolvidos, e são partes essenciais nesta investigação, como registro, e não pela qualidade de captação que muitas vezes se deu por câmeras de aparelho celular, tablets ou câmera digital de uso caseiro. Contamos ainda com os relatórios de observação das oficinas e reuniões de supervisão teórico-prática.

Trabalhamos com desenho, cerâmica, música, pintura, colagem, dança circular, stencil art, bonecos, criação de bonecos, exercícios corporais para explorar movimentos, espaço, percepção de si e do outro e jogos cênicos.

No segundo ano de nossa atuação, estabelecemos uma parceria com outro Projeto de Extensão Universitária do IA para oficinas de Circo.



Figura 20. ArtInclusiva. Oficina de Desenho, Instituto de Artes, 2011.



Figura 21. Oficina de Cerâmica, Instituto de Artes, 2011.



Figura 22. . ArtInclusiva. Oficina Atelier Compartilhado de Artes e Terapias Expressivas, Instituto de Artes, 2012.



Figura 23. ArtInclusiva. Oficina de Colagem. Instituto de Artes, 2011.



Figura 24. ArtInclusiva. Dança Circular. Instituto de Artes, 2011.



Figura 25. ArtInclusiva. Oficina Stencil art. Instituto de Artes, 2012.



Figura 26. ArtInclusiva. Oficina Bonecos. Instituto de Artes, 2012.



Figura 27. ArtInclusiva. Oficina Expressão Corporal. Instituto de Artes, 2011.



Figura 28. ArtInclusiva. Oficina Circo.. Instituto de Artes, 2012.

Compreendendo o Processo: Os arte terapeutas do Coletivo ACATE tinham como objetivo trabalhar com inclusão social por meio de oficinas artísticas fundamentadas em arte terapia. Por inclusão social, entendemos favorecer acesso aos bens culturais a pessoas com necessidades específicas, ou seja, indivíduos, com ou sem diagnósticos médicos ou privação social, por meio de grupos de inclusão. O ArtInclusiva tem como objetivo trabalhar a inclusão social de pessoas com deficiências por meio da arte. Para realizar as oficinas tivemos que nos adequar aos objetivos do ArtInclusiva, que só aceitaria a participação de portadores de deficiências como usuários do projeto.

Os arte terapeutas do Coletivo ACATE tinham como fundamento o método transdisciplinar na operação das atividades. O ArtInclusiva submete-se a uma rede de hierarquias dentro do Instituto e da Universidade e, do mesmo modo, tivemos que nos adequar e aceitar hierarquias institucionais. Assim estabeleceu-se que esta pesquisadora, seria a coordenadora e responsável pelo grupo de arte terapeutas junto à coordenação do ArtInclusiva. Hierarquias estabelecidas, responsabilidades atribuídas, e tivemos total liberdade na concepção e execução das oficinas.

As oficinas são destinadas a pessoas com necessidades especiais. Qualquer pessoa pode participar das oficinas, sem limite de idade, gênero ou diagnóstico, constituindo-se como uma oferta diferenciada por agregar diferentes deficiências. Houve dois casos em que não pudemos atender por se tratar de um projeto piloto com arte terapeutas em formação e em ambos os candidatos a participantes das oficinas não existia a mínima possibilidade de comunicação devido a comprometimentos físicos e intelectuais severos. Além disso, as pessoas em questão dependiam de cuidadores que as acompanhavam. Isso apontou de início para limitações do alcance de nossas propostas em alguns casos de alto grau de comprometimento intelectual e físico, demandando outros tipos de profissionais ao grupo de trabalho.

Não foram aceitas pessoas que tinham se inscrito para as oficinas com o objetivo de estagiar ou aperfeiçoar-se junto a essa população, pois este era o objetivo dos sujeitos da ação pesquisa participante, realizar oficinas dentro de preceitos éticos, que regulam a atividade do profissional graduado em qualquer área de conhecimento, sabendo se tratar de uma participação em um projeto piloto em arte terapia, um exercício do que estávamos estudando

durante a especialização em Arte Terapia / Terapia Expressivas dentro do Instituto de Artes da UNESP em São Paulo-SP.

O grupo de trabalho nas oficinas foi composto de oito arte terapeutas alunos da pós-graduação em arte terapia, duas psicólogas, dois atores e quatro artistas e arte-educadores; três alunos da graduação em artes, dois de cênicas e um de música. Durante as oficinas, nos revezamos em três papéis bem marcados: terapeuta do dia, que concebe e desenvolve a oficina, mediante um roteiro previamente enviado a toda a equipe; co-terapeuta, que auxilia o terapeuta em sua tarefa; observador, alguém para ir anotando os diálogos, questionamentos e intervenções durante a oficina, e observador participante, ajudando a compor a oficina com o grupo de opinantes presentes.

A proposta inicial “Expressividades” era um pedido para que explorassem imagens relacionadas a diferentes fases de suas vidas por meio da alternância de suportes artísticos. Para atingir nossos objetivos, a cada semana um suporte seria apresentado, estimulando o contato, a criatividade e a imaginação diante do material e da atividade.

Trabalhamos com desenho, cerâmica, pintura, expressão corporal, colagem, jogos cênicos, dança circular, stencil art e bonecos. Dentre essas ofertas uma poderia ser eleita como linguagem e recurso para comunicar de forma poética, imagens e histórias de suas vida numa ação cultural, uma exposição. Porém, após a realização de sete oficinas, nos primeiros dois meses de trabalho em 2011, nossos objetivos e propostas foram revistos. Nesse momento, incorpora-se à equipe a Profa. Dra. Ana Kiyon, docente do curso de especialização em arte terapia / terapias expressivas do IA-UNESP como supervisora teórico-prática para mediar as discussões em torno de particularidades dos opinantes e da postura e papel dos arte terapeutas. Durante as reuniões semanais, com a participação de todos os envolvidos no trabalho, os objetivos das ofertas e das oficinas vão sendo revistos, revigorados ou descartados. A esse respeito trago alguns trechos de Selma Ciornai, em um artigo que discutiu com outras duas renomadas pesquisadoras, “*Supervisão em arteterapia*” em 2004:

Acho que para todo aluno que nunca atendeu um cliente, esses dois, três primeiros meses são muito importantes. É um preparo para começar a atender.....[...] um processo de terapia você não tem tudo planejado, você precisa estar atento ao que emerge como figura no momento, dispor-se a abandonar os projetos que estão no bolso para lidar com o que surge de importante naquela hora. (CIORNAI, 2004, P. 248)

O tema inicial, “Expressividades”, tendo imagens e histórias autobiográficas como poética, foi se apresentando de difícil e doloroso contato com o público, pelo menos naquele instante inicial de formação de grupo, em que os vínculos ainda estavam se estabelecendo. Então, em maio de 2011, passamos a nos concentrar em proporcionar uma atividade criativa com os variados suportes, estimulando o fluir de ideias, a expressividade, continuamos compondo estruturas temáticas e ofertas de oficinas que pudessem atender às demandas dos participantes, coletadas por meio da escuta terapêutica, que se caracteriza por estar a serviço do outro e dos elementos simbólicos que se apresentam no manipular dos suportes, que constelam ideias e fantasias vividas na realidade.

Do grupo de cinco pessoas que se apresentaram no início do ano, três rapazes seguraram a onda de suportar o grupo de arte terapeutas em momentos tensos, inseguros, aspectos que são naturais ao início do ofício, já que colocar-se a serviço de alguém é uma enorme responsabilidade. Para isso a supervisão do grupo nos bastidores é essencial, não há realização sem erros.

Muito rica a supervisão em grupo pela multiplicidade de olhares que ela permite. [...]... considero muito importante que a supervisão se dê num contexto em que os alunos possam encontrar apoio, que seja um contexto de crescimento. [...] especialmente no início, quando o aluno começa a trabalhar, a insegurança é muito grande. Acredito que uma parte importante da supervisão é apontar para o aluno o que ele está fazendo bem, reconhecer e incentivar seu estilo. Ao mesmo tempo, compreendo que também é minha função, na qualidade de supervisora, promover o aprendizado do aluno no nível do pensamento clínico, de compreensão mais profunda das dinâmicas internas e inter-relacionais dos clientes por meio do que vai ocorrendo e do que eles vão nos contando. (CIORNAI, 2004, P. 241-242)

Após um ano de participação no projeto, e coletando dados para ajustes nas ofertas para o segundo ano de nosso trabalho, no final de 2011 entrevistei cuidadores e participantes com capacidade de expressar e se comunicar verbalmente via entrevista. Alguns participantes apresentaram-se embotados e com pouca habilidade na construção de discursos orais, em decorrência de seus quadros e de medicações de uso contínuo. Avaliamos expressividades e comunicações sensíveis por meio da realização de oficinas artísticas tendo como tema imagens individuais e coletiva que melhor representassem a experiência de terem frequentado as oficinas artísticas do ArtInclusiva ao longo do período. Os resultados foram tema de minha monografia na especialização “*ArtInclusiva: efeitos da oferta de terapias expressivas a pessoas com necessidades especiais.*” Instituto de Artes, UNESP, 2011. Luana Csermak e

Bete Nóbrega, componentes do coletivo Acate, também escreveram monografias com os trabalhos: *A Aplicação do Método Burnier em Grupos Terapêuticos*, e *Graffiti Como Terapia Expressiva*.

Do ponto de vista de quem frequentou as oficinas como participante, as informações levantadas permitiram verificar e confirmar todos os benefícios que os teóricos atribuem à arte terapia, como permitir o aumento da autopercepção e reconhecimento de si; o aumento da verbalização, sociabilidade, autoestima e autonomia, além de transformações pessoais, promovendo mudanças de atitudes no dia-a-dia com a diminuição de alguns sintomas de ansiedade, depressão e agressividade, que se faziam presentes inicialmente no grupo. A criatividade despertada favorece o diálogo, que provoca reflexões intensas no grupo e que vai provocar um sentimento de autoconfiança fundamental para a afirmação do conhecimento aplicado à transformação da realidade. (SILVEIRA, 1981; ANDRADE, 2000; OLIVEIRA, 2004).

A infraestrutura de salas e laboratórios do IA, o acesso facilitado pela proximidade da estação de Metrô e o ambiente universitário livre de estigmas, somado ao contato amoroso e aos esforços da equipe e o trabalho com diferentes deficiências no mesmo grupo foram diferenciais e contribuíram para o alto desempenho do projeto. Todos os objetivos foram atingidos e a única observação que nos fizeram é que uma oficina por semana era pouco, sugerindo que incluíssemos mais dias de ArtInclusiva durante a semana. (RODRIGUES, 2011).



Figura 29. ArtInclusiva. Oficina Circo. Instituto de Artes, 2012.

A alma do grupo parece sentir-se acolhida, e experimenta os benefícios de se relacionar com o mundo da imaginação e sua capacidade de produzir reflexões profundas, para atingir e dialogar com a psique em ação, por meio da arte, criando previsibilidade e acalmando anseios humanos profundos. (HILLMAN, 1983). Como efeito do processo, uma experiência artística, que estimulou criatividade, curiosidade e alegria no tempo presente.

Para Nicolas Bourriaud, (1965-França) os processos colaborativos constituíram-se em tendência na prática artística contemporânea e procuram estabelecer espaços de ação dentro da realidade existente. “a partida mais animadamente disputada no tabuleiro da arte se desenvolve em função de noções interativas, conviviais e relacionais” (BOURRIAUD, 2009, p. 11). Inspirado nas concepções filosóficas de Guattari propõe, em *Estética Relacional*, uma práxis artístico-ecosófica focada nas noções de interdependência e globalidade para “substituir as velhas ideologias que setorializavam de maneira abusiva o social, o privado e o civil”. Em reação à racionalização e mecanização da vida e das sociedades, e da concentração de capital, entram em jogo territórios existenciais para o exercício da subjetividade que, são como define Guattari, “a única atividade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que auto-enriqueça continuamente sua relação com o mundo.” Apud BOURRIAUD, 2009, p. 145. Ele recorre ao termo interstício social de Karl Marx para de uma forma análoga colocar a obra de arte como um espaço para trocas e relações humanas que problematizam valores sociais, estéticos, ético e políticos.

O projeto de execução e coordenação das oficinas artísticas, elaborado pelo ACATE para o ArtInclusiva, tinha objetivos específicos com a pesquisa, apresentando trabalhos com reflexões para construir um caminho pautado na elaboração dos conhecimentos empíricos do estágio, objetivos alcançados com as monografias e um artigo coletivo em 2011 para o Congresso de Extensão Universitária da UNESP, realizado pelo PROEX, entre os dias 25 a 27/10/2011 em Águas de Lindóia: *Projeto ArtInclusiva*.

Outro objetivo era o desenvolvimento de metodologias de formação profissional e capacitação de mediadores, para o atendimento às pessoas com necessidades específicas, de ordem física, intelectual, emocional ou social. Quanto à formação inclusiva, este sem dúvida foi uma grande e diferenciada oportunidade de integração, intergeracional e interdisciplinar. O estágio se revelou um rico espaço de formação e pesquisa. Muitos fatores contribuíram para

isso, entre eles, a troca de saberes entre as diferentes gerações e disciplinas envolvidas na equipe de terapeutas, de forma respeitosa e empática, criando um ambiente de confiança no desenvolvimento e realização das oficinas. O grupo de pós-graduandos e graduandos teve total liberdade para o experimentalismo na regência das oficinas, que acontecia em rodízio, em função do saber dos envolvidos ou da revisão bibliográfica, sempre com a definição de um terapeuta, um co-terapeuta e uma pessoa na observação, enquanto o restante da equipe compunha com o grupo. Foi muito confortável para todos estarem cercados de profissionais experientes com quem se podia contar e solicitar um apoio em sinergia.

A religação dos saberes exige não apenas cabeças bem-feitas, capazes de estabelecer conexões entre áreas diferenciadas, mas disponibilidade e revolta docentes empenhadas em abrir compartimentos, fomentar incertezas, promover o diálogo, reinventar o mundo. (CARVALHO, 2008, p 64)

O comprometimento ético e responsável da equipe na execução do trabalho concebeu reservar, semanalmente, duas horas para uma reunião e supervisão teórico-prática com toda a equipe, para reflexões e acertos. Nesse espaço mediado por um profissional experiente, aliam-se aspectos teóricos e sua compreensão prática, para garantir a unidade de intervenções da equipe de arte terapeutas. Nesse ambiente de trocas e compartilhamento de ideias fomos treinados para a escuta, para a medida de afeto e limites, para o encontro, a recepção de novos integrantes, dando corpo a uma identidade de arte terapeuta, na justa medida entre a experiência artística, a educação e a arte de estar a serviço do outro e do que quer a alma.

Alem da religação de saberes, proposta por Edgar Morin e os teóricos da Epistemologia da Complexidade, foi além do que se propôs, pois religou saberes somado a bagagem empírica de profissionais em torno de uma operação coletiva. A organização dos nossos saberes e uma conduta ética e amorosa foram os diferenciais essenciais para a concretização do projeto.



Figura 30. ArtInclusiva Equipe/2012, em sentido horário, em pé: Viviane, César, Natasha, Bete, Zé, Edelweiss, Lino, Luana, Kauê, Ana, Suely e Valéria.

Para o segundo ano, da participação do Coletivo ACATE, na coordenação das oficinas, os objetivos e a operação já estão bem estruturados e alinhados com as demandas específicas da população atendida, resultado de muito trabalho e compromisso de todos os colaboradores e da confiança dos participantes e seus cuidadores.



Figura 31. Cartaz de Divulgação do ArtInclusiva. 2012.

Foi no segundo ano de nossa parceria que ganhamos visibilidade, por meio de duas reportagens realizadas por terceiros sobre nossa iniciativa. (Anexos 04 e ANEXOS 05). Estas nos serviram como uma avaliação isenta, por meio dos depoimentos dos participantes e de seus cuidadores, que no segundo ano também foram contemplados com uma oficina simultânea, que ocorria com os seus filhos ou pessoas que estavam cuidando.

Para Natasha Sonna, 21 anos, bolsista da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex) e aluna do segundo ano do curso de Arte-Teatro, "trabalhar aqui é extremamente gratificante". "Precisamos nos colocar de maneira aberta, não podemos ser arrogantes. Trabalhamos para entender o outro, entender o ser humano. É incrível, é muito bonito poder ver nos trabalhos a superação de limites."

Roberta Lima de Arruda, 30 anos, que participa das oficinas, afirma que "o ArtInclusiva é uma parte importante da minha vida, aqui tenho amigos. Gostamos de dançar, de fazer bonecos, fazer teatro. É como se tivesse um trabalho. Conheço pessoas e aprendo a fazer coisas novas, como cantar e pintar."



Diário Oficial PODER
Executivo
 Estado de São Paulo

PODER
Executivo

Geraldo Alckmin - Governador

Palácio dos Bandeirantes Av. Morumbi 4.500 Morumbi São Paulo CEP 05650-000 Tel. 2193-8000
Volume 122 • Número 225 • São Paulo, sábado, 1.º de dezembro de 2012 www.imprensaoficial.com.br

imprensaoficial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

"Você não faz ideia de como isto me faz bem"

Projeto de extensão da Unesp promove a socialização e inclusão de pessoas com deficiências intelectuais por meio da arteterapia



Ao contrário das pessoas que no final do domingo sentem um nó na garganta só pela proximidade do primeiro dia útil da semana, os participantes do projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o Artinclusiva, aguardam as suas semanas com grande entusiasmo.

Há cerca de dois anos, semanalmente, neste dia, são realizadas as oficinas de pintura, circo, dança, teatro, música, cerâmica, entre outras linguagens artísticas que integram a iniciativa, no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. A proposta, de acordo com a coordenadora, a fonoaudióloga Sueli Máster, é promover a socialização, a elevação da autoestima e a inclusão de pessoas com deficiências intelectuais por meio da arteterapia.

"Nossa, você não faz ideia de como me faz bem", resume Roberta, de 31 anos, que frequenta as atividades, desde que começaram. Ao vê-la participar da oficina de teatro, fica fácil ter ao menos noção disso, já que, ao ser convidada a cantar, ela se solta e manda seu recado: "Preciso aprender a andar sozinha para ouvir minha própria voz (...)"

Logo depois, revela a sua inspiração: "Cantei *Eu não paro*, da Ana Carolina, que adoro. E essa letra é muito significativa para mim, porque tenho muita vontade de trabalhar e andar sozinha. Muita, demais", ressalta. Roberta vê as atividades da Unesp como uma ajuda para, quando sabe, em breve, realizar o seu sonho: "Gostaria de trabalhar como secretária, anotando recados, ou telefonista, porque sou louca por telefone", planeja.

Proposta diferenciada - Pedro, de 21 anos, diz gostar de participar da ação porque as oficinas ocupam a sua cabeça e lhe dão paciência. "Eu aprendo, fugio. Não faço mais isso". Com a arteterapia, Roberta também fica mais tranquila. "Antes eu era



Roberta (de branco) participa da oficina de música: socialização, elevação da autoestima e inclusão de pessoas com deficiência.

muito nervosa, agora sou mais equilibrada, estou até namorando", alega-se. Recorda que quando era pequena teve várias convulsões e, até hoje, tem de tomar muitos remédios para evitá-las. "Eles me causam alguns sintomas ruins, fico tonta. O que faço aqui me ajuda nisso também".

Sua mãe, a assistente de figurino Fátima Aparecida Arruda, explica que Roberto nasceu com déficit intelectual, e que as atividades realizadas na Unesp são essenciais para o seu desenvolvimento. "Não adianta levá-la apenas para a escola ou para a Apae, porque ela precisa também de um local para se expressar", afirma.

Para o economista aposentado Florindo Katsuhisa Enoki, pai de Henrique, de 37 anos, o Artinclusiva é uma proposta diferenciada para o filho com paralisia cerebral.

"Ele está tendo a oportunidade de mostrar as coisas que gosta de fazer, como cantar. Adora música, é um cara incrível, tem uma memória extraordinária para letras de canções, nomes de autores, datas e anos de composição. E aqui ele consegue se expressar, sem que seja reprimido por alguém. Muito pelo contrário, é motivado a fazer isso", afirma.

Atendimento e formação — Outros méritos do projeto, segundo Enoki, são o fato de ele estar inserido na universidade e envolver a busca por uma metodologia para a inclusão. "A gente ouve muito falar em inclusão do deficiente, mas na verdade não existe um protocolo que leve a ela. O que a gente está vendo aqui na Unesp, e acho que é uma coisa pioneira, é

a procura por um caminho para a inclusão efetiva do deficiente. Porque o que se vê hoje em dia no mercado de trabalho, por exemplo, muitas vezes não passa de um rótulo", emociona-se.

A ação integra atendimento e formação. "Aqui a gente tem ensino, pesquisa, extensão, atendimento, inclusão e arte. Tudo junto", afirma a coordenadora, que o assumiu em 2010, ano em que as atividades, iniciadas em 2002 na Estação Especial da Lapa, foram transferidas para o câmpus da Unesp. Na ocasião, o projeto passou a funcionar vinculado ao curso de especialização em arteterapia, desenvolvendo na instituição.

CONTINUA NA PÁG. IV

Figura 32. Capa do Diário oficial com o ArtInclusiva. Instituto de Artes, 2012.

Durante as reuniões e supervisão, a discussão em relação ao alinhamento dos objetivos do projeto ArtInclusiva como um espaço para a promoção da qualidade de vida por meio da arte, caracterizando-se na interface arte – saúde, sempre existiu. O Coletivo ACATE, com o desejo de estabelecer-se como um espaço de inclusão social por meio da arte, objetivos distintos que coexistiram durante dois anos, sem que isso compromettesse o andamento das pesquisas e propostas. Após esse período de oficinas, o ArtInclusiva decide-se por alinhar-se totalmente às suas premissas constitutivas, e o Coletivo ACATE, também por considerar esgotadas as perguntas em relação àquele modelo inicial de projeto, considerando cumprida a sua participação e a maior parte de seus objetivos com todos os envolvidos, deixa gradualmente a coordenação das oficinas e do grupo de arte terapeutas para buscar novos desafios.

E após a realização de 75 oficinas, nos propomos a apresentar um modelo de acessibilidade que possa ser aplicado no Instituto de Artes, e este é o assunto do próximo capítulo a descoberta que fundamenta a arte terapia como poética híbrida e a pesquisa colaborativa como método de trabalho.

CAPÍTULO IV – ARTE TERAPIA UMA POÉTICA HÍBRIDA



Figura 33. Coletivo ACATE. Oficina Narrativas que o barro promove. Instituto de Artes, 2012.

Não pretendemos mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia. E, como sugerimos, talvez convenha ir mais longe, abstraindo todo sujeito para considerar que, de certo modo, **os mitos se pensam entre si.** (LÉVI-STRAUSS, 2004)

Após percorrer um caminho teórico e prático nos capítulos anteriores, agora vamos sintetizar o que aprendemos e que configurações tomamos a partir de nossas experiências. O Coletivo ACATE - um grupo de artistas – arte terapeutas – em busca de novos desafios se propõe a promover acessibilidade no Instituto de Artes da UNESP por meio de experiências artísticas fundamentadas em arte terapia como uma ação poética híbrida e colaborativa. O ACATE objetiva criar espaços de autonomia criativa e fomentar um campo de relações e ações poéticas, considerando ainda o conhecimento sensorial e perceptivo das linguagens do campo artístico somadas a uma escuta sensível dos afetos que se apresentam no processo do ser em ação. Assim descobri no hibridismo fundamentos para a prática da arte terapia que estamos propondo para grupos, como um campo colaborativo e transdisciplinar que vai dialogar com a arte, com a educação e com a psicologia, para promover uma experiência artística. “Hoje, a arte define-se apenas como um lugar de importação de métodos e conceitos, uma zona de hibridações.... a arte oferece um “direito de asilo” imediato a todas as práticas desviantes que não encontram lugar em seu leito natural. (BOURRIAUD, 2009,p. 143)

O termo híbrido na arte contemporânea começou a aparecer na literatura, na antropologia e nos estudos da cultura, para referir-se às operações poéticas caracterizadas por uma estética de misturas substituindo outros termos que vinham sendo utilizados como mestiçagem, contaminação, sincretismo para definir produções originadas na diversidade, trocas, compartilhamentos extrapolando os limites específicos de cada linguagem. O hibridismo como método na arte contemporânea diz respeito aos processos e procedimentos artísticos que se interpenetram, mesclam-se num momento fértil de criação mediante cruzamentos e encontros entre meios produtivos, sistemas e linguagens artísticas ou poéticas em coletividade formando algo novo. Esse método de criação e operação provoca articulações harmoniosas entre relações e sistemas intradisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares. Para Agnus Valente, artista e professor que me apresentou suas concepções sobre as poéticas híbridas, hibridismo é uma condição que está no indivíduo que opera várias coisas ao mesmo tempo. (VALENTE, 2008).

Toda pessoa tem uma complexa e híbrida identidade. E também complexos são os meios que determinam e produzem a singularidade com que nos vemos respectivamente, com a qual nos diferenciamos. a percepção é um exercício de confronto entre diferentes sistemas e sentidos. Essas tensões produzem a necessidade da criação de um campo poético, no qual a visão de mundo particular de cada um pode se tornar questionável. (AMARAL, 2008, P. 46).

O hibridismo busca ser transposto para outros campos além da arte. Assim, na arte terapia praticada pelo Coletivo ACATE, hibridam-se os campos da psicologia, da educação e da arte. Hibridam-se os meios produtivos artesanal com o digital para registrar o processo, a forma de fazer na cobertura e registro fotográfico das oficinas. Hibridam-se sistemas artísticos nos quais as linguagens artísticas e os suportes plásticos se interpenetram na construção de experiências e de narrativas. E hibridam-se poéticas predominantemente sob o signo da formatividade de Pareyson (2005), como forma de figurar e pensar poética e coletivamente para criação e colaboração artística, fundamenta de forma contundente a arte terapia como um processo e procedimento artístico contemporâneo.

4.1 Oficina narrativas que o Barro promove

Apresentaremos por meio de uma oficina para artistas da pós-graduação e ceramistas do grupo da UNATI - Universidade Aberta a Terceira Idade – IA-UNESP, no dia 21 de maio de 2013 no Laboratório de Cerâmica do IA-UNESP, um modelo para um programa de acessibilidade no Instituto de Artes da UNESP, unificando os seus vários públicos, estudantes, colaboradores, docentes, comunidade e promovendo ainda mais a abertura da Instituição para a sociedade. Como efeito de nossas pesquisas empíricas descritas e problematizadas no Capítulo III, nessa ação poética hibridam-se os campos da psicologia, da educação e da arte.

A proposição objetiva estimular a criatividade e a imaginação, considerando uma relação dialética com o suporte argila por meio do método de *ficar com as imagens* da psicologia Arquetípica, considerando que toda ação em arte terapia orienta-se por um olhar psicológico, e para esta pesquisadora as ideias que fazem sentido são as premissas de Jung e do pós-junguiano James Hillman, descritas no Capítulo II.

A oficina teve como objetivos: exercitar o potencial criativo individual e em grupos; incentivar a interação com o grupo de artistas e da terceira idade; transmitir conhecimento

sobre algumas técnicas de cerâmica e produzir peças para a exposição Meios de Produção e Práticas Híbridas, ainda sem data definida para sua realização.

A oficina segue um formato estruturado em: aquecimento, seguido de atividade individual sobre uma forma que se apresenta ou um tema, apresentação ou personificação da forma e discussão reflexiva; intervalo; trabalho em grupo, discussão reflexiva e encerramento. Um coordenador faz a proposta, dois co-terapeutas auxiliam o terapeuta a executar a tarefa e um fotógrafo registra momentos marcantes. (LIEBMANN, 2000)

Para alcançar os nossos objetivos utilizamos como método uma oficina com o suporte argila, intitulada *Narrativas que o barro promove*. Esta proposição é resultado do processo criativo construído ao longo de todos esses anos de pesquisa dentro e fora do Instituto de Artes da UNESP e foi desenvolvida para contemplar o que considero ideal para atrair e proporcionar uma experiência artística agradável, despertar o interesse para a arte terapia como ferramenta eficaz em programas de acessibilidade no Instituto de Artes da UNESP, ou em outros equipamentos, já que as experiências artísticas não têm contraindicações. Entendendo por acessibilidade todo processo que venha a facilitar o acesso à arte, a fruição artística, a vida social e cultural das pessoas sem distinção ou separações entre seres humanos.

IA-UNESP- maio/2013. Roteiro (APENDICE dois)

Instruções sobre o que é a arte terapia que eu pratico com grupos: campo disciplinar que dialoga com a arte, a educação artística e a psicologia arquetípica.



Figura 34. Aquecimento para oficina de argila, *Narrativas que o barro promove*. Instituto de Artes, 2013.

O suporte argila.



Figura 35. Preparo dos materiais e Técnica de como preservar os materiais / plásticos



Figura 36. Apresentação dos Instrumentos para modelagem em argila

4.2 A argila com objetivos poéticos

O suporte plástico argila traz consigo um caráter epistemológico ligado à ancestralidade das relações humanas em épocas onde não havia produção industrial, tecnológica ou digital. Esse caráter mítico se evidencia como parte da comunicação e da sugestão da linguagem desse meio de produção artesanal.

O suporte plástico argila/cerâmica tem muito material publicado sobre suas propriedades arte terapêuticas e também por isso foi escolhido para esta atividade. Álvaro de Pinheiro Gouvêa, analista Junguiano, trabalhou com Nise da Silveira, pioneira em utilizar o método de Jung no Brasil, e publicou dois livros sobre a utilização do barro como recurso psicoterapêutico. Para o autor, no barro o homem cria e é criado, vivenciando a si como criatura e criador, a sua imagem e semelhança, quando pelo calor de suas mãos faz da argila a confidente de imagens numa espécie de participação mística dialeticamente entre a matéria e o ser, que irá promover algo novo, uma imagem concreta da emoção. Imagem e matéria objetivadas designam o que ele chama de Objeto Material, no qual os estados afetivos surgem e se apresentam na matéria simbólica e linguisticamente por meio da arte, promovendo algo novo no nível da realidade objetiva. Ao dar livre curso às imagens internas, o ser humano, ao mesmo tempo em que as modela, transforma a si mesmo e ao mundo. Ele considera o suporte como ideal.

“No trato com o barro percebemos que somos inseridos no Opus (obra alquímica ou experimento). Algo de religioso nos invade e a energia criadora desprende-se da função religiosa de nossa psique e reveste o setting analítico, o trabalho com algo de sagrado que reverterá em solidariedade, coragem, esperança, ou seja, todas as virtudes indispensáveis à individuação”. (GOUVÊA, 1989. P. 83)

Para a arte terapeuta Regina Chiesa, o contato com o barro desperta a sensibilidade, alivia as tensões e satisfaz os mais profundos e primitivos instintos humanos da natureza criativa.

Modelar a emoção põe a energia em movimento, traz a relação, o diálogo e o encontro com a natureza mais profunda, com o criativo. (CHIESA, 2004, p. 105)

É uma experiência que proporciona uma noção de forma, de volume, de vazio, de espaço (interno/externo) e de plenitude. Uma sensação de criação inteira materializa-se e se comunica. (CHIESA, 2004, p. 51)

Segundo a autora, a experiência tátil com o barro vai direto ao encontro das sensações muito mais que na pintura e desencadeia rapidamente conteúdos emocionais que podem estar na superfície da consciência e que são sentidos pelo corpo e por meio do contato do barro com as mãos ganham expressividade e oportunidade de diálogo.

Primeiras Instruções Momento Individual



Figura 37. Momento reflexivo e revelador de formatividade. Narrativas que o barro promove. Instituto de Artes, 2012.

Personificar



Figura 38. Reflexões sobre o método dialético de criação. Narrativas que o barro promove. Instituto de Artes, 2013.

Materiais



Figura 39. A organização e a preparação prévias dos materiais são um convite à atividade. Narrativas que o barro promove. Instituto de Artes, 2013.

Arte colaborativa: Grupo Placa Argila Branca



Figura 40. Mito do elefante homofílico. Grupo placa argila branca.

Processo do Grupo Placa Argila terracota



Figura 41. Pérolas e Porcos. Grupo placa argila terracota.

Processo do Grupo Placa Argila Tabaco



Figura 42. Um menino estava numa ilha pensando. Grupo placa de argila tabaco.

Depoimentos e Finalização



Figura 43. Fechamento: a palavra criatividade no corpo. Narrativa que o barro promove. Instituto de Artes, UNESP, maio, 2013.

A avaliação final dos participantes permite concluir que os resultados foram alcançados e me surpreenderam, porque foi a primeira vez que tive vinte e três pessoas reunidas numa única oficina. Para dar conta dessa demanda foi preciso convocar mais dois terapeutas e uma pessoa na cobertura fotográfica e dividir os participantes em três mini grupos. Segundo os participantes, conduzir o processo e o grupo com segurança, empatia e clareza, aliados a um cuidado no preparo dos materiais e da sala foi essencial para a recepção e o desenvolvimento da atividade. As palavras que melhor descreveram a experiência foram: criatividade e lúdico com maior ênfase, universo, integração, sensação, compartilhamento, tátil, tridimensional, valeu, união, prazeroso, textura, afeto, descoberta, interação, gratidão, conhecimento, colaboração, ótimo, sonho, barro, registro e poesia.

Considerando os resultados apresentados, a arte terapia que produzimos, caracteriza-se como uma ação poética híbrida. Como inspiração assumiremos nossa vocação para o híbrido. O que acabamos de descrever como modelo de acessibilidade para o IA-Instituto de Artes deve ser um ofício, uma obra ou uma opus feita a muitas mãos. Diz respeito ao que descobrimos na pesquisa e na experiência, o hibridismo como método que acolhe a abordagem que estamos propondo para a arte terapia, um hibridismo dos campos da psicologia, da educação e da arte. Um campo para experiências artísticas contemporâneas, que podem atingir objetivos sociais, construindo espaços de convivência; objetivos institucionais produzindo pesquisas, articulação acadêmica na construção de projetos, criando um campo privilegiado para o ensino e a aprendizagem e ainda colaborando para a abertura da Instituição para a sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação propôs desenvolver reflexões sobre o campo da arte terapia no Brasil. No primeiro capítulo apresentamos um histórico dessa abordagem e suas contribuições desde a década de 1920, quando o psiquiatra Osório César, no Hospital Juqueri em São Paulo, de forma pioneira, toma a iniciativa de promover inclusão social de pessoas com sofrimento psíquico por meio do fazer arte, convidando artistas para ministrar oficinas de pintura e escultura para internos. A pesquisa bibliográfica e de campo que se fizeram necessárias para escrever essa reflexão, permitem afirmar que a arte terapia é praticada hoje em todo território nacional, sob diferentes propostas e experiências. É exercida principalmente por psicoterapeutas, artistas, arte educadores, por profissionais da área da saúde ou em grupos multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

Observa-se nesse campo, que combina elementos da arte e da psicologia, que não existe uma abordagem norteadora, e sim vários caminhos de atuação, diferenciados principalmente pela escolha da escola de pensamento em psicologia e objetivos da intervenção, com finalidade educativa ou terapêutica em sua grande maioria.

Em todos os estudos publicados nota-se a importante contribuição desse campo, transdisciplinar e prático em essência, para a transformação e desenvolvimento humano e o aumento do conhecimento de si e da realidade em que estamos inseridos através do exercício da criatividade e do refletir sobre as imagens plasmadas durante a atividade. Transformações que são acionadas pelo, que passa a ser o protagonista de expressividades e não apenas um objeto a ser observado, incentivando a participação ativa diante de quaisquer questionamentos. Assim se promovem a comunicação e o resgate da cidadania, do acesso à vida social e cultural.

A questão norteadora, que se colocava de modo a investigar a possibilidade de uma abordagem em arte terapia que tivesse finalidade artística com objetivos terapêuticos, foi confirmada por meio das experiências descritas nos capítulos III e IV, nos quais a metodologia para alcançar os objetivos propostos privilegiou a experiência artística e um espaço de convivência e harmonia por meio da qualidade de afeto com que os usuários foram acolhidos. A iniciativa do coletivo ACATE de promover inclusão fundamentada em arte terapia e no método transdisciplinar para criação e execução do trabalho, foi avaliada

positivamente pela população atendida, que ao encontrar um espaço privilegiado para expressão e a vivência artística sentiu-se estimulada a participar e a buscar mais conhecimento dos suportes artísticos. Um trabalho que exige uma escuta, um olhar e uma presença ética, técnica e amorosa para os participantes e para o que se faz representar nas diferentes materialidades poéticas, visuais, táteis ou corporais. Características só adquiridas com muito cuidado no preparo e na dedicação aos momentos de reflexão crítica da equipe de trabalho sobre o andamento das propostas, dificuldades, desafios, descobertas, erros e acertos, revendo objetivos e atribuições das ofertas. Construindo junto.

A atitude e o pensamento transdisciplinar e colaborativo como método em arte terapia revelaram-se muito positivas e eficientes. Tal metodologia implica integrar diferentes especialidades e saberes em sua operação. Durante o preparo para o ofício da arte terapia, incluem-se as descobertas e encontros de outras experiências profissionais, em ressonância principalmente com os campos da sociologia da arte, psicologia social, sociolinguística, economia, antropologia, dentre outros que possam contribuir para adequação das ofertas. O conhecimento fragmentado em especialidades agora é convidado a aglutinar, harmonizar e promover um espaço compartilhado de ideias e vivências. Um espaço de trocas e não de barreiras com o inesperado e desconhecido.

Verificou-se ainda que não existem pontos negativos na utilização do método de trabalho transdisciplinar e colaborativo em arte terapia para promover uma experiência artística, mas existem ameaças, sempre que um campo colocar-se como superior e detentor de poder. Por outro lado, as oportunidades de crescimento que os embates geram desconstroem e ampliam o repertório de respostas e ações diante das questões e conflitos, criando abertura para renovar experiências.

Ao apresentar o projeto desenvolvido com o ArtInclusiva, conclui-se que objetivos terapêuticos, educativos e artísticos podem acontecer simultaneamente quando se tem um grupo de especialistas fundamentados nos conceitos e métodos transdisciplinares, em que ocorre uma integração de conhecimentos com respeito e abertura entre as especialidades para a construção de novas ideias e práticas sem que nenhum campo tenha prioridade sobre o outro. São demandas que se alternam diante da experiência artística e da vida.

Partindo dos exemplos apresentados neste trabalho acredita-se que se associar a profissionais experientes e instituições qualificadas como O Instituto de Artes da UNESP fortalece a parceria, pela imagem de credibilidade que as pesquisas universitárias carregam,

permitindo o desenvolvimento de trabalhos que atendem à demanda da população atendida, da formação em educação inclusiva e no exercício da responsabilidade social. A proposta do Artinclusiva de promover inclusão social por meio de experiências artísticas fundamentadas em arte terapia diminuiu as barreiras entre as patologias, ao acolher as pessoas e não segregá-las em grupo por seus diagnósticos, alinhando-se as ideias preconizadas na Reforma Psiquiátrica que tem por objetivo mover o foco dos paradigmas da medicina de cura e tratamento para o acompanhamento e a facilitação do acesso aos bens culturais e ao convívio social.

Para ampliar o repertório de reflexões e questionamentos sobre a atuação em arte terapia e o que é a arte terapia na prática hoje no Brasil, revelou-se importante pensar nos papéis dos arte terapeutas e suas contribuições para uma iniciativa avaliada positivamente entre todos os atores envolvidos, usuários, instituição e colaboradores. Que desdobramentos foram e são possíveis por meio da aproximação e integração de saberes desses personagens.

Quando nos unimos no Coletivo ACATE para trabalhar com inclusão social por meio de oficinas artísticas, fundamentadas em arte terapia e tendo como método a transdisciplinaridade, meus colegas de trabalho, artistas e arte educadores, que ainda não tinham tido nenhuma experiência do uso dos suportes artísticos associados a um olhar psicológico, me perguntaram como deveriam fazer isso, já que eu era a única psicóloga do grupo. Não hesitei em sugerir: nós vamos fazer arte. Para olhar para outro ser humano e aceitar seu jeito de estar no mundo, nos inspiramos na célebre premissa de Jung: “Domine todas as técnicas, saiba todas as teorias, mas quando estiver na frente de uma alma, seja apenas outra alma”. Como nem todos estão familiarizados com o linguajar junguiano, eu tomei a licença poética de fazer uma modificação nessa indicação, e toda vez que um colaborador novo chegava para compor conosco a equipe de arte terapeutas das oficinas e me perguntava como deveria se comportar com a população atendida e nas oficinas, eu dizia, seja você e “quando estiver na frente de um ser humano, seja apenas outro ser humano”.

Assim tivemos a oportunidade de implantar nossas ideias iniciais convertendo-as em um importante, consistente e bem avaliado trabalho, tanto para quem frequenta a oficina, como para estudantes, professores e comunidade acadêmica. A iniciativa se revelou para além de terapêutica e inclusiva para a população atendida como um espaço diferenciado de

produção de conhecimento, pesquisa, reflexão e formação profissional para alunos dos cursos de graduação em Artes e da especialização em Arte Terapia / Terapias Expressivas.



Figura 44. Arte terapeutas do ACATE em ação no Instituto de Artes-UNESP, São Paulo, 2012.

Alguns atributos da equipe de terapeutas foram fundamentais para alcançar os objetivos propostos e os resultados positivos: a) respeito ao ser humano; b) respeito ao saber e conhecimento individual dos componentes do trabalho; c) desejo de realizar, querer fazer algo com os conteúdos apresentados durante a especialização; d) clima de confiança por meio de um espaço para reflexões críticas construtivas onde as contradições são bem-vindas e geradoras de movimento; e) aceitar misturar-se, ter um chamado para o hibridismo em arte.

Simultaneamente, a equipe de trabalho do Coletivo Acate percebeu que não havia diferenças entre as transformações que estavam acontecendo com os participantes e com os colaboradores, que também puderam imaginar e criar, pesquisar e se reinventar exercendo o ofício de arte terapeuta com atitude ética e amorosa e colaborando para a construção de um modelo de inclusão e acessibilidade e do acesso à arte via oficinas artísticas fundamentadas em arte terapia.

Para o olhar psicológico, esta pesquisa se orienta pelas concepções junguianas de James Hillman, o que implica seguir a alma, a vida ou o que nos anima. Hillman propõe o cultivo da alma. Como? Fazendo alma por meio das imagens psíquicas, que se apresentam de forma

abstrata ou concreta, aglutinando fantasias e ideias em relação à vida subjetiva ou à realidade social. Entendendo imagem como tudo o que nos afeta intuitivamente. Um modo de ver e de estar no mundo. Uma perspectiva metafórica e poética que atribui valor e importância às imagens, aglutinando sentidos para depois dissolvê-los. É na ação que se estabelece a possibilidade de cultivar a alma, sendo fiel ao que Jung propôs como realidade psíquica: um acontecimento, algo que se dá, e que está acontecendo agora. Uma operação dialética, que dá importância e valor ao evento, transformando-o em experiências, abrindo questões, buscando as narrativas, o contexto, o humor e o estilo de consciência arquetípico, que se repete por trás das ideias. Um campo imaginal, no reino da ficção e da imaginação para despotencializar afetos, organizar e configurar um ambiente interno de segurança e confiança diante da realidade em que se está inserido e as fantasias que criamos diante de tudo.

Do ponto de vista dos processos e procedimentos artísticos, a arte terapia pode se caracterizar como uma poética híbrida na qual se misturam e se imbricam os suportes artísticos, os meios de produção e as poéticas para a concepção de uma obra colaborativa. E a luz do hibridismo, hibridam-se campos disciplinares. Pode-se afirmar que apresenta-se como uma alternativa para preencher a lacuna de uma concepção teórica que fundamente a prática arte terapêutica.

Na contemporaneidade, esses questionamentos se atualizam por meio de retrospectivas em grandes e tradicionais espaços de arte, como por exemplo, o conceito curatorial da última edição da Bienal de Veneza em 2013, que buscou examinar a representação do invisível retratada por cosmologias pessoais de artistas que estão fora do mercado de arte e artistas contemporâneos consagrados. Também na Bienal de São Paulo em 2014, que privilegia a arte social para produção de conhecimento, com a exposição – proposição Como ____ (nomear) coisas que não existem. Já no título revela-se um espaço para ser completado com a participação, percepção e imaginação de quem visita ou colabora com a mostra. A arte contemporânea é uma arte que se relaciona dinamicamente com a vida e as questões humanas.

Como descrevi no Capítulo II, a ideia de sujeito inconsciente e complexo que já me habitava e orientava as minhas proposições e intervenções encontrou fundamentos operacionais para abordagem e construção de conhecimento por meio da epistemologia da complexidade iniciada por Morin. A concepção de visão de sujeito inconsciente e complexo de Jung e de sociedade complexa de Morin se interpenetram. Para Jung, o inconsciente é

natureza, cria, transforma, se apresenta à consciência por imagens e símbolos que representam algo desconhecido, que não é fixo nem determinável, e que excede as palavras e assim, elabora um método teórico-empírico para se aproximar da psique em ação. A unidade é complexa, e nada existe psicologicamente se não for em relação. Uma forma ou imagem nunca tem um único sentido, representa um estado de coisas em relação a outros elementos da psique. Nesse sentido se aproximar para conhecer um objeto é uma forma de descobrir, investigar curiosa e abertamente o que se apresenta em relação e nas relações humanas.

Hillman também critica todas as concepções teóricas que colocam a unidade como verdade absoluta ou processo controle. A luz desses teóricos estabelece-se uma escuta analítica que vai buscar os mitos dentro dos fatos, os padrões arquetípicos que se constelam em qualquer fato ou evento. Quais ideias e fantasias que aglutinam e estruturam modos de operar, pensar, intuir e se emocionar. Uma postura investigativa diante de qualquer tema ou formatividade, para que a realidade psíquica se apresente, tenha um lugar livre para se representar e revele o conhecimento cósmico que as imagens carregam. Hillman, como Morin, reconhece o Kosmos como raiz operativa de organização, ordem, harmonia, beleza e fonte inteligível das imagens que acessamos, portanto imagem é conhecimento. Ir através das imagens, junto da psique em ação, permitindo se inserir em sua poética e ficções. A escuta analítica é a contribuição principal da psicologia arquetípica para as abordagens transdisciplinares.

As referências apresentadas neste trabalho são importantes para a reflexão sobre o campo de pesquisa em arte terapia, principalmente no que diz respeito à oferta de experiências artísticas híbridas, ao método transdisciplinar e colaborativo para fundamentar as operações de criação e execução das ofertas e a promoção de inclusão social ou acessibilidade por meio da arte terapia, pois a maioria dos trabalhos encontram-se pautados por ideias de separação entre grupos de patologias, contribuindo para a permanência de estigmas relacionados a essa população, que tem apenas necessidades de adaptação e acesso. O potencial criativo só precisa de estímulo e acolhimento para apresentar-se. Novas pesquisas podem aprofundar as questões e conhecimentos sobre esse tipo de abordagem, que se coloca como uma prática sensível e poética que vem atender às demandas de nosso tempo complexo, diverso e plural. E novas pesquisas também podem aprofundar a questão da epistemologia que está sendo construída pelo grupo de trabalho.

Considerando os resultados apresentados, a arte terapia que produzimos caracteriza-se como uma ação poética híbrida. Como inspiração assumiremos nossa vocação para o híbrido. O que acabamos de descrever como modelo de acessibilidade para o IA-Instituto de Artes deve ser um ofício, uma obra ou uma opus feita a muitas mãos. Diz respeito ao que descobrimos na pesquisa e na experiência, o hibridismo como método que acolhe a abordagem que estamos propondo para a arte terapia, um hibridismo dos campos da psicologia, da educação e da arte. Um campo para experiências artísticas contemporâneas, que podem atingir objetivos sociais, construindo espaços de convivência; objetivos institucionais produzindo pesquisas, articulação acadêmica na construção de projetos, criando um campo privilegiado para o ensino e a aprendizagem e ainda colaborando para a abertura da Instituição para a sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. IN: Educação na Cultura Visual: Narrativas de ensino e pesquisa/ Raimundo Martins e Irene Tourinho (orgs.) Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.
- AMARAL, Lilian. Interterritorialidades – Passagens, Cartografias E Imaginários: ANAIS. Cachoeira – BA. ANPAP, 2010.
- _____. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. IN: Interterritorialidade mídias, contextos e educação. Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral (orgs). São Paulo: Editora Senac: Edições SESC SP, 2008.
- ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias Expressivas. São Paulo: Vetor, 2000.
- BAITELLO JUNIOR, N. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1999.
- _____. A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura – São Paulo: Hacker Editores, 2005
- _____. O pensamento sentado sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins, 2009.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Arte-Ciência, religação indispensável para a educação no século XXI. IN: Interterritorialidade mídias, contextos e educação. Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral (orgs). São Paulo: Editora Senac: Edições SESC SP, 2008.
- CARVALHO, Maria Margarida (coordenadora). A Arte Cura? Recursos Artísticos em Psicoterapia. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.
- CHIESA, Regina F. O diálogo com o barro: o encontro com o criativo. Coleção Arteterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CLARK, Lygia. Arte brasileira contemporânea Lygia Clark. Rio de Janeiro. Funarte, 1980
- _____. CLARK, Lygia. Uma retrospectiva. São Paulo. Folder da Exposição no Itaú Cultural, 01/09/2012 à 11/11/2012.
- CHRISTO, Edna Chagas; SILVA, Graça Maria Dias Da. Criatividade em arteterapia: pintando & desenhando, recortando, colando & dobrando. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski. IN: Arte-educação: experiências, questões e possibilidades. CHRISTOV, Luiza Helena da Silva e MATTOS, Simone Ap. Ribeiro de (org.). São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006.
- CIORNAI, Selma. Supervisão em arteterapia: um diálogo entre Myrian Bove Fernandes, Selma Ciornai e Vera Maria Rosseti Ferretti. IN: Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. Selma Ciornai (org.) São Paulo: Summus, 2004.
- COSTA, ROBSON Xavier da (Org). Arteterapia & Educação inclusiva. Diálogo Multidisciplinar. Rio de Janeiro, WAK, 2010.
- COUTINHO, Rejane Galvão. Qual o lugar da arte na educação. IN: Arte-educação: experiências, questões e possibilidades. CHRISTOV, Luiza Helena da Silva e MATTOS, Simone Ap. Ribeiro de (org.). São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006.
- DALGLISH, Lalada. Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha, São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997. 2.a Ed. 2001.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRIST, Michèle. O Delineamento de pesquisa Qualitativa in: POUPART, Jean ET all. A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DEWEY, John. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERRAZ, M.H.C.de T. arte e loucura: limites do imprevisível. São Paulo: Lemos Editorial, 1998 a.
- _____. Redescobrimdo a Arte do Juquery. IN: Catálogo do Juquery, 1998b.
- _____. Arte e Loucura Limites do imprevisível. IN: Catálogo Mostra dos pacientes do Hospital Juqueri MAC/USP.
- FOUCALT, M. História da loucura: na Idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2010. 9. ed.
- GAILLARD, C. Jung e a arte. In Pro-posições / Unicamp. Faculdade de educação. – Campinas, SP, v. 21, n2 (62), maio/ago. 2010.
- GOMBRICH, E. H. História da Arte. Rio de Janeiro: LTC Editora 1993 15. ed.
- GOMES, Ana Célia Soares; Atuação do arte terapeuta em organização não governamental, IX CONGRESSO Brasileiro de Arte terapia, SP, 2010
- GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. Sol da Terra: O Uso do Barro em Psicoterapia. São Paulo: Summus, 1989.

HILLMAN, James. *Psicologia Arquetípica*, São Paulo, Editora Cultrix: 1983.

_____. *An inquiry into image*. Connecticut: Spring, 1977.

_____. *Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung, e Adler*. Campinas: Venus, 2010.

_____. *Re-vendo a psicologia*. Petrópolis-Rj: Vozes, 2010.

HOERNI, Ulrich. Prefácio. IN: *o LIVRO VERMELHO Liber Novus*. Edição sem ilustrações. Edição e introdução de Sonu Shamdasani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HORTA, Bernardo Carneiro. *Nise Arqueóloga dos Mares*. Rio de Janeiro : E + a edições do autor. 2008.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984 (vol. 8).

_____. *Os objetivos da psicoterapia*. In: *A prática da psicoterapia*. 10. ed.; Rio de Janeiro: Vozes, 2007 (vol. 16/1).

_____. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 7.a ed 2012.

_____. *O livro vermelho: Liber Novus*. Editado por Sonu Shamdasani. 1a reimpressão; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética*. In: *O espírito na arte e na ciência*. 7. Ed.; Petrópolis, Vozes, 2012.

_____. *Símbolos da Transformação*, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 9.a ed. 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LIEBMANN Maria. *Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios*. São Paulo: Summus, 2000.

OLIVEIRA, Santina Rodrigues de. *A materialidade e a elaboração simbólica do corpo*. IN: *Arteterapia de Corpo & Alma*. Irene Arcuri (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. – (Coleção arteterapia)

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAIN, Sara. *Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito* / Sara Pain e Gladys Jarreau; trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Arte médicas, 1996.

PHILIPPINI, Angela. *Para entender arte terapia: cartografias da coragem*. Rio de Janeiro: Wak, 2004. 3.a edição.

_____. *Arteterapia e outras terapias expressivas no novo paradigma de atenção em saúde mental*. IN: *Arteterapia e outras terapias expressivas no novo paradigma de atenção em saúde mental*. Ana Cláudia Afonso Valladares (org.) São Paulo: Vetor, 2004.

REILY, Lucia. Marcas e memórias: Almir Mavignier e o ateliê de pintura de Engenho de Dentro. Lucia Reily, José Otávio Pompeu e Silva e colaboradores. Campinas, SP: Komedi, 2012.

SALOMON, Dêlcio Vieira. Como fazer uma monografia. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SILVEIRA, Nise Da. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Tipo Editor, 1981.

SHAMDASANI, Sonu. Introdução. IN: O LIVRO VERMELHO Liber Novus. Edição sem ilustrações. Edição e introdução de Sonu Shamdasani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VALENTE, AGNUS. Uma abordagem transdisciplinar: Análise e Exercícios de Materiais Expressivos. São Paulo: Apostila do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Arte Terapia, 2010.

WEIL, Pierre. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento? Pierre Weil, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema. São Paulo: Summus, 1993.

WERNECK, Cláudia. Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. Sociedade Inclusiva. Quem cabe no seu TODOS? Rio de Janeiro: WVA, 1999.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. CAMPINAS: Autores associados, 1998.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E TESES:

AVERSA, Paula Carpinetti. Vibrações: a Arte/Educação nas práticas e nos discursos em saúde mental- Instituto de Artes-UNESP/2012.

OLIVEIRA, Santana Rodrigues De. Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa: narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica. São Paulo, Instituto de psicologia-USP-2006.

VALENTE, Agnus. Útero cosmos – hibridações de meios, sistemas e poéticas de um Sky – art interativo. Escola de comunicação e Artes-USP/ 2008.

REFERÊNCIAS SITOGRAFICAS

GIONE, Massimiliano. Palazzo Enciclopedico. Bienal de Veneza, 2013. Folder oficial da Mostra. II Palazzo Enciclopedico. Biennale Arte 2013. 1.6-24.11.

_____. Entrevista para a folha de São Paulo. Bienal-de-Veneza-se-inspira-em-projeto-que-criaria-palacio-com-grandes-descobertas.shtml. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1287497-Acesso> 12 de maio de 2013.

Fotografia 1 – Jung: The red book. Divulgação do site oficial da 55ª Bienal de Veneza, disponível em www.labiennale.org/en/mediacenter/photo/55-f1.html. Jung 815x543.jpg. Acesso em 12/09/2013.

SALVADOR, Ajax Perez; Ong Kairos, 29/09/2006, disponível em <http://sentidos.uol.com.br/canais/matéria.asp?codpag> acesso em 07 set 2011.

UBAAT- União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT). www.ubaat.com.br

7 APÊNDICE

PROJETO ACATE

**Atelier Compartilhado de Arte e Terapias
Expressivas
Projeto Imagens & Histórias
Autobiografias e Terapias Expressivas na
construção de sentidos.**

São Paulo

2010

Curso de Arteterapia - Terapias Expressivas (Lato Sensu)
Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista-SP.
Coordenação: Prof^a Dra. Lalada Dalgligh

INTRODUÇÃO

A arte, como quer que seja entendida, tem uma função extremamente importante e essencial para o desenvolvimento humano, podendo fazer a integração de elementos conflitantes: impulso-controle, amor-acolhimento versus ódio-agressividade, sentimento-pensamento, fantasia-realidade, consciente-inconsciente, verbal, pré-verbal e não verbal. A função das artes tem sido explicada dentro de diversas teorias e todas elas reconhecem nela uma qualidade integrativa inerente, um poder de unir forças opostas dentro da personalidade da personalidade. Favorecer a reconciliação das necessidades do indivíduo com as demandas do mundo exterior...

(ANDRADE 2000, p34)

Por concordar com epígrafe acima e reconhecer a arte como mediadora para resolver questões, fomos motivados a criar o presente projeto para a implantação de um atelier. Um espaço que terá por finalidade propiciar a liberdade expressiva, criando um clima terapêutico de aceitação, de tolerância, de abertura às iniciativas e de opções para que o participante possa se expressar.

Surge então o grupo LACARTE- Laboratório Compartilhado de Arte e Terapias Expressivas – que é composto de pessoas formadas em diferentes especialidades: Arte; Artes Cênicas; Pedagogia e Psicologia, Pós-Graduandos em Arte-Terapia pela UNESP – e que através das diferentes linguagens, artísticas e textuais (livro, escultura, pintura, biografia, poesia, texto), buscam pesquisar a História de indivíduos Portadores de Necessidades Especiais, oferecendo a oportunidade de experimentar a arte como forma de expressão para trabalhar questões emocionais, resolução de conflitos, melhoria da auto-imagem, reestruturação emocional, minimização de traumas, treino de habilidades sociais e desenvolvimento de competências pessoais, entre outras questões que serão levantadas no processo de inscrição para participação no projeto.

O grupo LACARTE busca possibilitar alternativas para que os participantes entendam-se como sujeitos, reconheçam o seu lugar e o seu direito de existir, construam suas histórias de vida, através das diferentes Técnicas Expressivas, revelando-nos seus sonhos, suas dúvidas, seus medos, seus momentos de felicidade, sua visão de mundo, seu potencial criativo.

Por ser um momento lúdico e também cognitivo, um espaço onde não há cobrança ou julgamentos, a vivência em arte-terapia é transformadora. Utiliza-se da expressão simbólica, de forma espontânea, sem se preocupar com o estético, procura refletir sobre o ato do fazer e do experienciar, e com isso, amplia o conhecimento de si e do outro, aumenta a auto-estima, promove a auto-expressão, diminui a insegurança e a ansiedade, comunica conflitos, desenvolve a imaginação, a criatividade, o senso crítico, a flexibilidade, autonomia e melhora o relacionamento nos grupos sociais.

OBJETIVO

- Utilizar a arte como instrumento de inclusão social;
- Estimular à vivência cultural e vivenciar o fazer artístico por meio de oficinas de criatividade;
- Facilitar a fruição artística;
- Desenvolver metodologias e ferramentas para o atendimento de pessoas com necessidades especiais físicas ou mentais;
- Capacitar mediadores para o atendimento a pessoas com necessidades especiais;
- Promover ação cultural como produto final das oficinas. Exposição dos trabalhos de elaboração de histórias autobiográficas;

JUSTIFICATIVA

Este projeto visa registrar e divulgar o ponto de vista dos excluídos sobre o acesso a vida em sociedade e seus bens sociais e culturais, por meio de Oficinas de Terapias Expressivas realizadas por uma equipe de técnicos de diferentes áreas com o objetivo de resgatar as histórias autobiográficas dos participantes, divulgar suas visões de mundo e avaliar as políticas e a legislação pertinente a Inclusão Social, erros e acertos.

A necessidade de se construir uma vida social mais democrática e inclusiva, onde todos tenham acesso à vida social e cultural é um desafio atual que mobiliza formadores de opinião, cidadãos e empresas atuantes e implicados num modelo mais justo de sociedade.

Existem dois conceitos para justificar a importância deste projeto para a sociedade, uma é o princípio de Inclusão Social, o conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos bens culturais e benefícios da vida em sociedade e o outro o princípio da responsabilidade social, o conjunto de direitos e deveres como cidadãos no que diz respeito à qualidade de vida do nosso semelhante.

Incluir é oferecer oportunidade de acesso a bens e serviços, abrir espaço conforme necessidade de adaptação específica para cada pessoa com necessidades especiais para serem capazes de interagir naturalmente na sociedade, passando a serem vistos por seu potencial, habilidade, inteligência e aptidões. (WERNECK, 2000).

Existem ainda os princípios jurídicos internacionais que norteiam as ações de Inclusão Social, como a Convenção sobre os Direitos das pessoas com Deficiência (ONU 1990- Resolução 45/91); A Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra pessoas com Deficiência (OEA); e a Constituição Brasileira de 1988, um marco importante da afirmação dos direitos sociais e participação nas políticas públicas.

Para Ana Célia Soares Gomes, arte-terapeuta e sócia fundadora da ONG Ritmos do Coração, comprometida com a qualidade de vida e cidadania social de pessoas com deficiência, tecnicamente uma pessoa com deficiência apresenta perda ou anormalidade permanente de uma estrutura ou função psicológica, fisiológico ou anatômico que impede o desempenho de atividades consideradas normais para o ser humano durante o processo de desenvolvimento e atuação no mundo.

A autora observa que o potencial criativo é um valor inerente à pessoa, independente de sua condição física, intelectual ou sensorial, e que o uso das diferentes linguagens artísticas libera criatividade, e associadas a intervenções terapêuticas promovem bem estar e inclusão social, na medida em que melhora a qualidade de vida dos participantes seja pela função pedagógico-terapêutica do processo, potencializando novas aquisições aos bens culturais e também nas relações sócio-afetivo-culturais, ampliando o respeito à diversidade.

A sociedade contemporânea gera no Homem a angústia. São vários os papéis a desempenhar: de pai, mãe, filho, filha, estudante, esposo, esposa, amigo, empregado,

chefe, etc. As horas dos dias são insuficientes para tantos papéis a serem cumpridos. São tantas as demandas diárias a serem respondidas e correspondidas, que não há espaço e tempo para ter contato consigo mesmo, para “prover a alma de sua necessidade de libertação” (ACURI 2006 p.22). Ele se fragmenta para tentar dar respostas e cumprir demandas.

A arte-terapia surge para auxiliar este Homem, que se afastou do seu eu, a se reconectar com suas verdadeiras “necessidades físicas, emocionais, mentais e espirituais, segundo suas preferências e predisposições individuais...” (ACURI 2006 p.30) promovendo o processo de auto-realização.

Por ser uma área relativamente nova, arte-terapia não possui um escopo de conhecimento básico exclusivamente seu, usa da interlocução entre as várias áreas do conhecimento, atuando de forma transdisciplinar. Utiliza a parceria e a mediação de várias áreas, tais como: antropologia, arte, psicologia, sociologia, filosofia, etc. para a construção de novos saberes. Diante desta perspectiva transdisciplinar, é necessário um constante diálogo e uma constante escuta do que se passa nas outras áreas de conhecimento, mesmo quando há posições divergentes. Em arte-terapia conhecimentos divergentes não são necessariamente excludentes.

A finalidade da arte-terapia é propiciar ao Homem ampliação dos seus sentidos e que este transcenda o limite à sua percepção consciente. Os recursos artísticos são ferramentas utilizadas em contexto terapêutico que “age a serviço das leis da necessidade interior do Homem e facilita o entrar em contato com o poder criador de cada um, permitindo transpor para o exterior o que ocorre- via de regra, de maneira caótica - no interior...” (ACURI 2006 p.21) Ou seja, proporciona a comunicação de conteúdos conscientes e conteúdos inconscientes que foram sendo constituídos ao longo da existência humana, trazendo-os para diante do olhar do cliente através da expressão artística, levando-o a refletir, interagir, dialogar e elaborar. Com isso, terá espaço para sentir, pensar e agir de acordo com suas necessidades, exaltando e libertando suas qualidades na práxis da vida. Ser em sua totalidade.

Nossa visão de mundo é um elemento essencial à adaptação humana e está fortemente ligada às oportunidades e acesso aos bens culturais e sociais. O resgate das histórias de vida, das fases mais importantes, dos erros e acertos das experiências, dos momentos de discriminação, será vivenciado em oficinas de arte-terapia, recurso eficiente com todos os tipos de público, em especial aos portadores de necessidades especiais, por privilegiar o humano, o sensível, a percepção, o singular e simbólico que estruturam nossas respostas sociais e afetivas.

Este projeto será realizado por uma equipe de profissionais de diferentes áreas com o objetivo também de pesquisar metodologias e ferramentas para o atendimento e capacitar mediadores para o trabalho com a diversidade social.

Com essa pesquisa ampla o projeto irá envolver técnicos e comunidade com uma abordagem transdisciplinar, aberta aos vários saberes, numa oportunidade de gerar conhecimento, formar cidadãos mais críticos e implicados com a responsabilidade de reproduzir as idéias apresentadas e assim contribuir para uma reflexão ética da construção de uma visão de mundo inspirada na diversidade.

ESTRATÉGIAS

1. Aproximação com os graduandos de Belas Artes; Conversa com as pessoas que já participaram das outras atividades do Projeto Arte Inclusiva, na Lapa;
2. Aproximação com o local onde as oficinas irão acontecer; Avaliação Diagnóstica, do local, público e demandas para a implantação do Projeto; Exposição do objetivo do projeto;

3. Logística e plano de trabalho;
4. Convite para a participação; abertura de inscrições para a Oficina Imagens & Histórias, vivências artísticas e autobiográficas;
5. **Realização das primeiras oficinas de introdução as diferentes linguagens expressivas;**
6. Resgate das histórias de vida e exercícios de criatividade;
7. Realização de oficinas com temas que venham atender às demandas dos participantes durante o processo autobiográfico;
8. Criação das peças para a exposição dos trabalhos;
9. Criação coletiva da exposição final; local; disposição; divulgação;
10. Realização da exposição;
11. Conversa com os participantes para finalização do projeto: Diálogo reflexivo e crítico para avaliação dos resultados;
12. Produção de artigo crítico reflexivo do processo.

PLANO DE TRABALHO

No ateliê, usaremos como mediação diversas técnicas artísticas que dividiremos em dois grupos principais: **Artes Visuais e Artes Cênicas**. Esses dois grupos estarão sempre à disposição e serão coordenados de acordo com a demanda do grupo, com a iniciativa e com as necessidades de intervenção psicológica. Os objetivos destes dois grupos são o ato da criação, a vivência, a expressão em si e as conseqüências emocionais desencadeadas na experiência. Dentro deste universo experiencial, o que menos interessa é a obra artística, sua beleza ou qualidade estética. A expressão jamais será um espetáculo, mas sim, o modo como indivíduo entra em contato com o inconsciente e faz uso para o escape das emoções acumuladas e recalçadas.

Dentro do ateliê teremos pequenas “ilhas” de trabalho, onde estarão disponíveis materiais para expressividade, divididos de acordo com os dois grupos de trabalho, a saber:

1. ARTES CÊNICAS

As expressões dramáticas são instrumentos expressivos e terapêuticos, propiciando um processo curativo e de autoconhecimento. Cada oficina, dentro da sua especificidade, terá como linha de trabalho o corpo, a relação do indivíduo com essa “caixa de ressonância emotiva e de presença”, e o modo como este corpo atua no mundo. Para o desenvolvimento das oficinas usaremos as seguintes abordagens:

- Coordenação entre o sensório e o motor;
- Os afetos (internos e externos) e sua repercussão no corpo;
- O corpo na criação do EU em atuação no mundo e como ferramenta expressiva para o pensamento figurativo.

Teremos como apoio as seguintes técnicas:

1.1 Teatro (Jogos)

Os jogos, dramáticos ou não, exercem fascínio nos homens pelo seu fator lúdico e libertário, onde as regras, objetivos e razões de ser são internas ao próprio jogo. Eles constituem segundo Gregory Bateson, a melhor forma de comunicação entre espécies e pessoas de gerações e classes sociais e culturais diferentes. O jogo libera os jogadores de comportamentos mecânicos e rígidos construídos pela sociedade. Para a psicodramatista Regina F. Monteiro, “o jogo é uma atividade que propicia ao indivíduo expressar livremente

as criações de seu mundo interno, realizando-as na forma de representação de um papel, pela produção mental de uma fantasia ou por uma determinada atividade corporal”

1.2 Dança

Também conhecida como expressão corporal, é uma ótima opção para comunicar sentimentos, sensações e pensamentos que, para pessoas portadoras de deficiências que atingem a fala, podem parecer impossíveis de serem expressas por palavras. A dança, que não tem necessidade de seguir os parâmetros clássicos e regrados do Ballet, propicia a possibilidade de expressar pela mímica, ritmo e intensidades as impressões mais profundas do cliente, trazendo-o para um contato mais próximo da comunicação entre seus pares.

1.3 Circo

O circo faz parte do imaginário das pessoas. Inspira emoção, fantasia, energia, graça, leveza, desafio e a busca do equilíbrio físico e mental. No circo existe a superação humana dos limites, ou seja, o Homem se torna, por alguns instantes, Super Homem. Neste espaço os participantes poderão experimentar técnicas que ajudarão no seu desenvolvimento corporal e mental, como por exemplo:

- Malabares: Estimula a concentração, a persistência, a confiança, a paciência e autodisciplina;
- Rolamentos ou cambalhota: trabalhar a consciência corporal. Alongamento, aquecimentos, saltar, correr, pular e o jogo livre.
- Palhaço: O humor é um estado de espírito e - muitas vezes - é um remédio para soluções de problemas, geração de idéias e para a criação. Afastamo-nos deste estado em função da correria que a vida nos coloca, das responsabilidades que assumimos, do tempo que passa, das... das... Desaprendemos a brincar. O dia a dia nos obriga a usarmos máscaras para enfrentar as demandas da vida, com isso vamos nos afastando da nossa essência, da nossa prontidão para brincar, vamos nos engessando e desaprendendo a rir das pequenas coisas. Este é o espaço para descobrir e aprofundar o ridículo de cada um.

1.4 Teatro de animação ou formas animadas;

Dentro deste espaço poderá ser trabalhado técnicas de manipulação e de confecção dos objetos e dos bonecos. A escolha de uma técnica e sua eficácia será feita de acordo com o grupo e sua demanda, podendo ser apenas facilitador para surgimento e configuração de idéias. O projeto a ser construído sempre estará numa área intermediária entre o espetáculo e a terapia. Estimulando o participante em três níveis significativos:

- Fabricação do personagem e de cenários
- Encontrar meios de fazer-se compreender em uma encenação
- Da apresentação em si (capacidade de memorização de um texto, capacidade de improvisação em situações inesperadas, apropriação de emoções que lhes permitam Jogar com outro e diante de um possível público)

1.5 Música:

A música será utilizada como apoio, promovendo sensibilização e ou aquecimento para atividades. O cliente terá um papel receptivo num primeiro momento e depois será convidado a colocar seu corpo em atuação conforme a proposta da oficina que estiver participando.

2. ARTES VISUAIS

Toda arte apreciada pelo olhar é conceituada como arte visual, abrangendo várias áreas de expressão artística. Lida com o caráter teórico e prático do estético, seja o estético do belo, do funcional ou do fazer pensar. O ACATE pretende trabalhar com as seguintes técnicas e materiais plásticos:

2.1 Pintura

Por oferecerem pouca possibilidade de correção durante seu manuseio algumas técnicas de pintura podem ser muito úteis para que as pessoas consigam aceitar e conviver com suas limitações, proporcionando também que o indivíduo entre em contato com suas emoções e sentimentos, através das cores e fluidez. As tintas utilizadas podem ser: guache, aquarela, óleo, acrílica, pintura a dedo, têmpera, pigmentos, piche e látex, conforme as necessidades do grupo a ser trabalhado. A tinta guache exige maior controle de movimentos, libera emoções e incentiva a imaginação. A aquarela, devido a sua leveza e o uso obrigatório da água, mobiliza ainda mais o lado afetivo, sendo indicada para pessoas muito racionais e com dificuldade afetiva, e contra indicada para deprimidos. A tinta óleo é recomendada para pessoas com depressão, pois possibilita maior equilíbrio da situação. Quanto mais expressão, mais autoconhecimento e mais autoconfiança. A pintura, assim como o desenho, pode ser livre, de cópia, ou dirigida. Com a pintura, trabalha-se a estruturação da área afetiva emocional, chegando ao equilíbrio das emoções. E quanto mais diluída for a tinta, mais emocional é o resultado.

2.2 Desenho

No desenho, a coordenação motora fina é bastante trabalhada, portanto o controle é essencial, não só o motor, mas principalmente o intelectual. A atenção, a concentração e o contato com a realidade são explorados. Podem ser utilizados materiais como: o giz de cera, pastel a óleo, pastel seco, lápis de cor, lápis de cor aquarelado, caneta hidrocor, carvão e lápis grafite, todos com significados terapêuticos semelhantes. O desenho de observação enfoca a atenção na realidade exterior, sendo indicado para pessoas que fantasiam, são dispersas, sonhadoras e confusas, obrigando-as a perceber e reproduzir a realidade tal como ela se apresenta. No desenho livre, as pessoas entram em contato com sua realidade interna, deixando fluir conteúdos que estejam ao ponto de emergir. Nos desenhos dirigidos, aqueles feitos a partir de um tema que o coordenador escolhe, os indivíduos entram em contato com sua realidade, mobilizando emoções bloqueadas que precisam vir à tona, sendo indicados para pessoas deprimidas, com tônus vital rebaixado. Quando preferimos os desenhos monocromáticos, trabalhamos com emoções superficiais, a nível periférico; e quando utilizamos o colorido, lidamos com os profundos. Não é necessária análise do desenho, e sim a análise da interpretação do indivíduo com relação ao feito.

2.3 Modelagem

O efeito da modelagem atua nas sensações físicas e viscerais, como também no sentimento e cognição, podendo ser feita com massa caseira, argila, cera de abelha, plasticina, papel machê e massa de modelar. A técnica exige uma canalização de energia adequada, por partir do nada para a criação de algo podendo ser livre ou dirigida. A sensação de estar em contato com o barro pode ser muito gratificante ou não. A argila age como transformadora, de um estado de desencontro para um estado de equilíbrio, podendo trazer à tona conflitos internos indesejáveis. Por ser moldável, integra o ser com o mundo exterior, mostrando-o que pode adaptar-se às situações, sendo fluida, recebe projeções e é dominada, favorecendo ao manipulador, a libertação das tensões, fadigas e depressões, pois é um material vivo e de ação calmante. No físico, trabalha questões ligadas à estruturação e coordenação motora. No emocional mobiliza sentimentos e emoções

primitivas, para que possam ser conhecidas e trabalhadas. Em termos terapêuticos, pode levar os adultos, a recordações maternas, ou da infância. Proporciona também a capacidade criadora, auto-estima, catarse emocional, autoconfiança.

2.4 Recorte e colagem

Elaboração de Trabalhos em Arte utilizando a mistura de materiais. Recorte e Colagem é uma técnica não muito antiga, que instiga a criatividade e a percepção, que tem por procedimento juntar na mesma superfície várias imagens, de origens diferentes, criando um novo contexto, novos arranjos, brincando com texturas, cores, estampas, com as sobreposições e justaposições. Os primeiros artistas a usarem esta técnica foram Pablo Picasso e Georges Braque, por volta de 1912. Depois Max Ernest no Dadaísmo. Outro importante artista foi Henri Matisse. Ele chamava esta técnica de "desenhar com a tesoura". Por volta dos anos 60, surge a Pop Art movimento que mistura imagens populares de propaganda.

Trata-se de uma atividade estruturante que pode ser realizada com materiais diversos: recortes de revistas, jornais, pedaços de papéis coloridos, diversos grãos, serragem, cortiça, purpurina, tecidos, etc. Através de diferentes técnicas de colagem, buscam-se idéias que possam expressar os sentimentos e emoções em relação às temáticas propostas. É um recurso muito útil para que o indivíduo exercite o planejamento, análise, atenção, concentração e organização, estruturando melhor sua vida.

2.5 Gravura

Gravura não é uma imagem que se liberta da matéria, é uma imagem que se exprime sobre ela num ato de força, é mais do que uma técnica arcaica, popular e artesanal, é um modo de expressão e de comunicação por meio da imagem, a expressão não é uma misteriosa mensagem mas uma comunicação de um homem a outro.

Breve histórico da gravura e suas características expressiva, encontrada principalmente na força do desenho de alto contraste, seja no equilíbrio do preto e branco ou nas cores complementares (teoria das cores).

Experimento da imagem invertida, como reflexo de um espelho utilizando técnica de monotipia, com linhas livres e as cores que preencham os espaços vazios, de maneira a se soltar e mandar o medo embora, afinal uma folha em branco provoca certo estranhamento na gente, sendo que no fazer estabelecemos uma relação entre o significativo da matéria e para nós.

Na xilogravura este entalhe é o fazer, o transformar, o configurar e criar partindo da própria matéria, explorando e intuindo todas as possibilidades existentes na textura da madeira, de acordo com a sua busca e senso de ordenação, esta busca não se sabe bem aonde o levará, mas uma força interior o impulsiona e também o orienta na realização do trabalho criativo que é de transpor todas as idéias, imaginação para o real, assim a obra passa a existir, ser interpretada e apreciada.

METODOLOGIA

Para elaboração da metodologia de cada oficina é necessário que se faça uma avaliação diagnóstica no local do projeto, para que se possa saber qual é a demanda dos participantes. Com isso, poderemos ter uma suspeita diagnóstica para desenvolver a metodologia, plano e estratégias de trabalho.

Será combinada a pesquisa empírica com trabalho de campo e a pesquisa teórica. Seg. Morin (1990), "a complexidade é o princípio regulador que não perde de vista a realidade do tecido fenomenal no qual o indivíduo se encontra, constituindo o seu mundo". Assim a partir da observação e a percepção do caráter subjetivo, reconhecendo o sujeito como ser pensante, aquele que cria, Morin leva a uma nova possibilidade, porém, não a de

homogeneizar, mas de dialogar e interagir com as diferentes idéias e momentos, para tecer um caminho.

Após a análise da avaliação Diagnóstica no local da intervenção, será feito acompanhamento presencial do projeto em seus meses de duração.

AVALIAÇÃO DO PROJETO

- Avaliação sistemática dos objetivos de cada oficina;
- Acompanhamento presencial do projeto em seus meses de duração. Este acompanhamento prevê reunião quinzenal para avaliação das oficinas, discussão do andamento das atividades, revisão de objetivos, reflexão sobre dificuldades e fatos pertinentes ao projeto;
- Também avaliaremos um questionário formal de avaliação por parte dos participantes sobre o que viveram e sentiram durante o processo;
- Criação de um vídeo documentário e um livro com as produções e as ações das equipes organizadas na realização do projeto.

RECURSOS MATERIAIS / MATERIAIS DE APOIO

- A ser planejado de acordo com a Avaliação Diagnóstica.

NÚMERO DE PARTICIPANTES

- 20 pessoas

PÚBLICO ALVO

- Necessidades Especiais

FAIXA ETÁRIA

- A ser definido após avaliação diagnóstica.

EQUIPE PROPOSITORA

Elisabete Pereira de Nobrega (Bete Nobrega)

Profissional com mais de cinco anos de experiência em design gráfico, atuando desde 1987 no mercado de artes gráficas. Formou-se em Desenho Industrial, com habilitação em Programação Visual, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2004. Atualmente, cursa a Pós Especialização em Arte terapia/Terapias Expressivas, do Instituto de Artes da UNESP – Universidade Estadual Paulista, que pretende concluir em 2011.

Desde 2005, vem realizando trabalhos na área de artes visuais através de intervenções urbanas e exposições coletivas. Utiliza-se da técnica do stencil buscando, através da repetição de seus desenhos autorais (de influência Afro), criar movimento, mandalas e outras padronagens nas ruas da cidade, bem como, em outros suportes.

Como designer gráfica vem criando e produzindo, desde 2006, material gráfico para diversas instituições, entre elas: ONG Ação Educativa, responsável pela criação do projeto gráfico da “Agenda Cultural da Periferia” e dos folders anuais do “Dia do Grafite”, entre outros; Fundação Tide Setubal, responsável pela criação do folder da “Programação Mensal

do CDC Tide Setubal”, entre outros; Cooperifa, responsável pela criação do projeto gráfico da “I e II Mostra Cultural da Cooperifa”, em 2008 e 2009.

Em 2008, ministrou a “Oficina de Desenho, Pintura e Stencil Graffiti”, do “Projeto Arte em Toda Parte”, da Ação Educativa em parceria com o CDHU do Estado de São Paulo, no Jardim Santo André, em Santo André/SP. Em 2009, integrou o “Projeto Dialéticas Sensoriais, Oficinas Integradas de Stencil Art, Toy Art, Video Art e Art Book”, contemplado no “Prêmio Interações Estéticas 2008”, pela Funarte-MinC, como coordenadora da oficina de Art Book, na Casa do Hip Hop, em Diadema/SP.

Principais Exposições Coletivas: **2010** – 5ª Bienal de Gravura de Santo André – Salão de Exposições do Paço Municipal – Santo André/SP; Conexões da Arte – Sciacco Studio – Galeria Casa Cor 2010 – São Paulo/SP; Cidades Impressas – Mostra Internacional de Estêncil – Centro de Convenções Victor Brecheret – Atibaia/SP; **2009**– Arte Urbana SP – Mostra com diversas expressões culturais – Galeria Olido – São Paulo/SP; **2008** – Poesia Urbana – Stencil art by artists from Sao Paulo – FamousWhenDead Gallery – Melbourne – Australia; Spray the Word – Street Art meets Poetry – J-Studios Artist Community – Melbourne – Australia; **2007** Stencil Festival 07 – Exposição Internacional de Stencil Art – Pine St Creative Arts Centre – Sidney – Australia; Stencil Festival 07 – Exposição Internacional de Stencil Art – J-Studios Artist Community – Melbourne – Australia; **2006** – Pixo, Logo Existo! – Intervenção Urbana (Grafite e Pichação) – Pinacoteca do Estado de São Paulo – São Paulo/SP; Sprays Poéticos – Grafite, Poesia e Fotografia – Biblioteca Temática Alceu Amoroso Lima – São Paulo/SP; Sprays Poéticos – Grafite, Poesia e Fotografia – Casa das Rosas (Espaço Haroldo de Campos) – São Paulo/SP

José Antônio Do Carmmo

Ator e diretor teatral com 18 anos de experiências profissionais. Pós-Graduando em Arte Terapia- Terapias expressivas, no Instituto de Artes da UNESP. Licenciado em educação Artística com habilitação em Artes cênicas pela Faculdade Paulista de Artes; Tem formação técnica como ator pela Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1998 participou do CPT - Centro de Pesquisas Teatrais, coordenação Antunes Filho. Compõem o núcleo artístico da Cia. Truks - Teatro de Bonecos desde 2002.

Como Professor realizou os seguintes trabalhos: “Oficina de Palhaço” - Sindicato dos servidores do Poder Judiciário de São Paulo, “Oficina de teatro de animação” pela Cia Truks no projeto Mosaico Teatral realizado pelo SESCOOP/SP por várias cidades do interior de SP, no projeto PAC – Difusão e circulação de teatro realizado pela SEC de SP por várias cidades do interior de SP; “Despertando seu desejo de brincar” – Oficina para professores realizado no SINPRO-SP; “Despertando o seu palhaço” - Oficina ministrada a funcionários da SERASA/SP e ao grupo Magia do Riso; “O Ator criador” e “Despertando o seu palhaço” – Oficinas realizadas no VIII ETAESP – Encontro de teatro amador realizado pela Confederação de teatro amador do Estado de São Paulo; “O corpo” – Oficina ministrada na Escola Agro técnica Federal de São João Evangelista na IV semana da família rural; “Expressão Corporal” – Oficina realizada na I mostra de teatro de Ribeirão das Neves – MG; “Técnicas Circenses” – No curso de iniciação teatral do SESC Minas Gerais para Adultos, adolescentes e crianças; “Professor de Artes cênicas na Associação Educacional Pica-pau Amarelo”, Belo Horizonte/MG – para Educação Infantil, Ensino Fundamental e projeto especial de 07 a 14 anos.

Entre outros, atuou nos seguintes espetáculos: “24 Óperas” – Musical de Lívio Tragtenberg; “Ai meu Deus, me dá um trocadinho aí! – Espetáculo de rua” - Teatro de Epifanias; “A Rosa solitária” - Prêt-à-porter- Coordenação Antunes Filho e “O Corcunda de Notre Dame” – Musical de Marco Amaral.

Como Ator/Manipulador atuou nos espetáculos de repertório da Cia. Truks: “O Senhor dos Sonhos”, “Cidade Azul”, “Contar até Dez”, “Vovô”, “Big Bang”, “Gigante”, “Isto Não é um Cachimbo”, “Os Vizinhos” e nas performances “Pedro, o Pedreiro” e “O Natal do

Lucas”; e nos espetáculos “Aimirim e a Terra sem Mal”, da Cia. Patética e “A Cuca Fofa de Tarsila” com a Cia. Articularte.

Dirigiu, entre outros, os seguintes trabalhos: “A Farsa do Boi” – Grupo Serial Cômicos, “Magia do Riso” – Grupo de voluntários SERASA, “Aimirim e a Terra sem Mal” - Cia. Patética - “Vamos Brincar de Brincar” , também da Cia. Patética e “Dona Baratinha” – Indicação para prêmio de melhor direção AMPARC/BH.

Realizou, entre outros, os seguintes cursos e oficinas: “A Nobre arte do Palhaço”, com Márcio Libar – Teatro de Anônimo – RJ, “Técnica vocal e Canto, cordas e percussão” – CEM SESC Consolação, “Manipulação de Bonecos” – Cia. Truks, “Interação Circo, Dança e Teatro” - Confort Dance, “Acrobacia” – Spasso - Centro artístico e corporal e “Dança Flamenca” – Studio Tereza Ricco.

Valéria Elisabete Rodrigues

Profissional com 15 anos de atuação em Pesquisas Sociais e de Mercado. Psicóloga, Publicitária e Radialista. Atualmente divide suas atividades profissionais, entre seu Consultório, em São Paulo-SP, e a prestação de serviços para Institutos de Pesquisa como TNS Global, Ibope Inteligência, Oficina Sophia, Fia-USP e outras Consultorias.

Pós-Graduando do Curso de Especialização em Arte terapia – Terapias Expressivas do Instituto de Artes da UNESP.

Participante da Oficina Experimental de Diálogo da Universidade para Cultura de Paz e Meio Ambiente - UMAPAZ

Suas principais qualificações são a realização de Entrevistas Etnográficas, em Profundidade e Moderação de Grupos; Análise e Coordenação de projetos Qualitativos.

Tem experiência coordenando e executando projetos para clientes líderes de diversas categorias de produtos e serviços como: Serviços Públicos e Privados; Produtos de Consumo; Bens Duráveis; Produtos Financeiros; Comunicação; Telecomunicação; Tecnologia e Indústria Farmacêutica.

Viviane Fonseca da Silva

Professora Efetiva, arte- educadora da rede Estadual de São Paulo há três anos até esta data. Leciona há 05 anos. Monitora de Oficinas Artísticas.

Pós Graduando em Arte terapia – terapias Expressivas, no Instituto de Artes da UNESP. Formada em Educação Artística – Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Londrina.

Participante do Grupo de danças folclóricas Girafulô. E da Oficina de musicalização para professores na Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda – São Carlos.

Ângela Neves Santana

Pós-Graduando em Arte terapia – Terapias Expressivas, no Instituto de Artes da UNESP – São Paulo.

Bacharel em Administração de Empresas, pela universidade Radial.

Atua há mais de 10 anos na área de Administração de Empresas.

Voluntária em grupo de Assistência espiritual e aconselhamento.

Lino Jose Delfino

Formado pela Faculdade Integrada Tereza D'Ávila , Licenciatura em Educação Artística com habilitação em artes plásticas.

Pós-Graduação, na Universidade Estadual de São Paulo, no curso “Fundamentos da Cultura e das Artes”.

Curso livre de gravura de xilogravura, litogravura, linóleo, serigrafia, em metal e monotipia, fotografia, cerâmica e escultura em pedra sabão; pintura a óleo, acrílica, aquarela, nanquin e guache, considerando o desenho primordial, pois é o contato entre a idéia, a linha e o suporte e dele exploro todas as possibilidades expressivas, utilizando materiais como lápis, canetas, giz de cera, pastel oleoso ou a própria tinta.

Além das pesquisas, experimentos e exposições nas artes visuais, frequento curso de Pós-graduação em Arte-terapia, Universidade Estadual de São Paulo e leciono a oito anos na rede estadual de ensino com alunos do ciclo fundamental, médio e do Eja

Luana Csermak

Formada em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes em 2007. Estagiou durante um ano no Studio Fátima Toledo, acompanhando o processo de preparação de elenco para cinema, prestando assistência junto à coordenação pedagógica na organização de palestras e eventos realizados no studio e também na orientação aos alunos sobre o método proposto pela escola. Durante a sua formação fez cursos sobre a Preparação do Ator com Matteo Bonfitto, Jogos Teatrais com Cláudio Saltini, Teatro de Animação com a Cia. Truks. Como atriz, esteve em cartaz no teatro Ruth Escobar durante duas temporadas com a peça

Arena Conta Zumbi, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal. Atualmente se especializa em Arte- Terapia/ Terapias Expressivas na Universidade Estadual de São Paulo – UNESP e atua como educadora em escolas municipais de São Paulo.

MATERIAL DE APOIO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Gostaríamos de agradecer a sua participação voluntária na nossa pesquisa.

O PROJETO ART INCLUSIVA, convida um grupo de adultos e jovens, com necessidade especial ou portadores de deficiências, residentes na cidade de São Paulo-SP a participar das Oficinas de Arte Terapia e Terapias Expressivas, com o objetivo de resgatar a história de vida dos participantes através da arte e seus recursos expressivos para a construção de sentidos e possível ampliação de repertório de respostas diante das mais variadas necessidades de adaptação do dia a dia e Promover ação cultural como produto final das oficinas. Exposição dos trabalhos de elaboração de histórias autobiográficas;

O grupo de pesquisa tem ainda como objetivos também refletir sobre a arte como instrumento de inclusão social; Estimular a vivência cultural e vivenciar o fazer artístico por meio de oficinas de criatividade e Desenvolver metodologias e ferramentas para o atendimento de pessoas com necessidades especiais físicas ou mentais;

Este estudo será conduzido e Coordenado por profissionais especializados e suas respostas e materiais serão mantidos em sigilo, sendo sempre analisadas em conjunto com as respostas de outros participantes do grupo de pesquisa, nunca isoladamente.

Esta pesquisa será gravada em áudio e/ou vídeo, não sendo feita qualquer identificação dos participantes, a fim de manter a privacidade e assegurar a manifestação espontânea de suas opiniões.

Por intermédio desta declaro que autorizo o Projeto a utilizar minhas imagens e comentários realizados na pesquisa que acontecerá entre 14 de março de 2011 e Novembro do mesmo ano, no Instituto de Artes da UNESP-SP para criação de materiais exclusivamente institucional a qualquer tempo.

Estou ciente que em nenhum momento as imagens e/ou comentários serão utilizados em veículos de comunicação de massa sem a minha prévia autorização.

Sua participação nesta pesquisa deve ser mantida em sigilo.

Você não deve falar ou revelar nada que possa deixá-lo/a desconfortável diante do Grupo

Você pode interromper sua participação na pesquisa a qualquer tempo.

Confirmo que li e entendi o conteúdo acima e autorizo a minha participação nesta pesquisa.

NOME LEGÍVEL: _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

ASSINATURA: _____

Assinatura do responsável: _____

DATA: _____

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Liomar Quinto: Terapias Expressivas: Arte- Terapia, Arte- Educação, Terapia- Artística. São Paulo: Vetor, 2000.

ARCURI, Irene Gaeta. Arte terapia: um novo campo de conhecimento. 1ed. São Paulo: Vetor, 2006.

GOMESS, Ana Célia Soares; Atuação do arte terapeuta em organização não governamental, IX CONGRESSO Brasileiro de Arte terapia, SP, 2010

MORIN, Introdução ao pensamento complexo. Col. Epistemologia e sociedade, Paris: ESF Ed., 1990.

NOBRE, Érika. Valor dos materiais. Terapeuta Ocupacional, Fortaleza. Disponível em <http://www.terapeutaocupacional.com.br/valmaterial.htm>. Consulta: 10/09/2010.

PAÍN, Sara. Fundamentos da arte terapia; tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WERNECK, Cláudia: Quem cabe no seu todos ? Rio de Janeiro, WVA, 1999.

APÊNDICE 02

MODELO DE ROTEIRO PARA OFICINA:

ATIVIDADE 21/05/2013 – OFICINA DE MODELAGEM**Imagens e Histórias –IA-UNESP-SP 02h00 min - total**

Há pessoas “(...) que nada veem ou escutam dentro de si, mas suas mãos são capazes de dar expressão (...) podem utilizar-se vantajosamente de materiais plásticos.”
 (Jung 1984) [171]. Jung, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. Vols. VIII-2.
 Petrópolis: Vozes, 1984.

Terapeuta: Valéria **Co-Terapeutas:** Bete e Lino

Observadores: Valéria

Documentação: Alexandre e Valéria

Materiais: argilas coloridas 20 kg de cada: preta, branca e terracota (2 porções de meio a um kilo) para cada participante

3 placas de argila, (tamanho aproximado: 30 x 40 cm)uma para cada grupo(devem ser três grupos)

Engobes em pó: vermiculita, caulim, (cores) texturas: renda, folhas, conchas, flores, etc.

Sacos plásticos, jornais e panos, 2 fls. De papel pardo, máquina fotográfica, canetas hidrográficas, Fita crepe, Estecas, facas, garfos, colheres velhos, rolos, palitos de sorvete, de dente e de fósforo

Objetivos:

- Exercitar o potencial criativo individual e em grupos.
- Incentivar a interação com o grupo.
- Transmitir conhecimento técnico sobre cerâmica e produzir peças para a exposição Meios de Produção e Práticas Híbridas.

Música de recepção Uakti

Aquecimento (05 min) Reflexion – Andar pela sala, respirar, espreguiçar, chegar no lugar.

Apresentação da nossa Proposta e Contrato (5 min) - sem música daqui para frente.

Apresentação das pessoas (10 min) Dizer apenas o nome, e uma coisa que gosta; dizer o nome novamente e uma coisa que não gosta.

Alguém precisa dizer mais algo...

Início da primeira fase (15 min) Realizar um trabalho de livre expressão, para descobrir novas formas concretas no sentido de vir a encontrar as imagens que estão por trás das emoções, dando-lhes formas e consciência. A primeira sessão livre é uma expressão do inconsciente - consciente. Ao final cada participante nomeia seu objeto e conduz até uma mesa forrada com papel pardo, onde os irão registrar o nome atribuído ao objeto/ personagem de cada participante.

Em frente aos personagens objetos, comentam quem é, qual a sua história, e o que veio fazer ali hoje. (20 min)

PAUSA PARA BANHEIRO (05 min)

Início da segunda fase:

Dividir em três grupos, por narrativas semelhantes ou outro que se apresente no momento.

Encaminhar os participantes para uma mesa onde estarão organizados as placas-histórias em seqüência.

Criação coletiva: Os participantes serão convidados a confeccionar uma placa de argila em grupo (tamanho aproximado: 30 x 40 cm), onde aplicarão (com barbotina) pequenos elementos de argila em alto-relevo, criados individualmente pelos participantes, para compor um painel em grupo com o tema definido pelo grupo. **Tempo = 25 min.**

Síntese -Finalização (20 min.)

A segunda peça é levada para mesa de exposição e colocada ao lado da peça de livre expressão. Neste momento pede-se um relato individual de cada participante partindo dos seguintes questionamentos:

Como foi trabalhar com a argila? (sensação)

Qual das peças gostou mais de modelar? (querer)

Uma palavra para a Atividade :

JUSTIFICATIVA:

Corpo é presença. Corpo é comunicação. O corpo é uma história evolutiva de vínculos e nossos vínculos são fundamentados nos nossos sentidos. É a mídia primeira, o primeiro meio de comunicação do homem, é o seu instrumento de vinculação com outros seres humanos. É através dele que produz diversas linguagens com as quais se aproxima, cultiva vínculo, mantém relações e parcerias com outros seres humanos. Essas linguagens (gestual, sonora, verbal, simbólica) evoluem para grandes complexos culturais, e o corpo passa a ser um desdobramento de linguagens simultâneas, responsável por contar sua história, “uma história que não é apenas a memória de um passado, mas também o espelho de um futuro, com seus sonhos, projetos, utopias, planos, desejos e aspirações”. (BAITELLO JR., Norval. ***A Era da Iconofagia. Ensaaios de Comunicação e Cultura*** – São Paulo: Hacker Editores, 2005.)

Segundo Rhyne (2000) pode-se usar essa abordagem com o barro para facilitar a percepção de totalidades. “... como a totalidade de muitas partes que juntas formam a realidade que você é” (p. 44). A integração das partes da à noção do todo. Para Ostrower (1998), é uma experiência que pode trazer uma síntese de nova ordem com novas qualidades que ampliam a percepção.

8.ANEXOS

Anexo 01

DECLARAÇÃO USO IMAGEM E DEPOIMENTOS ARTINCLUSIVA

Enquanto Coordenadora do Projeto de Extensão Universitária ArtInclusiva, autorizo a mestrande Valéria Elisabete Rodrigues a usar os dados por nós coletados --- fotografias, videos, registro das sessões, anotações sobre o desenvolvimento do grupo e supervisão --- especialmente todo o material relativo à sua contribuição em decorrência do Projeto ACATE.



Profa. Dra. Suely Master

Coordenadora do Projeto.

ANEXO 02

RELATÓRIOS BOLSISTAS E GERAL ANUAL

Relatório um- ArtInclusiva Anual- 2011

Ao longo de 2011, procuramos estabelecer o Projeto de Extensão ArtInclusiva no Instituto de Artes, rompido o vínculo com a Estação Especial da Lapa que, desde que foi assumido pelo setor de Reabilitação do Hospital das Clínicas da USP, não mostrou interesse em manter a parceria. Por outro lado, entendemos também que nas nossas novas instalações, na Barra Funda, poderíamos oferecer melhor infraestrutura para o atendimento da população especial. Outra mudança, foi a passagem da Coordenação do Projeto, da Profa. Dra. Carminda André para mim, Profa. Dra. Suely Master. Assim sendo, o braço do ArtInclusiva que atuava na Fundação Casa também foi extinto considerando ainda a dificuldade dos alunos de se manterem emocionalmente naquele espaço.

Acredito que a implantação do Projeto no IA, bem como seu desenvolvimento foi muita bem sucedida, mais do ponto de vista de qualidade do que de quantidade, no caso de atendimento dosicineiros especiais. Contamos em média com cinco atendimentos. Nossa equipe de trabalho, além dos nossos alunos bolsistas da graduação, contava com os alunos do curso de Especialização em Arte-terapia, e com a supervisão preciosas da Profa. Dra. Ana Kyian. Cada oficineiro que chegava ao grupo passava por uma avaliação (anamnese compreensiva) e, conforme as suas necessidades, era encaminhado ou não para o projeto. Digo - conforme as suas necessidades - pois o grupo é formado basicamente por uma faixa etária que vai de 20 aos 35 anos com os mais diversos diagnósticos que incluem deficiências mentais, psicológicas e motoras leves. Casos onde não existia a possibilidade, ainda que mínima de movimentação e/ou de comunicação não puderam ser atendidos. Nosso processo de trabalho foi árduo e intenso. Nas supervisões são semanais foram minuciosamente discutidas a atuação de cada membro da nossa equipe, a seleção de estratégias adequadas para a nossa população e a evolução de cada um dos oficineiros. Todos esses aspectos foram desenvolvidos tendo em vista os nossos objetivos: trata-se de um trabalho que visa, por meio da arte nas suas mais variadas formas, promover a integração, a elevação da estima e a socialização de pessoas com necessidades especiais.

Muito material para ensino e pesquisa foi coletado: todas as supervisões foram gravadas, as oficinas bem como os resultados observados foram registrados e a maioria das oficinas foram

fotografadas. Duas monografias foram apresentadas como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Arte-terapia.

Foram feitos contatos com o NASF da Santa Casa de Misericórdia. O NASF, que tem como referência a Equipe de Saúde da Família (ESF), conhece bem as necessidades da população especial do entorno do Instituto de Artes e responde pela integração e a articulação das Unidades Básicas de Saúde (UBS) com a comunidade e com os diversos equipamentos da região. No nosso caso, estamos em contato com a UBS Santa Cecília.

Para 2012 nossos objetivos são: ampliar o numero de atendimento; dar início as atividades com os cuidadores (Espaço Aberto dos Cuidadores) procurar fortalecer as relações com o NASF e UBS da região, resgatar o vinculo com a Estação Especial da Lapa, buscar um patrocinador e publicar o material das supervisões e das oficinas em forma de livro, pôster e comunicações em congresso e periódicos (não existem bons periódicos na área). Os objetivos do Projeto tendo em vista a população especial continuam os mesmos.

Desempenho dos bolsistas: os alunos bolsistas tiveram um ótimo desempenho. Suas atividades foram principalmente a observação, o registro, a condução das oficinas bem como providenciar a infra-estrutura e o material para a realização das oficinas. Participaram também com muito interesse de todas as supervisões e prepararam uma apresentação para o nosso Congresso de Extensão. Referem ter entendido a possibilidade de trabalho na área de saúde criando expectativas em relação às outras populações que eventualmente podem ser beneficiadas pela arte enquanto terapia, entendendo a terapia como qualquer mudança positiva na qualidade de vida da população especial. Para 2012, os alunos, alem das atividades de observação e condução das oficinas e participação nas supervisões irão se debruçar sobre o material que temos gravado.

Atenciosamente

Relatório dois:

Reflexões:

ACATE e/ou ArtInclusiva?

ArtInclusiva: projeto mais voltado para a melhoria da qualidade de vida (do que para a inclusão social?) de pessoas com deficiência. No nosso caso tem como foco a esfera artística e a psico-emocional. Será que a possibilidade de expressar subjetividades por meio das

linguagens artísticas melhora a qualidade de vida? Será que os aspectos artístico, cultural e educacional estão contemplados na aferição de qualidade de vida? Será que nosso projeto se insere na área de saúde? Na convergência entre Artes e Saúde?

Universo da Pessoa com Deficiência. De acordo com o censo do IBGE (2000), existem cerca de 24,5 milhões de pessoas com deficiências no Brasil, ou 14,5% da população total. Desses, 8,3% possuem deficiência mental, 4,1% deficiência física, 22,9% deficiência motora, 48,1% deficiência visual e 16,7% deficiência auditiva. Segundo estimativas do site do MEC, 30% das deficiências são causadas por doenças em geral, 20% por problemas congênitos, 20% por desnutrição, 7% por acidentes domésticos, 5,5% por acidentes de trânsito, 2,5% devido a acidentes de trabalho e 15% por outras causas. (*Números dos deficientes no Brasil, Folha de S. Paulo, 12/04/2006*).

Qualidade de vida é o método usado para medir as condições de vida de um ser humano. Envolve o bem físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos e também a saúde, educação, poder de compra e outras circunstâncias da vida. A Organização Mundial da Saúde desenvolveu um questionário para aferir a qualidade de vida, que possui duas versões validadas para o português: o WHOQOL-100 e o WHOQOL BREF. O WHOQOL-100 consta de 100 questões que avaliam seis domínios: Físico, Psicológico, Nível de Independência, Relações Sociais, Meio-ambiente e Espiritualidade/Crenças Pessoais; o WHOQOL BREF é uma versão abreviada composta pelas 26 questões que obtiveram os melhores desempenhos psicométricos no WHOQOL-100. A versão abreviada é composta por quatro domínios: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente.

Inclusão social é um conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade provocada pela falta de classe social, origem geográfica, educação, idade, existência de deficiência ou preconceitos raciais. Inclusão Social é oferecer aos mais necessitados oportunidades de acesso a bens e serviços, dentro de um sistema que beneficie a todos e não apenas aos mais favorecidos.

Paradigma da inclusão social: consiste em tornar toda a sociedade um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e inteligências na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades. Por este motivo, os inclusivistas (adeptos e defensores do processo de inclusão social) trabalham para mudar a sociedade, a estrutura dos seus sistemas sociais comuns e atitudes em todos os aspectos, tais como educação, trabalho, saúde, lazer. Sobretudo, a inclusão social é uma questão de políticas públicas, pois cada política pública foi formulada e basicamente executada por decretos e leis, assim como em declarações e

recomendações de âmbito internacional (como o Tratado de Madrid). A proposta de inclusão social de alunos com necessidades especiais, no ensino regular, é hoje garantida pela legislação educacional brasileira. Contudo, a inclusão com garantia de direitos e qualidade de educação ainda é um sonho a ser alcançado, um caminho a ser construído, onde varias mudanças serão necessárias: estruturais, pedagógicas e sem duvidas capacitação de professores no que se diz respeito a lidar com situações corriqueiras do dia a dia de sala de aula.

Objetivo Geral do Projeto de Extensão ArtInclusiva.

- Melhorar a qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência, por meio do fazer artístico em diferentes linguagens.

Objetivos específicos.

- Reforçar a auto-estima
- Estimular a autonomia
- Facilitar o contato e a expressão da subjetividade num ambiente acolhedor.

Diferenciais do Projeto:

- São oferecidas diferentes linguagens artísticas: musica, artes visuais (cerâmica, grafite, desenho) e cênicas (corpo, bonecos)
- Os participantes que constituem o grupo apresentam diferentes deficiências.
- Equipe
- Alunos de pos graduação em arte-terapia/terapias expressivas
- Alunos de licenciatura em arte-teatro e bacharelado em musica
- Profissionais de diferentes áreas
- Ambiente não estigmatizante ou estigmatizado
- Universidade de artes
- Infra-estrutura: salas de cerâmica, desenho/pintura, circo, teatro e musica
- Pessoal de apoio
- Dinâmica
- Pessoas com e sem deficiências convivem juntos nas oficinas

Estratégias ou características das ofertas:

- Buscam estruturar a relação entre a realidade subjetiva e objetiva = subjetiva: como eu me percebo como eu percebo o mundo e como eu me percebo no mundo; objetiva: o mundo tal qual ele é.
- São propostas de forma que o fazer artístico parte de uma produção individual para compor uma produção coletiva.
- São propostas fechadas = não deixam espaços para criar, imaginar, sentir, perceber, significar sem um roteiro definido
- Tem como referencial o momento presente

Assuntos que foram abordados:

Pacientes

Religião x 1. 2. e 3 = católico, evangélico e espírita

Sexualidade X limites X autonomia: sentir desejo mas não poder transar

Autonomia: de desejos (explo: 2. saiu do grupo mas não queria sair?), de ir e vir (4. na padaria), de ganhar dinheiro (3. vende sabonetes. 4. vai para a AVAPE).

Crises de desmaio de 4?

Liderança e proteção de 3.

Pais e cuidadores

Controle (explo: cuidadora de 1; pais tiram 2. do projeto no meio do processo).

Terapeutas

Paternalismo, protecionismo

Necessidade de dar limites claros, mas acolher ao mesmo tempo.

Relatório três:

RELATÓRIO BOLSA PROEX ARTINCLUSIVA DOS MESES DE MARÇO E ABRIL

Nos períodos de março e abril minha função junto à extensão artinclusiva foi de acompanhar a formação e a reestruturação do projeto, auxiliar no convênio daquilo que viria a ser o novo artinclusiva com o programa equilíbrio e participar da elaboração, participação, regência e avaliação das oficinas como membro integrante do grupo de terapeutas.

Aproximei-me do grupo quando ele estava em formação. O artinclusiva havia terminado o vínculo que tivera com a Estação Especial da Lapa e a proposta era trazê-lo para

o Instituto de Artes da UNESP campus São Paulo com a colaboração dos estudantes do curso de especialização em arte-terapia da mesma. A proposta era reunir indivíduos portadores de necessidades especiais e fazer um trabalho a partir da história deles. Fazer com que eles recontassem suas histórias a partir de uma das linguagens artísticas trabalhadas nas oficinas (artes visuais e artes cênicas). Por volta do dia 18 de abril, houve a aproximação da Prof^{ra}. Dr^a. Ana Kiyon no projeto dando, assim, novas diretrizes ao mesmo. Abandonou-se a questão da história pessoal, para então focarmos no aqui e agora do indivíduo e como trabalhar a inclusão. Assim segue o projeto.

Nesse primeiro momento de formação deste, estive presente em uma reunião com representantes da graduação, da especialização e do programa equilíbrio onde foi apresentado o projeto no modelo inicial.

Estive também em outra reunião no Hospital das Clínicas com a Chefe da ala da psiquiatria infantil e coordenadora do programa equilíbrio Sandra Scivoletto, com a Prof^{ra}. Dr^a. Suely Master e com Valéria Rodrigues, aluna da pós-graduação em arte-terapia, para tentar estabelecer convênio entre os dois projetos, no qual não foi possível por inviabilidade do equilíbrio.

As oficinas tiveram início no dia 14 de março e, a partir daí, passei a acompanhá-las, ora como observador, ora como participante, ora como regente. Elas acontecem todas as segundas-feiras das 14 horas às 16 horas e era separada uma hora antes e depois para discussão com o grupo. Com o acompanhamento da Prof^{ra}. Dr^a. Ana Kyian, passamos a ter reuniões semanais antes das oficinas.

Relatório anual quatro:

ARTINCLUSIVA - Relatório

Este ano, o projeto Artinclusiva conta com o apoio de estudantes do curso de pós-graduação Arte- Terapia / Terapias Expressivas. O projeto ganhou novo perfil, tendo como foco objetivos terapêuticos. A arte não é usada como fim em si mesma. Através do trabalho com expressões artísticas variadas estabeleceu-se quatro objetivos gerais do projeto: Inclusão Social, melhoria da auto estima, melhoria da sociabilização e trabalho com a expressividade pessoal.

As oficinas acontecem toda segunda feira, das 14h às 16h, sendo uma semana dedicada a oficinas de Artes Cênicas (visando principalmente expressão corporal, ou jogos teatrais não dramáticos, que não trabalhem com personagens – trabalho este que poderia ser desestruturante para os participantes) e outra semana dedicada a Artes Visuais (pintura, cerâmica, colagem, desenho). Cada oficina é aplicada por duas pessoas - terapeuta e co-terapeuta - e conta com um responsável por observar e anotar todos os acontecimentos. Os demais membros da equipe participam da atividade junto com os integrantes do projeto, ajudando a compor o grupo.

Toda semana contamos com a supervisão da Professora Doutora Ana Kiyan, especialista na área de Arte Terapia. As reuniões que temos com ela, além de servir para organizar e dar unidade para a equipe de terapeutas, ainda é um espaço para refletir sobre como lidar com as particularidades de cada participante do projeto, como alcançar os quatro objetivos propostos e analisar a melhora que cada um demonstra no particular e do grupo enquanto coletivo.

Atualmente, temos quatro participantes/pacientes. Cada um com questões bastante particulares. Sendo uma graduanda em Licenciatura em Arte Teatro, não tenho proximidade com a área de Saúde, e começo a conhecer este universo da Terapia agora, estando em contato com os pós-graduandos, que contam inclusive com duas psicólogas na equipe, e com a supervisora do projeto Ana Kiyan. Ainda não me sinto apta a analisar a melhora dos participantes pensando o diagnóstico de cada um, mas consigo perceber as transformações de cada um ao longo desses quatro meses de projeto a partir da observação das oficinas.

1. tem um tempo muito acelerado. Tem dificuldade de se manter muito tempo focado na mesma atividade. Ainda é necessário ter essa atenção com ele, de convidá-lo de volta para a atividade cada vez que ele dispersa. Porém, algumas mudanças já são perceptíveis. 1. chega sorrindo todo dia para as oficinas, antes apenas andava curvado e em silêncio. Não falava muito. Depois de um tempo, começou a estabelecer comunicação com as pessoas. Inicialmente procurou os terapeutas, hoje puxa assuntos com os demais participantes também. Ainda são assuntos curtos e pontuais. 1. é bastante objetivo em suas perguntas (Que horas são? Quantos anos você tem? Porque você fala assim?). Não consegue manter o foco em muitas pessoas em uma mesma conversa. Costuma ficar perto de uma pessoa e perguntar a esta sobre as outras. Esta característica vem sendo trabalhada pelos terapeutas que sempre buscam fazê-lo conversar com todas as pessoas na roda sobre o assunto que está sendo tratado e fazer suas perguntas diretamente para a pessoa sobre a qual tem curiosidade.

Os outros dois meninos, 2. e 3., ao contrario de 1. tem um tempo bastante mais lento que o considerado normal. Mas, acredito que por motivos diferentes. 2. leva uma aula inteira na realização de um único trabalho manual, pois faz devagar, com muita dedicação e atenção. É bastante criativo, propõe novas formas de realizar determinados trabalhos. É muito afetivo e gosta de fazer todos se sentirem bem. Já 3 demora muito para começar o trabalho. Possivelmente por conta de uma auto-estima muito baixa. 3. teve Paralisia Cerebral, e apesar de não possuir danos em sua cognição, devido à paralisia, não possui controle sobre seu corpo. Não tendo controle sobre suas mãos, ele tem dificuldade na realização dos trabalhos manuais, acreditando que destrói tudo o que toca. Com o tempo, os terapeutas vão convencendo 3. a realizar a atividade. Ele é muito comunicativo e gosta de conversar, principalmente com os terapeutas. O principal trabalho que devemos ter com 3. é com sua auto-estima. Fazê-lo perceber as melhoras que ele vem apresentando, desde sua infância. Isto aconteceu, por exemplo, em uma oficina de expressão corporal na qual 3. confidenciou com o grupo suas dificuldades de andar quando era mais novo, que não conseguia se apoiar sobre os dois pés, andando, portando de quatro. Ao compartilhar isto com o grupo, um terapeuta lembrou-lhe que ele havia acabado de propor para o grupo, durante a atividade, um movimento que exigia equilíbrio em um pé só, fazendo-o perceber o quanto havia melhorado, e abrindo a possibilidade de reflexão sobre o quanto ele ainda pode melhorar.

4. foi a última a integrar o grupo. Chegou a pouco tempo e já trouxe modificações no grupo. É extremamente carinhosa e se demonstra muito feliz em estar no grupo. Em seu segundo dia já demonstrou confiança no grupo, confidenciando que se sente muito sozinha e sofre muito por ter, segundo ela, cabeça de 15 anos, apesar de ter 29. É criativa e muito comunicativa. Conversa e brinca com todos.

Tivemos apenas quatro meses com esta turma, e a conclusão que consigo ter em relação ao que foi observado e vivenciado neste período é que cada participante já apresenta melhoras individuais, o grupo está adquirindo consistência e se integrando enquanto coletivo (a sociabilidade entre os integrantes já é perceptível) e que este projeto tem grande importância na vida daqueles que dele participam, tanto nos integrantes/pacientes (que verbalizam com frequência o quanto gostam de estar nas oficinas, inclusive pedindo mais dias da semana para estes encontros) quanto para os terapeutas, que tem oportunidade de aprender na prática a trabalhar e a desmistificar o trabalho com um público que apresenta certas necessidades especiais.

Relatório cinco:

Relatorio bolsista

São Paulo, 20 de fevereiro de 2013

Relatório de Atividades: ARTINCLUSIVA

Comecei as atividades com o Artinclusiva no início de 2012, inicialmente nossas principais funções eram fazer transcrições do conteúdo de arquivos de áudio contendo as supervisões semanais e participar ativamente das oficinas e supervisões propostas. Nossas oficinas seguiam um pré-planejamento que se dava de acordo com as necessidades que os nossos participantes demonstravam no decorrer das atividades, sendo assim, tivemos a oportunidade de experimentar, terapeuticamente, diversas vertentes artísticas. Trabalhamos com exercícios corporais, pintura, cerâmica, circo, teatro, grafite, stencil, dança, música, entre outros. Além disso, tive, junto com a bolsista, a oportunidade de ministrar uma oficina de criação, confecção e manipulação de bonecos, conteúdo o qual extraímos diretamente do nosso curso de graduação.

Percebi assim a importância das supervisões. Ela serve para guiar e entender o nosso trabalho, que muitas vezes é realizado intuitivamente, de acordo com a experiência na área de cada um dos integrantes.

Com as supervisões podemos rever e analisar nossas ações com os participantes do projeto, descobrir em que sentido e de que maneira uma atividade proposta adquire o caráter terapêutico no sentido da inclusão que buscamos, pode-se entender melhor as necessidades específicas de cada participante e como lidar com elas. Nas supervisões também nos enxergamos como terapeutas e de certa maneira medimos a eficiência de nosso trabalho, é um momento de troca de experiências extremamente forte, que nos enriquece pessoal e profissionalmente.

Durante este ano fiz doze gravações, o que achei interessante deste trabalho foi escutar as reuniões de um período mais antigo, no qual ainda não estava junto ao grupo e perceber mais claramente os progressos e mudanças do grupo como um todo e dos participantes do Artinclusiva.

Senti que houve uma estruturação do trabalho realizado, que com o tempo os terapeutas se mostravam mais capacitados no sentido de saber onde e como focar o trabalho, em como lidar de fato com pessoas portadoras de necessidades especiais buscando e alcançando a inclusão das mesmas.

Em relação aos participantes de nossa oficina pode-se notar, através das gravações, a importância de pequenas atitudes, mudanças de comportamento e ações que simbolizam um

enorme passo na vida de cada um deles e um retorno para nós da importância deste grupo em suas vidas, o que reflete diretamente nas nossas (na minha pelo menos).

Relatório seis: Bolsista:

Relatório sobre as atividades desenvolvidas no segundo semestre de 2012 pelo projeto Artinclusiva

Sou bolsista dentro do projeto Artinclusiva, que trabalha com oficinas arte-terapêuticas para pessoas com necessidades especiais. Meu trabalho, dentro destas oficinas, se resume a participar normalmente das atividades, dando atenção aos participantes com necessidades especiais, auxiliando no que for preciso. Como o trabalho é de inclusão, o mais coerente é que todos se incluam na atividade, inclusive, os terapeutas.

Comecei a participar do projeto no início deste segundo semestre de 2012, inicialmente para auxiliar nas oficinas de circo, que seriam realizadas às quartas-feiras. Me organizei, na medida do possível, para que tivessem início as oficinas, o que não aconteceu devido, provavelmente, à uma falta de cálculo do projeto como um todo misturado com a ansiedade de oferecer mais vivências artísticas aos participantes (que teriam estas oficinas circenses, além das atividades já realizadas às segundas-feiras).

Me encontro no início de minhas experiências com o público especial, que têm sido muito ricas. Nas oficinas, apesar de não ter recebido uma orientação para lidar com esse tipo de público, não sinto dificuldade em lidar com os participantes. Acredito que o trabalho do arte-terapeuta demanda muita escuta, muita capacidade de ouvir o outro. Usa-se de uma disponibilidade que não precisamos, talvez, ter no dia-a-dia, este condicionado ao pragmatismo e à correria urbana. Um lugar onde se trabalha, principalmente, com aquilo que os participantes trazem para os terapeutas. Não é um lugar em que para se vivenciar a arte, são trazidos métodos prontos e fechados de um trabalho técnico-expressivo.

Nas supervisões, tenho a orientação que me faltou receber. É sempre discutido sobre as oficinas, no sentido de atender as necessidades dos participantes, seja de temática, linguagem, ou atenção. Nas supervisões faz-se a reflexão sobre o que é visto em atividade, a relação entre os participantes e etc. Quando vamos para a oficina, depois da reunião, temos em mente as necessidades atuais para o trabalho.

O que nós, bolsistas, também temos como dever dentro projeto, é o trabalho com as gravações. Transcrições a partir do áudio de supervisões e orientações, que serão parte de um livro sobre arte-terapia, cumprindo a função de pesquisa dentro do projeto. Sobre esta

parte do trabalho, pouco tenho a dizer, afinal, não cumpri com a totalidade de degravações necessárias para o período citado. Pelo pouco que fiz, consegui entender melhor a proposta do projeto como um todo, como também os participantes aos quais me relaciono toda segunda-feira.

Relatório sete: Bolsista seis:- SÃO PAULO- FEVEREIRO/2013

O projeto de extensão universitária, arte inclusiva é um projeto que oferece oficinas artísticas para as pessoas com necessidades especiais. Visando assim a sua inclusão na sociedade através da arte. As oficinas contém a linguagem do teatro, música e artes plásticas que buscam o desenvolvimento humano e a transformação da realidade das pessoas que tenham qualquer tipo de deficiência.

Como aluna bolsista, fiz parte do projeto arte inclusiva. Neste havia um encontro dos “artistas terapeutas” que junto com a psicóloga Ana Kyan se reuniam semanalmente para discutir, avaliar e organizar cada oficina proposta ao grupo de pessoas com necessidades especiais.

A cada semana pude compreender mais a respeito deste universo de deficiências e como lidar com pessoas que tenham estas necessidades especiais. Entendendo assim a psicologia que está por trás do comportamento e as limitações que cada deficiência oferece.

As oficinas dadas das quais participei, foram elaboradas com os seguintes objetivos: a inclusão, autonomia, autoestima, expressividade, socialização e auto reconhecimento dos participantes.

Cada oficina era programada de acordo com a demanda que o grupo solicitava mesmo que de forma inconsciente, ou seja, se o grupo demonstrava uma carência emocional e sexual, por exemplo, de maneira exacerbada, os terapeutas se organizavam para dar uma oficina mais voltada para os exercícios corporais para extravasar esta energia reprimida, ou mesmo uma roda em que todos poderiam se expressar da maneira que gostariam. É, portanto uma oficina estruturada de maneira extremamente flexível de acordo com as necessidades do grupo.

Como todo processo, temos momentos de descobertas e crises. Avaliamos a cada reunião nossos procedimentos certos e outros que necessitariam mudanças para que possamos atingir nossos objetivos enquanto terapeutas.

Esta flexibilidade das oficinas proporcionava uma real escuta das necessidades dos participantes, pois apesar de oferecermos uma proposta mais definida ela poderia ser inteiramente modificada se o grupo demonstrasse determinadas necessidades. Isto demonstra um caráter improvisacional que o grupo de terapeutas necessita ter para lidar com as adaptações necessárias que surgem no momento.

Na área do teatro, aplicamos vários exercícios de expressão corporal que explorava sempre movimentos no espaço, percepção do próprio corpo e percepção do outro. Bonecos fantoches foram usados, estes estimulavam a imaginação e o universo lúdico de que tanto gostavam. Fizemos também uma oficina de confecção de bonecos de jornal. Outra atividade desenvolvida foi o circo, levamos os participantes para o circo da UNESP, onde procuramos desenvolver e explorar os limites corporais e suas superações através dos exercícios como, cambalhotas, saltos e etc.

Na área de artes plásticas, eles puderam pintar telas, fazer grafites, colagens e trabalhar com cerâmica. Na música, criaram instrumentos a partir de material coletado nos arredores da Universidade e tocaram depois todos juntos os seus instrumentos como numa orquestra. Com as vozes também criaram uma música, onde cada um era um instrumento diferente.

Todas estas atividades foram dadas em módulos de aproximadamente um mês para cada área, mas isto não significa que não tenhamos dado um aquecimento corporal antes de eles pintarem uma tela, por exemplo, ou seja, as áreas se misturavam também apesar de uma prevalecer mais em detrimento das outras.

Foi, portanto, um ano muito enriquecedor para minha formação enquanto artista de teatro ter participado deste projeto de arte inclusiva. É muito gratificante ver que a arte tem um poder muito grande na desenvoltura de qualquer ser humano e que tem força enquanto estimuladora da expressividade pessoal. O que se percebe do início para o fim do ano é uma grande superação de limites e vontade de lutar dos participantes. Num processo contínuo de busca do seu próprio conhecimento, do outro e da realidade que nos cerca num ambiente protegido dos dissabores da vida.

ANEXO 03 E 04 - REPORTAGENS

Unesp promove projeto de arte inclusiva em São Paulo***Oficinas gratuitas acontecem no Instituto de Artes às segundas-feiras.***

O projeto de extensão ArtInclusiva, realizado no Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo, SP, atende pessoas psicologicamente limitadas e com necessidades especiais. Busca, por meio da arte, promover a integração, a elevação da autoestima e a socialização.

O ArtInclusiva oferece, semanalmente, oficinas de pintura, circo, dança, teatro, música, cerâmica, entre outras linguagens artísticas. O projeto, porém, não é só para pessoas especiais, pois, enquanto são realizadas as oficinas, as famílias recebem atendimento.

No início do processo, os pais ou responsáveis respondem uma primeira avaliação e os participantes, um questionário de qualidade de vida, que é apresentado e reavaliado a cada 6 meses, tendo em vista a evolução de cada um.

Sob a coordenação da professora Suely Master há dois anos, o projeto conta com uma equipe de oito arteterapeutas, entre eles, psicólogos, fonoaudiólogos, músicos, atores, artistas plásticos, além de três bolsistas da graduação.

A equipe se reúne antes de todos os encontros para discutir a programação das oficinas e o desenvolvimento tanto dos participantes quanto dos profissionais. Segundo a coordenadora, Suely, "é importante, principalmente para os alunos da graduação, que, em uma universidade de artes, seja apresentada essa possibilidade de campo de trabalho e pesquisa, que é a integração da terapia com a arte".

O trabalho, que já tem mais de dez anos, está instalado há dois no IA. Segundo Valéria Rodrigues, psicóloga e arteterapeuta do projeto, "a realização das oficinas aqui no IA é muito importante para o processo de socialização". "Um dos diferenciais do projeto é que as pessoas que frequentam as oficinas passam a conviver em um lugar diferente, onde encontram cursos e atividades, não estigmatizado, no qual se sentem mais incluídos".

Para Natasha Sonna, 21 anos, bolsista da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex) e aluna do segundo ano do curso de Arte-Teatro, "trabalhar aqui é extremamente gratificante". "Precisamos nos colocar de maneira aberta, não podemos ser arrogantes. Trabalhamos para entender o outro, entender o ser humano. É incrível, é muito bonito poder ver nos trabalhos a superação de limites."

Roberta Lima de Arruda, 30 anos, que participa das oficinas, afirma que "o ArtInclusiva é uma parte importante da minha vida, aqui tenho amigos. Gostamos de dançar, de fazer bonecos, fazer

teatro. É como se tivesse um trabalho. Conheço pessoas e aprendo a fazer coisas novas, como cantar e pintar."

Também participante das oficinas, Henrique Picchioni Enoki, 34 anos, acrescenta: "Aqui é muito bom. A gente se solta fazendo circo, pintura, desenho. Gosto daqui porque também recebem a minha família. No projeto, experimentamos a arte com o objetivo de lidar com as nossas dificuldades."

As atividades, inteiramente gratuitas, acontecem às segundas-feiras, entre 14h30 e 16h30

O IA fica na rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Bloco I, na Barra Funda, defronte ao Terminal do Metrô.

Informações e inscrições, com Meire: 11-3393-8607.

Luciana Maria Cavichioli, bolsista Santander Universidades, IA/São Paulo
31/08/2012/ portal Unesp.



Diário Oficial

Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin - Governador

PODER
Executivo

SEÇÃO I

Palácio dos Bandeirantes Av. Morumbi 4.500 Morumbi São Paulo CEP 05650-000 Tel. 2193-8000
Volume 122 • Número 225 • São Paulo, sábado, 1º de dezembro de 2012 www.imprensaoficial.com.br

imprensaoficial

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

"Você não faz ideia de como isto me faz bem"

Projeto de extensão da Unesp promove a socialização e inclusão de pessoas com deficiências intelectuais por meio da arteterapia



Sem limitações:
aulas de teatro ajudam na integração

Ao contrário das pessoas que no final do domingo sentem um nó na garganta só pela proximidade do primeiro dia útil da semana, os participantes do projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o Artinclusiva, aguardam as segundas-feiras com grande entusiasmo.

Há cerca de dois anos, semanalmente, neste dia, são realizadas as oficinas de pintura, circo, dança, teatro, música, cerâmica, entre outras linguagens artísticas que integram a iniciativa, no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. A proposta, de acordo com a coordenadora, a fonoaudióloga Sueli Mäster, é promover a socialização, a elevação da autoestima e a inclusão de pessoas com deficiências intelectuais por meio da arteterapia.

"Nossa, você não faz ideia de como me faz bem", resume Roberta, de 31 anos, que frequenta as atividades, desde que começaram. Ao vê-la participar da oficina de teatro, fica fácil ter ao menos noção disso, já que, ao ser convidada a cantar, ela se solta e manda seu recado: "Preciso aprender a andar sozinha para ouvir minha própria voz (...)".

Logo depois, revela a sua inspiração: "Cantei *Eu não paro*, da Ana Carolina, que adoro. E essa letra é muito significativa para mim, porque tenho muita vontade de trabalhar e andar sozinha. Muita, demais", ressalta. Roberta vê as atividades da Unesp como uma ajuda para, quem sabe, em breve, realizar o seu sonho: "Gostaria de trabalhar como secretária, anotando recados, ou telefonista, porque sou louca por telefone", planeja.

Proposta diferenciada

Pedro, de 21 anos, diz gostar de participar da ação porque as oficinas ocupam a sua cabeça e lhe dão paciência. "Eu apertava, fugia. Não faço mais isso". Com a arteterapia, Roberta também fica mais tranquila. "Antes eu era



Roberta (de branco) participa da oficina de música: socialização, elevação da autoestima e inclusão de pessoas com deficiência

muito nervosa, agora sou mais equilibrada, estou até namorando", alegre-se. Recorda que quando era pequena teve várias convulsões e, até hoje, tem de tomar muitos remédios para evitá-las. "Eles me causam alguns sintomas ruins, fico tonta. O que faço aqui me ajuda nisso também".

Sua mãe, a assistente de figurino Fátima Aparecida Arruda, explica que Roberta nasceu com déficit intelectual, e que as atividades realizadas na Unesp são essenciais para o seu desenvolvimento. "Não adianta levá-la apenas para a escola ou para a Apae, porque ela precisa também de um local para se expressar", afirma.

Para o economista aposentado Florindo Katsuhisa Enoki, pai de Henrique, de 37 anos, o Artinclusiva é uma proposta diferenciada para o filho com paralisia cerebral.

"Ele está tendo a oportunidade de mostrar as coisas que gosta de fazer, como cantar. Adora música, é um cara incrível, tem uma memória extraordinária para letras de canções, nomes de autores, datas e anos de composição. E aqui ele consegue se expressar, sem que seja reprimido por alguém. Muito pelo contrário, é motivado a fazer isso", afirma.

Atendimento e formação

Outros méritos do projeto, segundo Enoki, são o fato de ele estar inserido na universidade e envolver a busca por uma metodologia para a inclusão. "A gente ouve muito falar em inclusão do deficiente, mas na verdade não existe um protocolo que leve a ela. O que a gente está vendo aqui na Unesp, e acho que é uma coisa pioneira, é

a procura por um caminho para a inclusão efetiva do deficiente. Porque o que se vê hoje em dia no mercado de trabalho, por exemplo, muitas vezes não passa de um rótulo", emociona-se.

A ação integra atendimento e formação. "Aqui a gente tem ensino, pesquisa, extensão, atendimento, inclusão e arte. Tudo junto", afirma a coordenadora, que o assumiu em 2010, ano em que as atividades, iniciadas em 2002 na Estação Especial da Lapa, foram transferidas para o campus da Unesp. Na ocasião, o projeto passou a funcionar vinculado ao curso de especialização em arteterapia, desenvolvido na instituição.

CONTINUA NA PÁG. IV

Construção e reconstrução

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA I

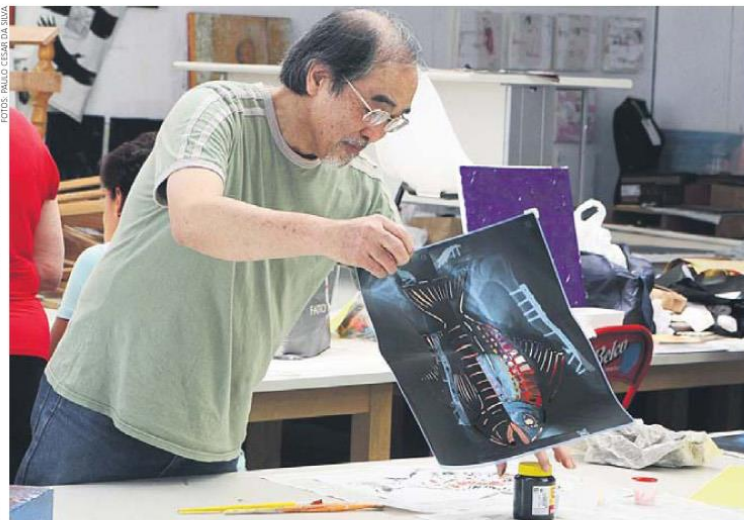
O arteterapeuta e professor de teatro José Antonio do Carmo lembra que a transição aconteceu bem no momento do término do seu curso. "Quando estávamos no final da pós-graduação, resolvemos montar um grupo para discutir e vivenciar a arteterapia, o Acate - Ateliê Compartilhado de Arte e Terapias Expressivas. E, ao sabermos da vinda do projeto Artinclusão para cá, nos organizamos para assumir o atendimento, sempre com a ajuda da Ana", explica.

O Artinclusão promove em suas oficinas bem-estar para pessoas com deficiências intelectuais de todas as idades e para os seus cuidadores

Carmo se refere à psicóloga Ana Kiyon, professora do curso e supervisora das atividades terapêuticas. "Há um potencial incrível de trabalho aqui. As oficinas são bem conduzidas, e o lugar é muito propício", avalia a supervisora. Segundo ela, a arte oferece um potencial de trabalho muito grande para a promoção da inclusão. "Ela é a expressão mais direta da subjetividade humana e é extremamente potente para o resgate da estima e da liberação das pressões", explica.

A equipe profissional conta com o trabalho de oito arteterapeutas, a maioria oriunda do Acate. Eles compõem um grupo multidisciplinar de psicólogos, atores e artistas plásticos, que atuam voluntariamente. Três bolsistas da graduação de licenciatura em arte-teatro completam o quadro.

Antes de cada dia de atividades, são realizadas reuniões para as discussões sobre a programação e o desenvolvimento dos participantes e profissionais. Suely é a coordenadora-geral, e seu enfoque está vinculado às questões institucionais. "Esse projeto de extensão, além do atendimento que promove, permite a complementação da formação".



Enoki, pai de Henrique: "Aqui, ele consegue se expressar sem que seja reprimido por alguém, pelo contrário, é motivado a fazer isso"

Segundo ela, todas as supervisões estão sendo gravadas e ficarão disponíveis para pesquisa. "Alguns alunos da graduação estão transcrevendo as gravações e relacionando os aspectos mais importantes para trabalhar em cima deles", diz a coordenadora.

Para a arteterapeuta Edelweiss Souza, o projeto está desenvolvendo referências importantes para o trabalho de inclusão. "Um modelo definido ainda não temos, mas estamos construindo uma metodologia, da melhor forma possível. A gente passa pela supervisão e estuda junto, num processo de construção e reconstrução".

Bolsista há dez meses no Artinclusão, Natasha Sonna, do segundo ano de licenciatura em arte-teatro, diz que, ao saber de vaga para a ação, decidiu participar. "Porque é um trabalho muito rico, que me dá oportunidade de entrar em contato com o teatro e de transmitir o que aprendo. Ou seja, aqui a gente aprende e aplica", salienta. Seu colega de curso, Kauê do Carmo, conta que foi motivado pela curiosidade e tem sido recompensado. "Estou aprendendo muito aqui".

Cuidado com os cuidadores

— A ajudante de cozinha Fátima Correa Fernandes teve de fazer um grande

esforço para que seu filho Diógenes, de 27 anos, autista, pudesse frequentar o projeto da Unesp. Moradora de Ermelino Matarazzo e sem carro na garagem, precisava utilizar o transporte público para chegar à Barra Funda. "Tenho síndrome do pânico, não conseguia pegar o Metrô", lembra.

Mas o zelo de mãe gritou mais alto. "Um dia tomei coragem e vim". Com essa decisão, mesmo sem saber, Fátima encontrou um espaço de terapia para ela também. Há cerca de dez meses, o atendimento do Artinclusão foi estendido aos cuidadores. "São aqueles que trazem o participante e são responsáveis pelos cuidados de que eles necessitam, na maioria das vezes um dos pais", explica Edelweiss.

"A proposta surgiu da percepção de que esses cuidadores geralmente não encontram espaço para pensar em si mesmos, mas tinham aquele tempo ocioso, em que ficavam à espera do fim das oficinas", informa Suely. "Eu gosto de vir aqui, muito. Estou conseguindo pegar o Metrô, sair fora dos meus medos e participar de mais coisas com o meu filho", comemora Fátima.

As atividades para os pais e responsável ocorrem paralelamente às do público inicial do Artinclusão e, até agora, abrangeram trabalhos com cerâmica, estêncil e ikebana. "A gente vinha trazê-los e ficava apenas esperando, jogando conversa fora. Agora, contamos com um momento para nós também", ressalta outra Fátima, a mãe de Roberta.

Ansiedades e projeções — "Eu realmente estava precisando disso", comenta a assistente de figurino. Segundo ela, os cuidados especiais que um

deficiente requer acarretam carga extra de compromissos e dificuldades. "Normalmente, os cuidadores são vítimas de sentimentos como a frustração, a tristeza e a falta de identidade, por causa da grande carga de compromissos e dedicação que isso exige", explica a psicóloga Ana Maria Kiyon.

"No início, eles achavam que iam aprender mais sobre como lidar com os filhos. Mas o aprendizado é de como lidar com eles mesmos, suas ansiedades e projeções", complementa a arteterapeuta Edelweiss Souza, articuladora das oficinas dos cuidadores, ao lado da colega Bete Nóbrega.

A professora aposentada Marlene Candiotti, mãe de Paulo Eduardo, de 35 anos, diz que quando chegou ao projeto se identificava apenas como a "mãe do Paulo. Não era a Marlene". Acostumada a cuidar do filho, que nasceu com síndrome de Asperger e aos 10 anos sofreu um comprometimento cerebral, nunca pensou em fazer qualquer tipo de atividade sozinha. "Quando eu trabalhava, levava o Paulo para a sala de aula e, assim que me aposentei, passei a me dedicar só a ele", comenta.

Por isso, ao ficar sabendo da oficina, disse que não queria. "Estava muito deprimida. Nunca tinha feito nada para mim e me assustei". Hoje, não se arrepende de ter aceitado o conselho dos companheiros de atividades para experimentar a novidade. "Isso aqui tem sido a minha terapia. Tanto quanto o Paulo, espero ansiosamente pela segunda-feira", afirma.

Simone de Marco
Da Agência Imprensa Oficial



Entre as ações realizadas na Unesp, oficina para cuidadores

SERVIÇO

O projeto de extensão da Unesp (Artinclusão), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária, recebe em suas oficinas pessoas de todas as idades, com deficiências intelectuais.

Participação gratuita de segunda a sexta-feira, das 14h30 às 16h30, no Instituto de Artes — Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda. Ingresso de participantes é aceito durante todo o ano, mas está condicionado à realização de uma entrevista prévia, na qual é avaliado se o candidato tem condições de acompanhar as atividades. Limitações muito severas impossibilitam a participação. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 3393-8607